



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

DIDÁCIO DOS SANTOS GONÇALVES FREI

Educar com amor - educar para a sexualidade

Contributo para a primeira unidade letiva do 8.º Ano “O AMOR” do programa de escolaridade de Educação Moral Religiosa Católica

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.ª Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

Braga

2017

“Ama e faz o que quiseres.
Se calares, calarás com amor;
se gritares, gritarás com amor;
se corrigires, corrigirás com amor;
se perdoares, perdoarás com amor.
Se tiveres o amor enraizado em ti,
nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos”.

Santo Agostinho

Para a Inês, a quem tirei muitas horas de brincadeira.

Para o David, que vive no espaço da fantástica adolescência.

Para a “aruaL” Laurinda, companheira da estrada da vida, que arcou com maior responsabilidade familiar devido às minhas presenças ausentes, no deambular de horas de pesquisa do “Amor”, mas sempre a pensar neste lar, porto de abrigo, que amo manifestando todas as suas dimensões.

Agradecer a um sem número de pessoas, que me ajudaram a não desistir deste projeto de ser professor profissionalizado de EMRC.

Nos muitos que estiveram comigo nesta barca de sonho agradeço a partilha dos colegas de estágio de Tondela, *Joel e Paula Jorge*, a amizade, a simplicidade e o apoio da Prof.^a *Isabel Baptista* e a insistente persistência da Prof.^a Doutora *Isabel Varanda*.

Quero referir, o apoio e o impulso de muitos amigos e companheiros de jornada, que suportaram as minhas “olheiras”, desabafos e a falta de tempo na partilha da vida.

SIGLAS, ACRÓNIMOS, ABREVIATURAS E TERMOS LATINOS

1Cor	Livro da 1. ^a Carta de Paulo aos Coríntios (Bíblia)
2Jo	Livro da 2. ^a Carta de S. João (Bíblia)
Ap	Livro do Apocalipse (Bíblia)
a.C.	Antes de Cristo
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CEEC	Comissão Episcopal de Educação Cristã
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
Cf.	Conferir, confrontar, consultar
Ct	Livro do Cântico dos Cânticos (Bíblia)
CRP	Constituição da República Portuguesa
DL	Decreto-Lei
d.C.	Depois de Cristo
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
DGC	Diretório Geral da Catequese
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
Ef	Livro da Carta de Paulo aos Efésios (Bíblia)
ERE	Ensino Religioso Escolar
Gn	Livro do Génesis (Bíblia)
<i>Ibidem</i>	Na mesma obra, no mesmo lugar
Is	Livro do Profeta Isaías (Bíblia)
Jr	Livro do Profeta Jeremias (Bíblia)
Jo	Evangelho segundo S. João (Bíblia)
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
Lc	Evangelho segundo S. Lucas (Bíblia)
Mt	Evangelho segundo S. Mateus (Bíblia)
Op. cit.	<i>(opus citatum)</i> - obra citada
Os	Livro do Profeta Oseias (Bíblia)
PES	Prática de Ensino Supervisionada
SNEC	Secretariado Nacional de Educação Cristã
UL	Unidade letiva

ÍNDICE

RESUMO.....	7
PALAVRAS-CHAVE.....	7
ABSTRACT.....	8
KEYWORDS.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – O AMOR E A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE.....	13
1. Os desafios da sociedade e da cultura para a vivência do amor.....	13
2. Na procura de uma definição de amor.....	20
2.1. <i>O que é o Amor?</i>	20
2.2. <i>Dimensões do Amor</i>	22
3. Desafios e problematização da sexualidade humana.....	25
3.1. <i>Definições de sexualidade</i>	28
3.2. <i>Desafios à educação para a sexualidade</i>	31
4. Amor e sexualidade - relação mútua.....	35
4.1. <i>O corpo linguagem do amor e da sexualidade</i>	36
4.2. <i>Manifestações da reciprocidade do amor e da sexualidade na família</i>	40
5. O Amor na mensagem bíblica.....	42
5.1. <i>Deus cria por amor</i>	43
5.2. <i>O Cântico dos Cânticos, um hino ao amor humano</i>	44
5.3. <i>O Amor humano, “metáfora do Amor Divino”</i>	45
5.4. <i>O Amor, em São Paulo</i>	47
Síntese.....	49
CAPÍTULO II – A ADOLESCÊNCIA E A EDUCAÇÃO DA SEXUALIDADE.....	51
1. Adolescência, uma etapa no crescimento da pessoa.....	51
2. Educação para a sexualidade. Porquê e para quê?.....	57
3. Educar para o amor no contexto da disciplina de EMRC.....	59
Síntese.....	61

CAPÍTULO III - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA – UM CONTRIBUTO PARA A UNIDADE LETIVA - “O AMOR” - DO 8.º ANO DE ESCOLARIDADE DE EMRC.....	63
1. A Educação Moral e Religiosa Católica nas Escolas.....	63
2. Pedagogia e didática para a lecionação da unidade letiva	
“O Amor”, do 8.º ano de escolaridade.....	72
2.1. <i>Contextos de lecionação.....</i>	72
2.1.1. Agrupamento Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro.....	72
2.1.2. A turma e os alunos.....	74
2.2. <i>Programa, proposta de metas de aprendizagem,</i> <i>objetivos a atingir, conteúdos a desenvolver,</i> <i>estratégias de ensino e avaliação das aprendizagens.....</i>	76
2.3. <i>Apresentação da planificação da unidade letiva.....</i>	83
2.4. <i>Síntese e avaliação da lecionação.....</i>	118
 CONCLUSÃO.....	122
 BIBLIOGRAFIA.....	125
 ÍNDICE DE ANEXOS.....	134
 ANEXOS	135

RESUMO

O amor é um desafio para uma sociedade estereotipada pelo consumismo de efêmeros produtos, de ideais desfeitos, de desresponsabilização descartável, mas com raios de lucidez e de esperança de que é possível viver numa civilização de amor.

A educação para a sexualidade continua envolta em problemáticas educativas. É urgente que os adolescentes descubram a verdadeira vivência do amor e dos afetos, alicerçada numa cultura da vida, do respeito, da dignidade humana, do corpo como manifestação da pessoa, em relação consigo e com os outros, numa integralidade do ser, criado à imagem e semelhança de Deus.

A adolescência como etapa de crescimento da pessoa funda-se na família que acolheu, num projeto a dois, uma nova vida que cresce e brota como crisálida em metamorfose, de flor em flor, à procura da sua identidade, construindo-se como pessoa. Esta borboleta de mil cores é um hino ao amor humano, com o carinho, a paciência, o perdão, a generosidade e o encanto do enamoramento humano pelo Amor Divino, na tríada da Santíssima Trindade.

PALAVRAS-CHAVE: amor, adolescência, sexualidade, educação.

ABSTRACT

Love is a challenge for a society stereotyped by the consumerism of ephemeral products, of broken ideals, of disposable irresponsibility, but with rays of lucidity and hope that it is still possible to live in a civilization of love.

Education for sexuality is involved in educational problems. It is imperative for adolescents to discover the true experience of love and affection, grounded in a culture of life, respect, human dignity, facing the body as a manifestation of the person, in relation to himself and to others, in an internality of being, raised in the image and likeness of God.

Adolescence, as a stage of growth of the person, is based on the family that has welcomed, in a life project, a new life that has grown and sprung like a chrysalis in metamorphosis, from flower to flower, looking for his identity, building himself as a person. This butterfly of thousand colours is an anthem to love, with the affection, patience, forgiveness, generosity and delight of the human love for Divine Love, in the triad of the Holy Trinity.

KEYWORDS: love, adolescence, sexuality, education.

INTRODUÇÃO

Ao olhar para os desafios que o mundo coloca aos adolescentes de hoje, vemos um caminho de esperança, uma realidade humana onde o Espírito de Deus encontra uma terra fértil ao seu crescimento, capaz de fazer florir verdadeiras vidas com sentido, mas que, muitas vezes, vivem a experiência do vazio e da superficialidade que a sociedade e a cultura lhes preparam.

Temos muitos meios, muitas ideias, muitas opiniões, todavia faltam “luzes vivas”, orientadoras que permitam encontrar os caminhos para a felicidade, que só é possível quando se encontra o verdadeiro sentido da vida e do amor.

Nesta caminhada, os adolescentes, pela sua essência e pelas características que os determinam, manifestam uma grande inquietação e procura de algo maior. Não sendo uma procura unilateral¹, esta está marcada pela tentativa de provocar o encontro entre o material e o espiritual, entre a ânsia de viver a vida de cada dia, entre o distante e o mais íntimo, entre a alma do universo e a totalidade do seu ser e existir, entre o prazer momentâneo e o amor oblato.

Foram estas inquietações que nos levaram a escolher a Unidade Letiva “O AMOR”. Sabendo que o amor tudo transforma e dá sentido à vida, urge, no mundo digital e tecnológico, educar os adolescentes com amor para que eles vislumbrem a possibilidade de ultrapassar obstáculos e dificuldades que a vida coloca a todos, no seu tempo e de acordo com as suas circunstâncias, mas que permitem encontrar o sentido para a vida e uma vida com sentido. Para que os aprendentes vislumbrem a possibilidade de ultrapassar obstáculos e dificuldades que a vida a todos coloca, no flamar do tempo com esperança e audácia, teremos que lhes indicar a rota a seguir e entregar o leme com orientações e uma mão de apoio sempre que a solicitem.

Neste relatório da Prática de Ensino Supervisionada (PES) pretendemos analisar os desafios que a sociedade e a cultura atual colocam à vivência do amor e da sexualidade dos adolescentes, neste delineamento educativo. Este ensaio irá levar-nos a uma reflexão sobre os conceitos de amor e da sexualidade, numa perspetiva humanista, científica e pedagógica. Iremos balizar a nossa reflexão sobre amor e a sexualidade humana no contexto da relação

¹ O amor é considerado bilateral, existe entre pessoas, é social. O seu ser é interpessoal e não individual e sua natureza é contrária à divisão e ao isolamento.

heterossexual, conscientes da importância que outras expressões e orientações sexuais apresentam nos dias de hoje, mas que não são o objetivo do nosso trabalho.

Na educação para o amor e para a sexualidade existem respostas para perguntas que são formuladas, muitas vezes em silêncios envergonhados, pelos adolescentes, verdadeiros protagonistas de mudanças, que podem ser comparadas, por defeito, ao tempo embrionário, de desenvolvimento uterino. A educação deve permitir encontrar respostas às questões que a vida lhes coloca, assim como a todos aqueles que fazem parte do crescimento das suas vidas, “em estatura, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2,52)”².

Não existirão, também, perguntas para as quais não há ou não temos ainda resposta e respostas que almejam ser encontradas? Pedagogiza muito a educação que “existem respostas” a propor para perguntas que não de continuar a brotar. Pela intimidade e unidade intrínseca ao ser humano que o amor e a sexualidade requer, não deveria haver respostas pré-feitas, mas simplesmente de descoberta. Na educação, mais do que questionar pedagogias e metodologias, deveríamos integrar a pedagogia do conduzir, orientar, acompanhar o adolescente na descoberta do seu Eu, dos seus enunciados, na forma como apresentar e dialogar as suas questões pessoais, existenciais e religiosas. Tornar estas pessoas em metamorfose constante, em adolescentes capazes de escutar, criticar, empreender, permitindo crescer no seu autoconceito e na sua autoestima responsável e comprometida de uma bela crisálida que se transformará numa belíssima borboleta de muitas cores.

Será que a educação está desfasada das questões que a vida dos adolescentes apresenta? Será que existe uma verdadeira coerência entre a teoria e a prática? Acarta ao docente conhecer e empreender as boas práticas de educação para a saúde, mormente da educação para a sexualidade em meio escolar, promotoras de vidas saudáveis e responsáveis. Neste sentido, iremos apresentar uma reflexão sobre a educação para o amor e educação para a sexualidade, alicerçada no Programa de EMRC, no Projeto Educativo do Agrupamento Tomaz Ribeiro e no Plano de Ação Estratégica com a finalidade de responder às exigências dos adolescentes inseridos na sociedade e cultura dos dias de hoje, onde aparecem, tantas vezes, estas temáticas esvaziadas da sua verdadeira essência, mas que o professor de EMRC pode e deve

² Bíblia Sagrada. Versão Dos Textos Originais. Coordenação José Augusto Ramos e Herculano Alves. 5ª Edição (Fátima: Difusora Bíblica, 2008).

complementar com a perspectiva de liberdade responsável e felicidade, pilares fundamentais da vida do ser humano.

Tendo presente esta urgência de discernimento e de lucidez, implicamos no processo o professor de EMRC que no seu laborar, educa para a consciência moral, à luz dos valores cristãos sem ser uma utopia ou uma quimera. Esta forma de educar poderá levar à promoção do ser humano-pessoa e à negação do ser humano-objeto de mercado, rejeitando todas as formas de alienação do mesmo ser humano, onde a sexualidade sem amor serve de moeda de troca para obtenção egoísta do prazer e do sucesso fácil.

Em termos metodológicos, este trabalho está redigido em três capítulos. Neste relatório valorizamos a análise crítico-reflexiva, passando pela pesquisa, estudo e análise da bibliografia correspondente à temática apresentada. No que se refere à metodologia de referencial bibliográfico, utilizámos a Norma Chicago 16A, estabelecida nas normas para este trabalho.

Assim sendo, no primeiro capítulo, designado o *amor e a educação para a sexualidade*, faremos uma breve diagnose da sociedade e da cultura atual, como forma de adequar as aulas, em conformidade com as necessidades e questões colocadas pelos aprendentes, similar à precisão imperecedoura de atualização de conhecimentos do professor.

Posteriormente, efetivaremos o enquadramento teórico, no qual se plasma a conceptualização do amor e enfatiza os desafios da sexualidade humana, procurando descortinar a relação mútua, existente, entre amor e sexualidade. Nesta corrente de definições, expressões, manifestações e vivências do amor, conduziremos os alunos por uma viagem, cujo manual de bordo será construído pelos próprios, numa proposta de descoberta e consciencialização, de que cada um faz a sua viagem, nos mares da Casa Comum, transbordada de pessoas que todos têm o dever de respeitar. Identificaremos, ainda neste capítulo, algumas das expressões de amor presentes ao longo da nossa existência. Similarmente, abordaremos o amor na mensagem bíblica, descobrindo os fundamentos cristãos que estão na origem da proposta da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

De seguida, no segundo capítulo, problematizaremos *a adolescência e a educação para a sexualidade*, refletindo sobre o que significa ser adolescente e de que forma esta etapa da vida humana é tão importante na construção da identidade da pessoa. Nesta reflexão, teremos como objetivo central perceber a relevância e o cuidado que a educação para a sexualidade tem para a educação integral do ser humano, onde o ato de educar com amor é a tentativa sempre

renovada do encontro com o sentido da vida. O segundo capítulo culmina com uma reflexão sobre a pertinência desta temática no currículo de Educação Moral e Religiosa Católica, do 8.º ano de escolaridade e, em especial, o seu contributo para uma compreensão global do amor.

No terceiro capítulo, denominado *prática de ensino supervisionada – um contributo para a unidade letiva – “O AMOR”- do 8.º ano de escolaridade de EMRC*, partimos de uma abordagem sobre o papel que a EMRC tem na escola, enquadrando a abordagem pedagógica e didática desta Unidade Letiva na turma B, do 8.º ano, do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro. Neste capítulo, dedicado à contextualização da supramencionada UL do programa da disciplina de EMRC, descrevemos de forma sucinta, a comunidade educativa, a turma e os alunos envolvidos na PES, condição indispensável à elaboração de uma planificação desta área disciplinar. Seguidamente, faremos uma proposta de planificação da unidade letiva em seis aulas, onde apresentaremos as metas de aprendizagem, os objetivos a atingir, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino e a avaliação da unidade letiva. Como termos desta unidade letiva, faremos a avaliação da lecionação e da PES. Apresentaremos ainda, as opções efetuadas ao longo da lecionação tendo como base o referencial teórico trilhado para a abordagem do tema.

Teremos como objetivo central deste trabalho refletir de que modo a EMRC pode ser um instrumento fecundo, capaz de incrementar nos adolescentes a descoberta do verdadeiro caminho do amor e da sexualidade humana, para poderem tomar as decisões assertivas face à sociedade e à cultura onde se encontram, propondo alternativas fundamentadas e significativas aos dilemas inerentes à sua realidade.

CAPÍTULO I – O AMOR E A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

Ao longo da história da humanidade a temática do amor foi tratada como uma das características constituintes e fundamentais da pessoa. Nas diversas formas de se expressar e de comunicar, nomeadamente, na arte, o ser humano foi demonstrando as formas que mais valorizava, como expressões do amor humano. Podemos afirmar que o amor acabou por ser visualizado e apresentado conforme as coordenadas marcantes de cada época da história.

A filosofia foi, por excelência, uma das ciências que descreveu, de forma mais pormenorizada, o que é o amor. É atribuído a Platão³ um dos primeiros significados do amor. Este qualifica-o como algo puro, centrado na beleza do caráter, na inteligência. Platão começou por valorizar, mas não ficou centrado no exterior da beleza dos corpos, mas nas outras dimensões da metafísica do amor humano, relacionadas com os valores do ser que o conduzem ao desejo do bem, da felicidade e da sabedoria.

Tendo como ponto de partida esta abordagem, propomo-nos compreender a sociedade atual, que pode contribuir beneficentemente ou não para o discernimento do significado do amor. Será que este é entendido como uma paixão, uma dimensão exclusivamente física ou uma dimensão inatingível?

De forma sucinta, patenteamos as características da sociedade atual, as quais, influenciam e condicionam a educação para a sexualidade, que por sua vez nos conduz a uma conceção de amor inclusivo e integral.

Tendo em conta a especificidade da disciplina de EMRC abordaremos o amor na mensagem bíblica, procurando descobrir os fundamentos cristãos do amor que estão alicerçados na mensagem de Deus para os seres humanos de todos os tempos.

1. Os desafios da sociedade e da cultura para a vivência do amor

A sociedade e a cultura atravessam, inequivocamente, um período de inconstância e de crise no seu processo de evolução histórica. O inexorável devir, a que a história e a humanidade estão sujeitas, colocam vários desafios que, voluntária ou involuntariamente, compelem a ajustes e a alterações comportamentais.

³ Platão, filósofo grego que viveu entre 427 e 347 a.C..

Reflexões como: “O que somos?”, “De onde vimos?” e “Para onde vamos?...”, nunca se esgotam e ditam toda a pertinência para uma leitura aprofundada, da qual, a educação não pode ficar alheia, pois deve dar respostas. Estas reflexões e esta situação de mudança causam hoje um clima de instabilidade e angústia, acomodada à incerteza e à indefinição instaladas no seio da sociedade.

Como descreve o Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

“Nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e o poder, debate, porém, muitas vezes com a angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e coletivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem”⁴.

A sociedade moderna é, cada vez mais, sinónimo de um processo de “desenvolvimento industrial, científico e técnico que se autonomizou progressivamente e escapou ao controlo social”⁵.

Neste terceiro milénio da existência da Igreja de Cristo surgiu uma sociedade marcada por um humanismo, desprovido de transcendência, que desafiou os seus pastores e teólogos a “provar” profundamente o significado da Criação e da Salvação à luz do mistério cristão.

A sobrevalorização mundanária levou alguns pensadores a colocar a questão: Se o ser humano é a medida de todas as coisas, que necessidade temos de Deus⁶? Esta pergunta exige da Igreja e da disciplina de EMRC uma nova postura e uma resposta efetiva a este tempo novo que continua a ter necessidade de encontrar as razões de existir que passam por Jesus Cristo e pela Sua mensagem cristã. O cristianismo deverá reinventar a sua forma de se apresentar e de comunicar, que usou ao longo de vários séculos, para irradiar a sua mensagem atemporal e transcultural aos homens e mulheres de hoje⁷.

Indubitavelmente, a contemporaneidade contribuiu para o aperfeiçoamento do ser humano. Os contributos da ciência positiva e da tecnologia são incontestáveis. Do ponto de vista mundanário o ser humano está hoje com índices de educação, qualidade de vida, saúde e

⁴ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et spes* (Braga: Editorial A. O., 1983), n.º3.

⁵ Cf. Deolinda Serralheiro, *O ensino religioso católico na escola pública*, (Montréal: Vol. I, Montréal, 1993), 227.

⁶ Protágoras, filósofo grego (450 a.C.), inaugurou a ideia de que a verdade depende da experiência pessoal, concluindo que qualquer afirmação será sempre relativa a uma perspetiva, a uma sociedade ou ao modo de pensar e, por isso afirmou: O ser humano é a medida de todas as coisas.

⁷ Cf. Deolinda Serralheiro, *O ensino religioso católico na escola pública*, 234.

emprego, condições jamais existentes, globalmente. No entanto, levanta-se a questão: será que os grandes sucessos não são agora, ironicamente, um fator a contribuir para a queda do próprio ser humano? As exigências do espírito humano requerem mais do que aquilo que a atualidade tem sido capaz de oferecer. É, por isso, que está em declínio, muito embora haja raios de esperança, num lumiar que estando próximo, se faz longe. Há indícios de novas possibilidades para o esforço humano, precisamente por ser humano. Nesta mudança temporal acentua-se a necessidade de repensar os significados últimos: do sentido da vida, do sentido do futuro, do sentido da própria Igreja.

Existe a necessidade de combater a ideologia do cientismo, que toma a forma e os métodos das vivências empíricas na única norma ou modelo válido para todo o conhecimento humano, para a depreciação ou mesmo rejeição aberta de outras pretensas formas de conhecimento, especialmente as da fé.

Segundo Enrique Rojas, “o ser humano não tem pontos de referência - vive num constante vazio moral, é um infeliz, ainda que pense que tem tudo, vive sem nada. Podemos dizer que é um sujeito que tem uma “vida vazia e sem rumo”. Um ser humano rebaixado à categoria de objeto, que só vive para si mesmo e para o prazer sem restrições”⁸.

As consequências referidas não são, contudo, as mais significativas. Durante muito tempo, supunha-se que a razão era o campo mais importante do ser humano e constituía-se numa instância superior, à qual, era sempre possível referirmo-nos. Ao perder-se este critério, tudo passou a valer o mesmo. Esta é, *quiçá*, a consequência mais importante do declínio do império da razão. Não é raro depararmos com atitudes que nos chocam. Se nos ocorre dizer algo contra, argumentar-nos-ão: "e que podemos fazer contra isso?" Já não há terreno aceite por todos, a partir do qual se possa argumentar. Este relativismo, presente ao longo da história, atingiu grandes proporções com Max Weber⁹, no final do século XIX e foi marcando o pensamento moderno até aos dias de hoje. Nasceu, assim, o que se denominou por “Homem *light*”: um ser humano que afirma alguma coisa, mas está aberto a outras opiniões apesar de, no final, nem sequer dizer o que pretendia referir. Com base neste pensamento, ninguém se atreve a afirmar nada categorialmente, uma vez que derrocaram todos os sistemas globais de

⁸ Enrique Rojas, *o Homem light, Uma vida sem valores* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994), 56.

⁹ Karl Emil Maximilian Weber afirmou relativismo da ciência e da cultura quando afirmou que as teorias da ciência e a cultura eram a verdade até surgir alguém que as refutasse. O Relativismo, enquanto termo filosófico que assenta na relatividade do conhecimento e repudia qualquer verdade ou valor absoluto, e atinge a sociedade e cultura atual em todas as suas dimensões.

pensamento. Hoje não só as ideologias são postas em causa, como também as próprias religiões, onde quase ninguém pode ousar conceber afirmações globalizantes. Poderá dizer, quando muito, que é válido para si, mas não poderá ter a pretensão de que o seja para todas as pessoas¹⁰.

Nesta nova forma de estar e ser, até o que é falso, passou a ter um duplo sentido. A própria verdade é ultrapassada por o que aparenta ser verdade, ou seja, os factos objetivos e observáveis deixam de ser influentes, sendo ignorados, as emoções e as crenças pessoais tornam-se verdade coletiva. A esta forma de estar deu-se o nome de *pós-verdade* que é um falso consentido, assumido em função do que mais interessa a alguém.

A Revolução Francesa criou a tríade *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Marx aprofundou, depois, os conteúdos e as condições destas palavras¹¹. Quando se deu a derrocada da razão, caíram também com ela, pelo menos, a igualdade e a fraternidade. Consequentemente, o individualismo instalou-se, o triunfo pessoal, o desejo de sobressair a qualquer preço, ser “*beautiful people*”, converteram-se num modelo.

Com o fim dos grandes pilares e princípios estáveis que estruturaram a sociedade, surgiu uma nova fase sociocultural, onde se assiste a um exacerbamento de novos princípios¹² ou alterações dos mesmos, como reação à sociedade que foi apelidada de tradicional e subdesenvolvida. Esta crise de valores tem a sua expressão bem visível no individualismo, na permissividade, no culto dos sentidos, na corrupção, enfim, no consumismo. Quando não se quer pensar, porque se valoriza o sensorial, porque não se tem tempo de o fazer, fruto da vida agitada, compreende-se que as pessoas vivam quase só em função do imediato. Perdeu-se a consciência histórica e o sentido autêntico da vida que dotava a pessoa de competências para tomar decisões e viver em sociedade. Não existe o interesse ou a possibilidade em guardar as

¹⁰ Cf. Enrique Rojas, *o Homem light, Uma vida sem valores*, 26.

¹¹ Karl Heinrich Marx, de origem alemã, considerado o fundador da doutrina socialista e iniciador do comunismo, produziu ideias que tentaram destruir o sistema capitalista que, segundo Marx, impossibilitavam a vivência de uma sociedade ideal alicerçada na *fraternidade*, na *igualdade* e na *liberdade*. Estas ideias tiveram uma grande divulgação em todo o mundo, ao longo do século XX que sonhava uma sociedade sem classes, mas produzia a desordem e desigualdades; uma sociedade livre, mas sem regras; uma sociedade “dita” fraterna centrada no culto do “eu”. Esta ideologia produzia uma sociedade onde cada um agiria em função da sua vontade e onde cada indivíduo trabalharia segundo suas capacidades e receberia segundo suas necessidades.

¹² As “ideias anti-ideológicas”, movimentos feministas, movimentos de igualdade racial, direitos dos homossexuais, o anarquismo do final do século XX, movimentos antiglobalização e outras formas de exprimir o “vale tudo” desde que me satisfaça.

lições do passado e preparar o futuro. É só o presente que conta! A este propósito diz-nos Gilles Lipovetsky¹³ que:

"...viver o presente, apenas no presente e não já em função do passado e do futuro, é esta a perda de sentido da continuidade histórica, esta erosão do sentimento de pertença a uma sucessão de gerações enraizadas no passado e prolongando-se no futuro que caracteriza e engendra a sociedade narcísica. Hoje vivemos para nós próprios, sem nos preocuparmos com as nossas tradições nem com a nossa posteridade: o sentido histórico sofre a mesma deserção que os valores e as instituições sociais"¹⁴.

Esta filosofia de vida reflete-se muito nos adolescentes que se atordoam nas sensações fortes e efémeras do quotidiano (bares, viagens, evasão, sexo, drogas e consumos supérfluos), revelando dificuldades acrescidas em fazer projetos estáveis e duradouros. Consta-se, por isso, frequentemente, a tendência para assumir o provisório como estado de vida permanente. Tenta-se viver não em função do futuro, mas simplesmente do presente (*carpe diem*). Isto explica a procura desmesurada do prazer sexual, o hábito do requinte, o cultivo do corpo e, também, a importância do exoterismo¹⁵, do mágico, do conhecer o indizível, numa insatisfação permanente de que o descoberto se torna efémero.

Sabemos, partindo da observação e dos estudos realizados, que os adolescentes necessitam de modelos de identificação com o intento de estruturarem a sua personalidade moral. Mas se tantos adultos vivem em crise de valores, como podem eles tornar-se modelos para os mais novos?! Quando os adultos falham nos seus compromissos mais importantes (caso do divórcio), como poderão os mais novos realizar opções definitivas?!

A par desta ausência de modelos são as próprias instituições como a Escola e a Família que fracassam na sua missão educativa. A Escola, “pese embora os esforços da reforma educativa, para além da sua frequente desagregação, tem dificuldade em facultar uma formação integral que contemple todos os aspetos do ser humano”¹⁶. A Família, por seu turno, não tem,

¹³ Filósofo francês, nascido em Millau, França, a 24 de Setembro de 1944, que afirma: “o problema da nossa sociedade moderna está na desagregação da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo da época do consumo de massa, da emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, em rutura com o instituído desde os séculos XVII e XVIII.” Prevalendo “poder do ter sobre o poder do ser” e, por sua vez, o individualismo passa a ter mais valor do que as relações sociais e a vida coletiva. Gilles Lipovetsky, *A era do Vazio*, (Lisboa: Relógio d’água editores, 1989).

¹⁴ *Ibidem*, 49.

¹⁵ Exotérica sobrevalorização do exterior da pessoa, “face pública” e a esotérica o que está “oculto”, mas apela à curiosidade.

¹⁶ Alain de Botton, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre a utilização da religião*. (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2012), 56.

por vezes, a motivação, o tempo ou a sabedoria necessárias para se dedicar a esta componente da educação dos filhos¹⁷.

Partindo desta realidade, podemos perguntar: será que é possível entender e viver o amor como elemento central da pessoa humana? Terá sentido amar? Posso ser feliz sem amar? Se hoje sairmos pela rua de microfone na mão e perguntarmos às pessoas “O que é o amor?” ficaremos surpreendidos com a diversidade e o tipo de respostas dadas.

Vivemos no tempo em que o mundo contemporâneo é no seu todo uma teia acelerada de processos. O estar em movimento define a sua matriz genética. “A aceleração descreve o seu modo de operar. A velocidade é a linguagem quotidiana, daí que o próprio estado de mudança social seja, por natureza, acelerado, tão acelerado que, por vezes, inquieta e desassossega”¹⁸. Esta necessidade, ou falta de tempo leva a pessoa a descorar o essencial e a sobrevalorizar os aspetos periféricos da sua existência. Mas, mais grave é a redução da vida ao imediato, onde tudo vale desde que nos dê prazer e satisfação pessoal. Como tudo tende à superficialidade, o amor também é algo que não se pensa e, muitas vezes, não sabemos se o vivemos ou se apenas nos suportamos “amistosamente”, dando a ideia de que não temos tempo para mais. Os desejos pessoais tornam-se a medida de todas as coisas onde não existe tempo para pensar o amor e o que este, realmente, significa para o ser humano.

Face a tantas alterações, viver no imediatismo das coisas é o mais fácil. Pensar e viver os valores perenes passou a ser incómodo, pois é algo que dá “muito trabalho”. O amor acaba por ser reduzido ao biológico/genital, onde não é necessário “ser”, pois basta “parecer”. O ser humano corre o risco de reduzir a sua existência a uma suposta felicidade, alicerçada no prazer e no “*dolce far niente*”, numa ociosidade despreocupada. A própria Constituição Pastoral *Gaudium et spes* acrescenta a este respeito: “muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução atual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta”¹⁹.

¹⁷ Cf. Daniel Sampaio, *Inventem-se novos pais* (Lisboa: Caminho, 8.ª edição, 1994), 45.

¹⁸ Eduardo Duque, *Contributos para a compreensão da aceleração do Tempo. Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas* (Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais, 2012), 119.

¹⁹ Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. (Braga: Editorial A.O, 1992), 4.

Vivemos tempos de mudança e de muitas *areias movediças* que necessitam de ser apontadas, para podermos descortinar os verdadeiros caminhos para a felicidade, onde se possa encontrar o amor vivido e partilhado. O Papa Francisco²⁰, que os cardeais foram buscar ao "fim do mundo"²¹, no dia 13 de março de 2014, tem sido um "timoneiro" nesta mudança que é urgente e necessária. É bom lembrar que a sua primeira viagem foi à ilha italiana de Lampedusa²², na qual manifestou tristeza ao ver *in loco* a situação de miséria vivida por milhares de migrantes vindos de terras tão distantes, onde tudo deixaram, na esperança de uma vida com maior dignidade. Não se ficou pelas palavras, em sinal de acolhimento aos migrantes e aos refugiados, em abril 2016, visitou a ilha grega de Lesbos, levando consigo para o Vaticano doze pessoas, três famílias muçulmanas com seis crianças.

Nas suas diversas comunicações procura apontar caminhos de esperança, faz críticas aos efeitos da crise, aos mentores de violência e da guerra e aos que não olham a meios para atingir os seus fins, aqueles que só procuram o lucro, o sucesso e a promoção social.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*²³, ao falar das realidades hodiernas²⁴, que podem levar à desumanização irreversível, apresenta os desafios para o mundo atual. Este refere que "são louváveis os sucessos que contribuem para o bem estar das pessoas"²⁵, mas "a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vivem o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências"²⁶, criando, assim, desigualdades sociais.

Enumeramos algumas das alterações que este documento descreve como urgentes para alterar o curso da história da humanidade: "Não a uma economia da exclusão"²⁷. Não à nova

²⁰ Jorge Mario Bergoglio, oriundo de uma família de emigrantes italianos, nasceu a 17 de dezembro de 1936, na capital argentina, sendo o mais velho de cinco filhos.

²¹ *Fim do mundo* expressão utilizada que poderá ser relativa à distância de Roma ou, também, um local desconhecido, onde ninguém quer estar e viver, devido às dificuldades sociais e económicas.

²² O papa Francisco afirmou que a morte de imigrantes em alto mar é "um espinho no coração". Na sua página oficial no Twitter escreveu: "Rezemos para ter um coração que abrace os imigrantes. Deus julgar-nos-á com base no modo como tivermos tratado os mais necessitados".

²³ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. (Lisboa: Paulus Editora, 2013).

²⁴ *Ibidem*, n.º 50.

²⁵ *Ibidem*, n.º 52.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ "Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão... O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora (sobras). *Ibidem*, n.º 53.

idolatria do dinheiro²⁸. Não a um dinheiro que governa em vez de servir²⁹. Não à desigualdade social que gera violência”³⁰.

Foi nossa intenção, com esta pequena abordagem da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, apresentar algumas das ideias estruturais que afastam o ser humano dos seus semelhantes e de Deus, tendo como consequência final o afastamento da felicidade e do amor tão desejado e tão mal entendido.

2. Na procura de uma definição de amor

Existe uma consciência coletiva de que o amor move o ser humano, provocando sentimentos e afetos geradores de bem estar e de realização pessoal. A ausência de amor, por sua vez, imprime no ser humano o vazio existencial que o leva à destruição pessoal e coletiva. Possuindo o amor, uma força tão vital na vida do ser humano, urge saber o que é o amor, as suas dimensões e as diversas expressões, ao longo da nossa existência.

2.1. O que é o Amor?

Ao deambular pelos dicionários, na procura de definições variáveis sobre o Amor, escolhemos as seguintes:

“**Amor** (do latim *amore*) é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. O uso do vocábulo, contudo, lhe empresta outros tantos significados, quer comuns, quer conforme a ótica de apreciação, tal como nas religiões, na filosofia e nas ciências humanas”³¹;

“**Amor** - nome masculino, 1.sentimento que predispõe a desejar o bem de alguém, 2.sentimento de afeto ou extrema dedicação; apego; 3.sentimento que nos impele para o objeto dos nossos desejos; atração; paixão, 4.afeto;

²⁸ “Criámos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objectivo verdadeiramente humano... Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz. A ambição do poder e do ter não conhece limites”. *Ibidem*, n.º 55.

²⁹ O dinheiro deve servir, e não governar! O Papa ama a todos, ricos e pobres, mas tem a obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los. Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano”. *Ibidem*, n.º 58.

³⁰ “Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarreigar a violência”. *Ibidem*, n.º 59.

³¹ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor>. . (consultado em 2017-04-10).

inclinação, 5.relação amorosa; aventura, 6.objeto da afeição, 7.adoração, veneração, devoção; 8.coloquial pessoa muito simpática. Amor à primeira vista (paixão súbita), amor carnal (amor físico), amor com amor se paga ‘provérbio’ (deve retribuir-se um benefício com outro benefício), amor livre (ligação amorosa que rejeita o vínculo do casamento), amor platónico (amor puramente espiritual, sem desejo sexual), fazer amor (ter relações sexuais), morrer de amores (por estar apaixonado por, gostar muito de), não morrer de amores (por não simpatizar com, não gostar de), pelo/por amor de Deus! (exclamação que indica que alguém está perto do limite da sua capacidade de suportar contrariedades, incómodos e dificuldades, não sendo capaz de aturar muito mais; haja paciência!), por amor à arte (por prazer, desinteressadamente), por amor de (por causa de, em atenção a), por amor de Deus (por favor, por caridade), ter amor à pele (não correr riscos desnecessários, ser prudente) ”³².

“**Amor** n. m. Sentimento de afeto profundo que impele para o objeto dos nossos desejos, objeto da nossa afeição; paixão; afeto; inclinação; **amor captativo**, **amor possessivo** amor, que procura monopolizar a pessoa que se ama; **amor carnal**, amor físico; **amor conjugal** amor que liga as pessoas casadas, amor pelo qual uma pessoa une o seu destino ao de outra pessoa; **amor livre** união fora do casamento; **amor oblato** amor que se dedica a outrem; **fazer amor** ter relações sexuais; **por amor à arte** por prazer, desinteressadamente; **por amor de** por causa de, em atenção a; **por amor de Deus** por caridade; **ter amor à pele** não arriscar a vida, ser prudente; **com amor se paga** deve retribuir-se um benefício com outro benefício; **não morrer de amores por** não simpatizar com, não gostar de (Do latim *amôre*)”³³.

Se olharmos de uma forma atenta para as definições apresentadas, verificamos que existem significados para todos os gostos o que pode justificar a diversidade de opiniões que a sociedade apresenta e em que cada um utiliza aquela que mais lhe interessa. Nenhuma das definições apresentadas é completa e pode reduzir o conceito de amor à superficialidade. Dos três dicionários apresentados o amor é definido como um sentimento e/ou emoção, o que reduz o amor a algo passageiro e ao individualismo. Muitas destas situações apresentam-no próximo do mais primário do ser humano, do agir por instinto.

Perante as definições elencadas torna-se complexo perceber o que é o amor. As pessoas falam de amor sem o saber contextualizar, correndo o risco de não perceberem se existem vários

³² *Amor In* Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017.. Disponível na Internet: [https:// www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/amor](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/amor). (Consultado em 2017-04-12).

³³ Dicionário de Língua Portuguesa, (Porto: Porto Editora, 2010).

tipos de amor ou se todos são unificados num só padrão. Temos a consciência que é muito difícil dizer o que é o amor. É mais fácil descrever manifestações ou gestos de amor³⁴.

Num desafio às palavras e a nós mesmos, iremos tentar aprofundar e compreender melhor o que é o amor.

2.2. Dimensões do Amor

A Grécia antiga utilizava três termos para definir o amor: *eros*, *philia* e *ágape*. Neste sentido, os gregos perceberam que o conceito de amor não se pode descrever numa simples definição e que existem níveis quando nos referimos ou o vivenciamos³⁵.

O Papa Bento XVI na primeira Encíclica³⁶ do seu mandato, *Deus Caritas est* (*Deus é Amor*), publicada no Natal de 2005, utilizou na primeira parte, estas três dimensões do amor. Bento XVI reflete partindo das aceções dos termos gregos *eros*, *philia* e *ágape*, colhidas do Evangelho de São João, sobre as três dimensões do amor, referindo que o *eros* era aludido no amor entre homem e mulher, a *philia* era o amor encontrado na feição da amizade (amor fraterno) e a *ágape* era proferido, no que concerne, à união do ser humano com Deus. De salientar que o *eros*, segundo Bento XVI, apresenta uma componente purificadora e tem de ser disciplinado, para não ser entendido como puro sexo, ausente de compromisso³⁷.

Passamos a esquematizar as três dimensões de amor³⁸, de modo a clarificarmos a expressão Amor, dita ou escutada.

- *Eros* (amor erótico) que significa sensualidade, desejo, atração física e prazer sexual. Sendo o *eros* desejo, quando deixamos de desejar, deixamos de amar. O que é que desejamos? Desejamos o que não temos. Quando temos, deixamos de desejar, logo deixamos de amar. Este conceito está limitado ao temporal e ao físico. Reduz o amor à

³⁴ Cf., Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero descobrir*, Manual do Aluno 8.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica (Lisboa: SNEC, 2015), 9.

³⁵ Aristóteles resume numa expressão simples o que significa amar: "amar é querer o bem para o outro". Assume-se nesta definição que o amor resulta da condição de liberdade do ser humano e de forma consciente. O amor não é apenas originário, nem tão pouco resultante dos instintos.

³⁶ Encíclica: carta dirigida à hierarquia eclesial, a todos os católicos leigos e "a todos os homens de boa vontade", ou seja não se destina só aos crentes, tem alcance universal.

³⁷ Cf. Bento XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*. (Prior Velho: Paulinas, 2006) 19.

³⁸ Utilizaremos como referência os elementos recolhidos do professor de ética, Clóvis de Barros Filho. Conceitos explicados de forma simples e direta. <https://www.youtube.com/watch?v=CfyscO2in8M>.

satisfação de determinadas necessidades ou desejos concentrando-se no desejo individual (Líbido).

- *Philia* (amor fraternal) que significa partilha, ligação, bondade. Este conceito está associado às relações familiares e de amizade. Não é um simples desejo, pois *philia* implica cuidar, ajudar, acolher, não está limitado ao espaço temporal e físico, concentrando-se nas emoções.
- *Ágape* (amor incondicional, oblativo) que significa doação, em que o outro é mais importante do que o ‘eu’, pois dá a vida pelo outro, sem esperar qualquer recompensa. Nesta dimensão o espaço temporal e físico são relativizados. A pessoa é mais importante que o tempo, o corporal e o espaço que ocupa.

Constatamos que o amor tem estas três dimensões: *eros*, *philia* e *ágape* que fazem parte da existência do ser humano, coabitam e interligam-se ao longo da existência humana. Podemos dizer que *ágape* é a definição mais nobre que podemos dar ao amor. Sendo incondicional é um amor libertador que se concentra na vontade, sem qualquer sujeição de sentimento, desejo ou emoção, sem limitação de espaço físico ou temporal³⁹. Torna-se muito difícil encontrar este amor *ágape* em ‘estado puro’, sem a “concorrência” das outras dimensões do amor. Aliás Bento XVI, na Encíclica, atrás referida, considera que o *eros* e a *ágape* se completam e, na sua unidade, atinge-se o verdadeiro significado do amor.

“Na realidade, *eros* e *ágape* — amor ascendente e amor descendente — nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade — depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará «existir para» o outro. Assim se insere nele o momento da *ágape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente

³⁹ Cf. Bento XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, 20-25.

no amor oblativo, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode — como nos diz o Senhor — tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo 7,37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19,34)”⁴⁰.

Constatamos que amar é o contrário de usar. “O amor é a única antítese da utilização da pessoa enquanto meio ou instrumento da nossa ação pessoal, porque sabemos que é permitido que uma outra pessoa queira o mesmo bem que nós queremos”⁴¹. Existe um laço de bem comum entre o “eu” e o “outro” tendendo para o mesmo fim. Este bem comum é núcleo central do amor. O bem comum que liga duas pessoas é um dos fins próprios dessa mesma união. “Amar opõe-se a utilizar: se eu amo, não posso utilizar o outro, pois amar uma pessoa significa, em primeiro lugar, dar-se a ela”⁴². O autor Alain de Botton reforça esta ideia ao afirmar que “sem amor, perdemos a capacidade de possuir uma identidade própria; com amor há uma confirmação permanente do “eu”. Não admira que o olhar de Deus seja tão importante (...): ser vistos significa que a existência é reconhecida, e tanto melhor se o observador for Deus ou alguém que nos ama”⁴³.

Uma das mais consistentes teorias sobre o amor foi desenvolvida por Erich Fromm. Este afirma que o amor mais do que sentimento, afeto ou emoção é uma arte que requer conhecimento e esforço, tem de ser apreendida, desenvolvida para poder ser um instrumento estruturante do ser humano. O autor refere que as pessoas se preocupam, em primeiro lugar, em ser mais amadas do que amar, não conseguindo perceber o real sentido do amor. Assim, como viver é uma arte, amar é uma arte que exige esforço, treino e concentração para se poder dominar a teoria e a prática da mesma⁴⁴.

Podemos afirmar que o amor é uma única realidade com diferentes dimensões. O amor mais do que um simples sentimento ou emoção, pois seria passageiro e efêmero, é uma força que nos abarca na totalidade, provocando alterações em todo o nosso ser. O amor distingue-nos

⁴⁰ *Ibidem*, 7.

⁴¹ Karol Wojtyła *Amor e responsabilidade*, (São Paulo: Loyola, 1982), 9.

⁴² Yves Semen, *A sexualidade segundo João Paulo II* (Estoril: Principia, 2006), 36.

⁴³ Alain de Botton, *Ensaio Sobre o Amor*, 152.

⁴⁴ Cf. Fromm, Erich. *A arte de amar - O amor como força vital*. (Lisboa: Editora Pergaminho, 2002), 11-12.

dos outros seres vivos, é a força mais poderosa do ser humano⁴⁵ que envolve as emoções⁴⁶, a razão e a vontade, por isso, obriga à tomada de decisões que afetam de forma real e profunda a vida de cada ser humano⁴⁷.

Só podemos considerar como amor o que tem como objetivo central o “outro”, onde a pessoa é amada sem qualquer condição externa ou interna e onde não existe a intenção de ficar beneficiado no agir do amar. Neste sentido, o exemplo mais elevado do amor encontra-se presente em Jesus Cristo. O Filho de Deus encarnando, assume a condição humana, dá-se como prova de amor na paixão, dá a vida por nós para nos salvar. Depois da ressurreição, Jesus Cristo criou para o ser humano uma nova dimensão de ser, uma nova plenitude de vida, numa relação íntima Deus que é plenitude de AMOR⁴⁸. A ressurreição é o sinal de que o amor vence a morte e abre o caminho para a eternidade. É o princípio e a fonte da ressurreição futura de todos os seres humanos.

São Paulo afirma esta dimensão da ressurreição na primeira carta aos Coríntios: “Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia, e vazia também a vossa fé” (1Cor 15, 14). Na cruz, Jesus Cristo oferece-se por toda a humanidade, carregando os pecados de todos, manifesta que Deus ama infinitamente o ser humano, libertando-o para uma nova vida⁴⁹. A exemplo de Jesus Cristo, as pessoas que dão a vida ou um pouco dela, pelos seus irmãos aproximam-se desta dimensão sublime do amor de Deus que nos criou à sua imagem e semelhança e para Ele queremos e ansiamos voltar, pois Ele nos ama misericordiosamente.

3. Desafios e problematização da sexualidade humana

Sexualidade Humana: “Dinamismo que atinge o ser humano todo, corpo, alma e sentimento,

⁴⁵ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero descobrir*, Manual do Aluno 8.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica (Lisboa: SNEC, 2015), 9.

⁴⁶ A capacidade de distinguir e gerir os diferentes estados sentimentais e emocionais e de os comunicar de forma adequada é um fator determinante para que cada um consiga lidar de forma construtiva com as situações de vida.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*.

⁴⁸ Bento XVI, no primeiro volume da obra “Jesus de Nazaré”, refere que com a ressurreição de Jesus Cristo se deu “a evasão para um género de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso – uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem... “um novo âmbito da vida, o estar com Deus”. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*. (Lisboa: Esfera dos Livros, 5.ª edição, abril, 2010).

⁴⁹ “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo15,13). “E Ele morreu por nós, quando éramos ainda pecadores” (Rm 5, 8).

desde a concepção até à morte e, o leva à doação total de si”⁵⁰.

Assim, como o ser humano tem dificuldades em saber o que é o amor, também, as alterações sociais patenteiam dificuldades em saber o que é a sexualidade. As diversas práticas sexuais e as alterações familiares ocorridas podem conduzir a uma visão totalmente distorcida da sexualidade reduzindo-a à atividade sexual, despida de responsabilidade, existindo apenas, a preocupação de alertar para os riscos da saúde.

Existe muita informação sobre a sexualidade, pois ela faz parte da vida do ser humano. A “sexualidade está na rua, passou a preencher lugares comuns numa forma indiscriminada. Nada se vende, nada se publica sem a forte conotação sensual e até mesmo erótica. Desde o produto mais simples ao mais elaborado, desde o ambiente mais adulto até ao ambiente mais infantil, a sexualidade aparece como o atrativo – motivacional”⁵¹.

Quando procuramos na *internet* e nos dicionários o significado de sexualidade encontramos este tipo de definição:

“A sexualidade humana representa o conjunto de comportamentos que concernem à satisfação da necessidade e do desejo sexual. Igualmente a outros primatas, os seres humanos utilizam a excitação sexual para fins reprodutivos e para a manutenção de vínculos sociais, mas agregam o gozo e o prazer próprio e do outro. O sexo também desenvolve facetas profundas da afetividade e da consciência da personalidade. Em relação a isto, muitas culturas dão um sentido religioso ou espiritual ao ato sexual, assim como veem nele um método para melhorar (ou perder) a saúde⁵²”, “sexualidade é nome feminino, 1.conjunto das características morfológicas, fisiológicas e psicológicas determinadas pelo sexo, 2.conjunto dos fenómenos relativos ao instinto sexual, 3.sensualidade “⁵³.

Esta abordagem permite corroborar que a sexualidade está reduzida ao sexo na sua componente biológica. Talvez seja necessário verificar qual o significado de sexo para entender se existe alguma diferença ou se sexualidade e sexo são sinónimos.

“Sexo 1.conjunto de características físicas e funcionais que distinguem o macho da fêmea, 2.conjunto de pessoas que têm morfologia idêntica

⁵⁰ João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortium*. (Braga: Editorial A.O, 1981), n.º 37.

⁵¹ Teresa Tomé Ribeiro, “O professor de educação da sexualidade – aspectos a desenvolver”, *In Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*, 39.

⁵² https://pt.wikipedia.org/wiki/Sexualidade_humana. (Consultado em 2017-04-14).

⁵³ *Dicionário de Língua Portuguesa*, (Porto: Porto Editora, 2010).

relativamente ao aparelho sexual, 3. Órgãos sexuais, 4. Relação sexual, 5. Atividade reprodutora, 6. Sensualidade; prazer sexual. **Sexo forte** figurado, adequado aos homens, **sexo fraco/frágil** figurado, adequado às mulheres, **belo sexo** figurado, antiquado às mulheres, **discutir o sexo dos anjos** perder tempo com questões inúteis”⁵⁴.

Verificamos que tudo gira em volta do sexo com referências eróticas e sexuais, na vertente biológica, não existindo uma diferenciação clara e objetiva entre sexo e sexualidade. Os dicionários apresentam a sexualidade como um conjunto de características morfológicas ou fisiológicas, internas ou externas dos seres que se reproduzem sexualmente.

Vivemos numa cultura cuja sexualidade humana deve ser vivenciada de forma nobre, mas que se encontra reduzida ao corpo material e ao prazer imediato, banalizando uma das maiores riquezas do ser humano. O sexo e a sexualidade confundem-se e diluem-se num único conceito dominado pela dimensão física, genital e corporal. Não se pode negar que a sexualidade tem uma dimensão física a que chamamos genitalidade e que acompanha a pessoa ao longo de toda a sua existência. Segundo, Vítor Feytor Pinto, a sexualidade “supõe os vários órgãos sexuais, do homem e da mulher, os externos e os internos, convergindo para a comunhão de complementaridade na plenitude da relação”⁵⁵. Afirma ainda o autor que a genitalidade, constitui uma beleza rara, na expressão corporal do amor recíproco que o homem e a mulher celebram na comunhão dos corpos⁵⁶.

Torna-se, desta forma, necessário clarificar conceitos para podermos encontrar o caminho para o amor.

Em primeiro lugar, devemos ver que a atividade sexual humana, apesar de ter algumas características semelhantes aos processos reprodutivos das outras espécies animais, é totalmente diferente. O espírito, a inteligência e o amor conferem qualidades distintas da reprodução animal. A procriação humana distingue-se da reprodução animal, pela sua característica de comunhão e reciprocidade.

Nos animais o processo sexual tem apenas como fim a reprodução e, em geral, só se manifesta em certos períodos, denominados por “cio”, durante os quais a fêmea está recetiva à

⁵⁴ *Sexo* In Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consultado em 2017-04-14]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sexo>.

⁵⁵ Vítor Feytor Pinto, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 22.

⁵⁶Cf. *Ibidem*, 24.

cópula com o macho. Nos seres humanos, a conduta sexual, para além da função procriativa, está também associada à expressão do amor recíproco, podendo ocorrer, independentemente, do período fértil da mulher, contribuindo, deste modo, para solidificar a relação afetiva do casal e para a manter estável, ao longo da vida de compromisso pessoal e filial.

O comportamento sexual humano não pode, pois, ser interpretado como um ato automático que apenas visa a satisfação de um instinto animalesco. O comportamento sexual humano é expressão do vínculo estabelecido entre duas pessoas que se amam e têm um projeto de vida em comum, incompatível com o efémero. Na espécie humana o encontro sexual não pode ser uma mera cópula, mas revelar, antes de mais, uma profunda e abrangente possibilidade de contacto pessoal e de comunicação amorosa entre um homem e uma mulher comprometidos.

Nesta primeira abordagem afixamos que a conduta sexual é uma das componentes da sexualidade com características e vivências na dissimilitude entre os seres humanos e os remanentes do reino animal. Confundir a sexualidade humana com a reprodução animal é perder a consciência do que significa ser homem e ser mulher, no verdadeiro sentido das palavras. O corpo humano não se reduz a uma estrita materialidade a ser usada conforme os apetites. O ser humano apresenta características físicas, biológicas, intelectuais, psicoafetivas, culturais e religiosas únicas. O comportamento humano, contrariamente ao comportamento animal, obriga ao confronto consciente com a realidade onde se insere, de modo a enfrentar adequadamente as circunstâncias, contrapondo respostas conscientes e soluções razoáveis. A inteligência atua na pessoa como o principal elemento que distingue a conduta humana, permitindo que cada pessoa tome decisões livres e responsáveis. Pelo contrário, o comportamento animal é orientado por pulsões instintivas, condicionadas pelos estímulos ambientais, não sendo possível o uso da racionalidade.

3.1. Definições de sexualidade

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1992, definiu a sexualidade como:

“...uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia

pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (OMS)"⁵⁷.

A OMS referencia os elementos centrais da sexualidade humana como energia, preponderante na vida humana e pertença de um ser sensual e sexual. Nesta definição existe a preocupação de salientar os aspetos relacionais entre os seres humanos realçando a realização individual presente no prazer e satisfação imediata.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC), no número 2332, apresenta a seguinte definição:

“A sexualidade afeta todos os aspetos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar, e, de um modo mais geral, à aptidão para criar laços de comunhão com outrem (CIC)”⁵⁸.

É de salientar que o CIC é mais abrangente na sua definição, ao referir que a sexualidade afeta todos os aspetos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Como tal, podemos afirmar utilizando as palavras de Cristina Sá Carvalho:

“A sexualidade inclui o sexo biológico, os mecanismos reprodutores, os papéis de género, o prazer sensual e sexual, a iniciação e manutenção de relações humanas íntimas, a manifestação sexual ao longo do ciclo da vida, a problemática da expressão sexual, a capacidade para lidar com a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. É formada tanto pelo potencial genético, inato à pessoa, como por forças externas tal como a cultura, é sempre o resultado da interação do eu biológico e psicológico com o meio externo e as suas forças”⁵⁹.

A mesma refere que a sexualidade humana é algo mais do que o ato sexual. Não se pode reduzir ao biologicamente gratificante, pois seria uma visão muito pobre do tema, reduzindo a ser humano e uma dimensão animal. A finalidade não é o sexo, mas a pessoa, visa a personalidade humana e a sua harmonia ⁶⁰.

Neste sentido, falar de sexualidade é falar de um todo complexo, que atinge o ser humano integralmente, desde a sua dimensão biológica, cultural e social até à dimensão ética da pessoa.

⁵⁷ <http://sexualidade.blog.xoose.pt/>. [Consultado em 2017-04-14].

⁵⁸ http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html. (Consultado em 2017-04-14).

⁵⁹ Cristina Sá Carvalho, *Educação da Sexualidade – Guia para educadores* (Lisboa: Fundação SNEC. Gráfica Almondina, 2008), 32.

⁶⁰Cf. *Ibidem*, 91.

A sexualidade humana enquanto necessidade básica da pessoa está presente em toda a existência, desde o dia em que nascemos até ao momento da morte. Ela está ligada com todas as outras dimensões da personalidade, logo é essencial na formação da identidade global, da autoestima e do relacionamento com os seus pares podendo condicionar de forma positiva ou negativa todas as suas ações.

“A sexualidade humana é, de facto, muito complexa, comportando uma dimensão biológica (reprodução, controlo de fertilidade, nível de ativação e resposta sexual, crescimento e desenvolvimento, ciclos de mudança psicológica e aparência física), uma dimensão psicológica (emoções, experiências, autoconceito, motivação, expressividade, atitude de aprendizagem, comportamento aprendido), uma dimensão social e cultural (família, vizinhança, pares, lugar de culto, escola, namoro, casamento, sistema legal, hábitos e costumes, informação e entretenimento, publicidade e comunidade de pertença) e ainda uma dimensão ética (ideias, crenças religiosas, opiniões e ações morais e valores). Tendemos a hierarquizar estas dimensões, talvez, segundo, uma organização lógica de complexidade crescente, de acordo com as nossas próprias preferências e as nossas conceções de pessoas humanas. E, embora nalguns momentos específicos, determinada dimensão possa prevalecer, todas elas, de facto, atuam de forma interativa para nos dotar, a cada um, da nossa própria sexualidade”⁶¹.

A sexualidade humana é dinâmica e, enquanto força biológica e psicológica, vai orientando a pessoa para a construção do “eu”, da sua identidade e para a maturidade que das relações interpessoais, vai-se abrindo ao “tu”, culminando num projeto de vida que por sua vez, e através de um clima de relações interpessoais de aceitação e doação se alarga ao “nós”⁶².

A sexualidade atinge a pessoa na sua totalidade: corpo, ações, espírito, sentimentos, sonhos... é “uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano. Portanto, ela é parte integrante do desenvolvimento da personalidade e do seu processo educativo”⁶³.

A sexualidade humana assume um papel fundamental na formação da identidade e no sentido da realização da pessoa, englobando aspetos distintos da realidade humana, ao longo de todo o ciclo da vida e, não apenas, na adolescência.

⁶¹ Cristina Sá Carvalho, *Educação da Sexualidade - Guia para Educadores*, 32.

⁶² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero descobrir*, Manual do Aluno 8.º ano, 16.

⁶³http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19831101_sexual-education_po.html (consultado em 2017-02-14).

Na adolescência a sexualidade manifesta-se de forma mais intensa, brusca e acelerada, necessitando de ser educada através das diversas aprendizagens. Na vida adulta a pessoa deverá viver a sexualidade de uma forma autêntica, reconhecendo-a como fonte de vida, assumindo opções conscientes e responsáveis em contexto familiar, social e cultural. Podemos dizer que o patamar mais alto da sexualidade se atinge quando o ser humano vive a sexualidade a partir do amor como doação de si mesmo aos outros.

3.2. Desafios à educação para a sexualidade

Se os teus projetos forem para um ano, semeia o grão.

Se forem para dez anos, planta uma árvore.

Se forem para cem anos, educa o povo. (Provérbio chinês)

A forma como projetamos a educação, os objetivos que pretendemos atingir, são determinantes no processo para chegar ao objetivo central que é a aprendizagem significativa. A educação para a sexualidade tem uma missão importante na construção da maturidade humana por isso tem que ser bem projetada e deverá possuir objetivos concretos.

Perante as dificuldades de interpretação e vivência da sexualidade humana apresentadas na sociedade e na cultura atual, o grande desafio da educação para a sexualidade é encontrar o verdadeiro caminho ou modelo que permita aos adolescentes atingirem a maturidade. A sexualidade é uma das dimensões fundamentais da personalidade humana que não pode ser descorada ou “profanada”, porquanto corremos o risco de “mutilar” a vida dos nossos educandos.

A autora Cristina Sá Carvalho refere que a educação para a sexualidade não pode ser realizada de forma superficial, pois ela é complexa e atua sobre uma das principais realizações do ser humano. Assim, adita a autora:

“Há que considerar a educação da sexualidade como um fenómeno tão complexo e variado como a própria sexualidade. A sua finalidade não é o sexo, mas a pessoa. O sexo e a sexualidade pertencem a uma pessoa, e esta tem um valor e um significado absolutos, que lhe advém da sua dignidade e da sua integridade. Assim, a educação da sexualidade, como qualquer outra, deve visar a globalidade da personalidade humana e da sua harmonia. A aceitação dessa harmonia deve considerar a procura de sentido para a sua vida como força maior da vida humana, procura essa que é frequentemente

orientada para a descoberta do transcendente. De facto, a sexualidade reflecte e expressa todas as dimensões da pessoa. Desde a bio/fisiológica, à psicológica e afectiva à ética e espiritual. Não constitui um aspecto marginal da pessoa, e, por isso, não pode ser marginalmente educada”⁶⁴.

Por outro lado, no exercício da educação para a sexualidade existem vários modelos que devem ser bem analisados para podermos descortinar o verdadeiro modelo a seguir. Na obra “Educação da sexualidade no dia-a-dia da prática educativa”, surgem vários modelos de educação para a sexualidade: “modelos impositivos conservadores, modelos impositivos de rutura, modelos médico-preventivos, modelos relacionais abertos e modelos de desenvolvimento pessoal”⁶⁵. Este último modelo integra os elementos positivos dos referidos modelos, alicerçados no modelo positivista da saúde, sem reduzir a sexualidade à genitalidade. Neste modelo de desenvolvimento pessoal

“a sexualidade surge, assim como um campo onde se projetam decisivas oportunidades de construção pessoal, de realização pelo amor e de transmissão da vida. Nesta perspectiva, reconhece-se como valor máximo a dignidade de toda a vida humana, desde a concepção até à morte natural. Uma educação da sexualidade concordante com estes princípios trará sempre para primeiro plano a capacidade de cada sujeito assumir por inteiro o desenho e a construção do seu projeto de vida, responsabilizando-se pelas decisões que toma e pelas consequências que destas resultem. Do ponto de vista operacional, procura-se promover a autoestima, o autodomínio, a autonomia e as aptidões de resolução de problemas”⁶⁶.

É importante que os agentes educativos estejam conscientes destes modelos, dos seus riscos e das suas potencialidades de forma a evitar o desvendar de ilusões, para alcançar um discernimento concreto que lhes permita educar para a sexualidade.

A educação é um processo localizado e aberto, que ao mesmo tempo, supera os limites locais e tende para a universalização. Simultaneamente, leva a aprofundar a identidade pessoal e, deste modo, a reconhecer e a acolher o outro. Para que a educação para a sexualidade seja eficaz deverá seguir princípios norteadores que lhe permita atingir os verdadeiros objetivos da mesma⁶⁷.

⁶⁴ Cristina Sá Carvalho. *Educação da Sexualidade - Guia para Educadores*, 91.

⁶⁵ Manuel Dias, *Educação da sexualidade no dia-a-dia da prática educativa*. (Braga: Edições Casa do Professor, 2002), 23.

⁶⁶ *Ibidem*, 25.

⁶⁷ Cristina Sá Carvalho apresenta 8 princípios orientadores da educação da sexualidade: Procurar honestamente significados e, não apenas, moralizar ou informar; Ser realista e honesto reconhecendo que somos seres sexuados durante todo o ciclo de vida; Compreender que a educação da sexualidade começa com os pais. São os primeiros

A instituição escolar, como adjuvante dos pais (estes como primeiros e principais educadores) reconhece o papel de outros domínios como, por exemplo, os meios de comunicação social e o estado (o qual não pode programar a educação e a cultura, com base em diretrizes estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas), e tem de se assumir como instância autónoma e responsável pela sistematização crítica da cultura, pela construção intencional e ajustada de um ambiente educativo, e por proporcionar experiências de aprendizagem coerentes com as metas visadas, num projeto de educação integral⁶⁸.

A educação para a sexualidade insere-se neste projeto educativo integral, no seu justo lugar, como uma das dimensões necessárias, consistentemente harmonizada com a globalidade das dimensões a educar.

A Escola deve ter consciência da grande responsabilidade que tem na educação para a sexualidade, evitando os erros e os equívocos concretizados em alguns países e escolas que reduziram a educação para a sexualidade a uma espécie de “manual de práticas sexuais seguras”, em que formas desajustadas acabaram por promover exatamente os problemas que queriam prevenir. É, pois, urgente que pais, professores, psicólogos, diretores de escolas, outros agentes educativos e elementos da comunidade em geral, encontrem rumos seguros e de promoção da educação para a sexualidade, em meio escolar.

A este respeito, Cristina Sá Carvalho refere que:

“... não devemos confundir educação sexual com informação sexual, coisa bastante frequente. Informação sexual é a transmissão de conhecimentos acerca da anatomia e fisiologia do sexo, sublinhando os mecanismos somáticos que o regulam, como se desencadeiam, a sucessão de fenómenos do acto sexual, etc. É, pois, o testemunho que descreve como ocorre a sexualidade por dentro, no que tem de mais animal: é uma instrução técnica. A educação sexual é bastante mais. Acrescenta algo ao campo informativo:

educadores no tempo e na responsabilidade; Entender que a educação não verbal da sexualidade é tão importante como a educação verbal. As ações falam frequentemente mais alto do que as palavras; Ter em conta que a educação da sexualidade lida com desinformação, mitos, boatos e ideias erradas; Educação da sexualidade não é o mesmo que o aconselhamento sexual, embora se relacionem; A educação da sexualidade baseia-se nas necessidades dos alunos. É destas que devem derivar as metas e os objetivos, A educação da sexualidade deve orientar-se para as seguintes metas: Conhecimento/Sentido e significação/Tolerância, não relativista, face às diferenças humanas/ Mudança de atitudes. Cf. Cristina Sá Carvalho, *Educação da Sexualidade*, Lisboa, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 84-85.

⁶⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral, A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008.

promove atitudes específicas e a orientação numa direcção determinada. A educação sexual é um processo de aperfeiçoamento para conhecer e ordenar a sexualidade no contexto da vida afectiva e da dignidade humana. Dito em termos mais académicos, a educação sexual consiste em duas questões básicas: primeiro, a educação da afectividade - educar a afectividade é educar para o amor, e implica uma maturação de sentimentos. Segundo, dominar os impulsos e as paixões de forma adequada inserindo-os num projecto vital e no tecido da personalidade”⁶⁹.

Esta educação para a sexualidade não se limita a uma mera informação sobre sexo, de uma instrução técnica, limitando-se ao esclarecimento do intelecto. Segundo Enrique Rojas, a educação responde a duas questões fundamentais:

1. A educação da afetividade. Educar a afetividade é educar para o amor, e implica uma maturação de sentimentos.
2. Dominar os impulsos e as paixões de forma adequada, inserindo-se num projeto vital e no tecido da personalidade⁷⁰.

A educação para a sexualidade é, portanto, uma das vertentes da educação integral que visa conduzir os adolescentes à maturidade e autonomia, implicando o cuidado com o desenvolvimento de múltiplas dimensões – física e biológica, afetiva e emocional, intelectual, cognitiva, espiritual e moral – que evoluem a ritmos distintos e dessincronizados em cada pessoa. Na educação para a sexualidade tem de existir gradualidade, objetividade, continuidade e adequação ao tempo e espaço, de forma, a contribuir para o crescimento pessoal, possibilitando a tomada de decisões responsáveis, livres, informadas e esclarecidas, sobre o estilo de sexualidade a assumir, com respeito por si e pelos outros, chegando à descoberta e à valorização de si próprio.

A educação para a sexualidade, como oportunidade para a realização humana, deverá preparar os adolescentes para a vivência do amor, no respeito integral por cada pessoa, para a constituição de famílias felizes e solidárias, para a maternidade e paternidade responsáveis, para a abertura a uma construção solidária de um mundo melhor.

⁶⁹ Cristina Sá Carvalho, *Educação da Sexualidade - Guia para Educadores*, 91-92.

⁷⁰ Cfr. Enrique Rojas, *Uma teoria da felicidade* (Coimbra: Tenacitas, 2005), 142.

Consciente desta realidade o Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Evangelium Vitae* afirmava que “é uma ilusão pensar que se pode construir uma verdadeira cultura da vida humana, se não se ajudam os jovens a compreender e a viver a sexualidade, o amor e a existência inteira no seu significado verdadeiro e na sua íntima relação”⁷¹.

3. Amor e sexualidade - relação mútua

A sexualidade humana pode ser vista como a linguagem do amor e só terá sentido se estiver associado à vivência do amor, como afirmava D. José Policarpo:

“A relação entre amor e sexualidade constitui uma evidência, afirmada ao longo dos séculos, pelas culturas, o que significa aceitar que a sexualidade humana, só encontra expressão com sentido na experiência do amor e que é um dinamismo do amor. Esta é a perspectiva base da visão cristã do homem e da mulher. No entanto, mais recentemente, uma visão estritamente funcional dos dinamismos humanos põe em causa essa equação, afirmando, como válida, uma expressão da sexualidade desligada do amor. ... a sexualidade humana exprime-se na natureza bissexuada do ser humano, isto é, na complementaridade do homem e da mulher e encontra o seu sentido numa relação de amor. Em termos cristãos esta união do homem e da mulher, no amor, tende para ser uma expressão da caridade, isto é, do amor que encontra a sua força, não apenas na natureza, mas na graça de Deus”⁷².

Quando a sexualidade é vivida fora do amor ou a ausência da experiência do amor, acaba por levar à degradação da pessoa, provocando o desequilíbrio e a infelicidade da mesma. Olhando o mundo que nos rodeia, através dos noticiários, encontramos uma panóplia de situações em que a pessoa é usada como objeto, onde o seu corpo é instrumentalizado como atentado à dignidade da vida humana que, por sua vez, afeta toda a sociedade. O Padre Vítor Feytor Pinto fala desta reciprocidade dizendo:

"Não há sexualidade verdadeira sem amor, sem relação afetiva, sem capacidade de ir ao encontro do outro, sem encontrar no outro complementaridade, sem descoberta do perdão, do serviço, da alegria no dar, da serenidade no perder, no encontro das vidas até ao projeto comum que inicia comunhão de vida, o último e mais belo objetivo da sexualidade humana"⁷³.

⁷¹ João Paulo II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. (Braga: Editorial A.O, 1995), n.º 97.

⁷² D. José Policarpo, *Evangelizar* (Lisboa: Grifo, 2002), 39-40.

⁷³ Vítor Feytor Pinto, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*, (Lisboa: Paulus Edições, 2014), 23-24.

Por isso, é urgente saltar a barreira do conformismo, denunciando e reeducando os que confundem a sexualidade com negócio e mero prazer, provocando atentados à dignidade da vida humana.

Na vivência distorcida da sexualidade encontramos a obsessão sexual, prazer físico egocêntrico, possessão do outro como objeto com valor económico, violência e abuso sexual, comercialização da sexualidade e, outras formas de prazer imediato que afastam a pessoa da felicidade e da sua realização pessoal⁷⁴. Mais grave ainda, ocorre face aos que “cruzam os braços” perante crianças abandonadas, gravidezes indesejadas, casais destruídos e práticas sexuais aberrantes, consequência de uma sexualidade sem amor que afeta crianças e adolescentes, afastando-os da autenticidade do amor. A sexualidade humana é um dinamismo que atinge o ser humano todo, corpo, alma e sentimento, desde a concepção até à morte numa atitude de doação total de si⁷⁵.

4.1. *O corpo linguagem do amor e da sexualidade*

“Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo”.

(I Cor 6, 19-20)

O ser humano, ao longo da sua história, individual e coletiva, apercebeu-se de que o corpo não se restringe a uma função procriativa. Ele passou a ver o corpo como elemento fundamental na comunhão de pessoas e para a plenitude do amor que Deus vai manifestando através da ação do ser humano. Neste sentido, a própria procriação, fruto de uma entrega amorosa, só tem sentido quando é vivida numa comunhão de vida. A pessoa é um ser em relação que procura no outro a comunhão; a procriação virá depois, como o fruto da comunhão. Assim, a procriação é a prova da verdade da comunhão⁷⁶.

A desordem e as sensações corporais, no ser humano, nem sempre permitiram vislumbrar a importância fundamental que este tem na identidade da pessoa. “O corpo tem uma

⁷⁴ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero descobrir*, Manual do Aluno 8.º ano, 16.

⁷⁵ Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*. (Braga: Editorial A.O, 1981), nº 37.

⁷⁶ Cf. Y. Semen, *A sexualidade segundo João Paulo II*, 73

dignidade própria que lhe é dada pela identidade da pessoa a que pertence. A dignidade e a liberdade próprias do ser humano integram em si mesmo o corpo, com todas as suas partes. Como é digno o rosto de uma criança na sua beleza, ou a ruga de um velho na história que sabe contar, também são dignos os órgãos diferenciados da pessoa humana, que o fazem homem (masculino) e mulher (feminino) ”⁷⁷. O corpo revela no plano físico a masculinidade e a feminilidade, mas ultrapassa-o ao revelar o seu valor e a sua beleza. O corpo é lugar de comunicação entre a singularidade do indivíduo e a universalidade da pessoa que nunca poderá ser reduzido a um objeto de trabalho, lazer e prazer reduzindo-o a uma “peça” que se manipula, afastando-o da sua essência.

O corpo humano enquanto matéria insere-se na dimensão biológica, constituído por uma estrutura total e material do organismo humano⁷⁸. No entanto, a sua existência, ultrapassa o espaço matéria, pela sua consciência reflexiva, pela sua capacidade de raciocinar e de verbalizar. É o corpo que nos permite ver que existimos e nos relacionamos com os outros⁷⁹, contendo em si uma riqueza que é uma mais valia na existência humana. Este é constituído por potencialidades e capacidades que nos diferenciam dos outros seres vivos, permitindo a evolução pessoal e social. O ser humano tem um corpo sexuado que lhe permite comunicar a sua personalidade e os seus projetos vividos e sonhados.

Esta comunicação que se realiza com a linguagem corporal⁸⁰ através de expressões, posturas, gestos é uma das formas de comunicação não verbal reveladoras do amor e da sexualidade humana. O ser humano, ao comunicar, revela-se através da sua corporeidade⁸¹, espectro do ser, do eu e da sua personalidade.

⁷⁷ Vítor Feytor Pinto, *Sexualidade humana, exigências éticas e comportamentos saudáveis*,... 49.

⁷⁸ O corpo humano é um organismo vivo constituído por vários sistemas, células, átomos, moléculas, de células, é uma porção de matéria.

⁷⁹ Cf. Filomena de Carlo Salerno Fabrin, *Corporeidade: educar para não reeducar*, http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernos_v1/cdpv1_edu_filomenadecarlo.pdf (consultado no dia 16 de Agosto de 2015).

⁸⁰ A linguagem corporal surgiu antes da linguagem verbal, e representa uma das mais importantes formas de comunicação do seres humanos.

⁸¹ Comissão Teológica Internacional no n.º 28 “Comunhão e serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus” refere a corporeidade como o elemento fundamental para a compreensão e identidade da pessoa humana. O dualismo alma-corpo deixa de ter sentido: o ser humano é considerado na sua integridade. A pessoa humana criada à imagem de Deus, aponta-nos a antropologia bíblica pressupõe claramente a unidade do ser humano e compreende que a corporeidade é essencial para a identidade pessoal. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html. Consultado em 26 de junho, 2017.

O corpo é linguagem nos sorrisos partilhados, no olhar expresso, nas lágrimas assumidas, na voz projetada, no silêncio etéreo de cada ser humano sexuado que projetamos. Também é linguagem nas mãos que acariciam, num silêncio que manifesta afeto e amor. É com corpo que pensamos, contemplamos, acreditamos e amamos.

Numa linguagem mais abrangente e numa reflexão mais profunda sobre o corpo descobrimos que este leva o ser humano à compreensão e realização de si e à sua identidade e harmonia. Através do corpo, a pessoa descobre as suas limitações e as suas capacidades e à luz da fé o ser humano compreende-se como um ser único e indivisível.

Ao tratar a temática do corpo temos de salientar o grande contributo que São João Paulo II deu com o seu tratado da Teologia do Corpo, desenvolvido, na sua missão pastoral, mormente nas audiências gerais de quarta feira. Sem ser nossa pretensão realizar um estudo abrangente dos quatro anos de audiências gerais sobre o amor sexual humano, como ícone da vida interior de Deus que implica a descoberta da dignidade e da liberdade da pessoa, alicerçados na sua obra *Amor e Responsabilidade*, consideramos este pequeno encontro como uma forma de suplantar uma lacuna, se não incluíssemos tão grande obra, para a comunidade dos crentes e não crentes.

Partindo da obra *Amor e Responsabilidade*⁸², do então Padre Karol Wojtyla, atestamos que no seu pensamento havia uma enorme preocupação em criar uma teologia do corpo, consistente, e que servisse de orientação para todos os crentes que passavam pela sua vida e necessitavam de orientação para amarem na verdadeira felicidade. A experiência adquirida na pastoral dos casais na arquidiocese de Cracóvia levou-o a falar do amor humano de uma forma aberta e corajosa. A experiência pastoral do Padre e Bispo Wojtyla foi o motor de uma nova visão do amor, da amizade, das relações matrimoniais. Neste contexto Karol Wojtyla refere que “o amor é sempre uma relação recíproca entre pessoas que, por sua vez, se funda na atitude individual e comum delas a respeito do bem”⁸³. A atração recíproca resulta da tendência sexual inerente ao ser humano e onde sentimentos e vontade têm de ser elevados ao nível humano mais elevado. “Contudo, a atração suscitada pelo próprio valor da pessoa atinge o carácter da verdade integral: o bem para o qual se orienta é a pessoa e não uma coisa”⁸⁴, mas a sua essência está no dar a prioridade à beleza interior, pois esta é o espaço onde assenta a verdadeira relação entre o homem e a mulher.

⁸² Karol Wojtyla, *Amor e responsabilidade*. (São Paulo: Loyola, 1982).

⁸³ *Ibidem*, 63.

⁸⁴ *Ibidem*, 69.

Encontramos na obra de São João Paulo II uma recentralização do ser humano na sua dignidade, à luz de Deus e da Santíssima Trindade. O ser humano que tende a esquecer Deus é convidado a recentrar a sua vida Nele. Esta visão teocêntrica leva Deus para o centro da vida e das relações humanas, interpessoais. Assim, Deus faz parte da vida do ser humano e só em Deus ele encontra o sentido do seu existir.

Este caminho aprofundado por São João Paulo II nos seus escritos é inovador. Este Pastor da Igreja colocou o amor humano no centro das catequeses⁸⁵ sobre a teologia do corpo, mostrando que o amor é um caminho seguro e viável para o ser humano atingir a sua vocação interior. Nas catequeses, o corpo era referido como dom, na sua masculinidade e feminilidade, como coluna vertebral da corporeidade do homem e da mulher. Para este autor o corpo é fonte de fecundidade e de procriação e tem a capacidade de exprimir amor; nomeadamente, aquele em que o ser humano se torna dom, dando sentido à sua existência. É no ato de entrega de si como dom ao outro que o ser humano encontra o sentido da sua vida.

São João Paulo II faz uma reflexão acerca do corpo humano à luz da encarnação do Verbo de Deus, valorizando esta dimensão humana como espaço de encontro do ser humano com Deus e dos seres humanos entre si⁸⁶. Desde a criação o ser humano é colocado em relação, primeiramente com Deus e depois com aquela que lhe é semelhante – a mulher com quem pode comunicar com a mesma linguagem e sem sentir solidão. O ser humano na sua individualidade é amado e querido por Deus. Contudo, esse amor recebido de Deus impele-o para a relação e para a comunhão de um “nós” que se constrói, num “eu” e num “tu”, numa relação profunda como a da Santíssima Trindade.

No número onze, da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, João Paulo II afirma que

«Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Chamando-o à existência por amor, chamou-o ao mesmo tempo ao amor. Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreveu nela a vocação ao amor e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes. [...] Porque o homem é um espírito

⁸⁵ Foram realizadas 129 catequeses sobre Teologia do Corpo, onde João Paulo II descreve a sexualidade humana conforme os ensinamentos da Igreja. Estas catequeses, a luz do Evangelho, vieram iluminar a confusão que a sociedade e a cultura moderna instalou sobre o relacionamento entre o homem e mulher.

⁸⁶ O Papa João Paulo II toma como referência o amor de Deus que é doação na criação e principalmente é dom de si mesmo mediante o Filho, Verbo Encarnado.

encarnado, isto é, uma alma que se exprime no corpo e um corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor na sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual. [...]. Por consequência, a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se dão um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é algo de puramente biológico, mas diz respeito à pessoa humana como tal no que ela tem de mais íntimo. [...] A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente”⁸⁷.

Criados à imagem de Deus, os seres humanos são por sua natureza corpóreos e espirituais, sendo o homem e a mulher gerados um para o outro, numa relação com o “nós” comunidade familiar, social e de Igreja, com Deus presente em todos os momentos das suas vidas.

4.2. *Manifestações da reciprocidade do amor e da sexualidade na família*

Ao longo da vida, o amor e a sexualidade coexistem numa reciprocidade total e de forma interligada. A família, a amizade e a solidariedade poderão ser os ambientes privilegiados da descoberta do amor, do domínio dos impulsos e o início da maturidade afetiva e sexual. Nestes ambientes de proximidade, o adolescente inicia um caminho fundamental na construção da sua personalidade e identidade.

Neste relatório iremos deter-nos na importância que a família tem na descoberta da reciprocidade do amor e da sexualidade, para o adolescente que ainda não é adulto, mas que também não é o menino que a tudo sorria, que procurava aconchego no colo dos pais e com quem brincava numa alegria de criança feliz, fruto do amor firmado no matrimónio.

Desde o nascimento, a criança vive rodeada pelo mundo dos afetos dos pais, familiares e amigos, onde o cuidado e atenção são formas visíveis da reciprocidade entre o amor e a sexualidade. Enquanto seres sexuados desde a concepção, a educação sexual inicia-se na intimidade do amor materno e torna-se visível no ambiente familiar.

⁸⁷ João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 11.

Na família as pessoas crescem; nutrem-se física, psicológica e socialmente; ganham o verdadeiro sentido de si mesmas, descobrem a existência de uma unidade cultural familiar, cultivam as crenças legadas e os valores acerca da vida que progridem ao longo do ciclo vital, até ao seu ocaso. É na família que se recebe suporte material e psicológico em situações de insegurança, ocupando um lugar primordial na vida das pessoas quer em situações de adversidade ou alegria, quer em situações de doença ou saúde.

A família, enquanto espaço privilegiado de crescimento, é um espaço educativo e de relação muito forte, onde os adolescentes observam e interiorizam de forma direta atitudes referentes ao amor e à sexualidade responsável. O aproveitamento deste espaço é fundamental, pois permite ouvir, corrigir e incrementar práticas saudáveis da vivência da sexualidade.

Os pais têm uma grande responsabilidade no amadurecimento da pessoa, pois acrescentam o dever de decidir e participar no projeto educativo dos seus filhos, onde sexualidade é uma componente vital. A família, espaço de honestidade, consolo e conforto, é a célula onde o amor é vivido e assumido como parte integrante da vida e onde o tempo não é usado em função da produtividade, mas em função do outro. O tempo não é marcado pelo relógio, mas pelo ritmo do coração de cada um, que é o tempo do amor ao próximo. Com os pais, o adolescente descobre, pela experiência, que o ser amado é amar nos gestos de generosidade, de partilha e afeto demonstrados e vivenciados, permitindo viver num ambiente seguro, harmonioso e tranquilo⁸⁸.

Podemos dizer que a família se caracteriza pela capacidade geradora, educadora e participativa, pilares fundamentais para a renovação da sociedade e do ser humano, local privilegiado para os adolescentes crescerem como agentes transformadores do mundo e da vida⁸⁹. A família como espaço facilitador dos impedimentos coloca, muitas vezes, o amor à prova, levando a novos desafios para a vida de todos e de cada um, servindo de exemplo para futuros dilemas e obstáculos que os adolescentes encontram nas suas vidas.

A família tem uma missão bem definida e insubstituível na educação do amor⁹⁰ e que deverá marcar os adolescentes, que irão equacioná-la como possibilidade de concretizar a sua

⁸⁸ Cf. Norman A. Sprinthalle e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente, Uma abordagem Desenvolvimentista*, tradução de Cristina Maria Coimbra Vieira, 3,^a Edição (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 296-297.

⁸⁹ A *Familiaris Consortio* no n.º 17 apresenta os quatro deveres da família: formação de uma comunidade de pessoas; o serviço à vida; a participação no desenvolvimento da sociedade, e a participação na vida da Igreja.

⁹⁰ Partindo do amor vivido na família, desenvolvem-se a profundidade e a intimidade das relações familiares. A família, enquanto comunidade de amor e de solidariedade, é insubstituível para o ensino (teórico/prático) e a

vida futura num modelo igual ou melhor ao do seu lar que preparou a sua vinda, há muito tempo, mas que continua sempre de porta aberta para acolher com ternura e responsabilidade partilhada.

O amor conjugal vivido e aprendido levará os adolescentes e futuros pais, a optar pelo caminho do matrimónio, à descoberta da missão geradora de novas vidas de forma responsável e consciente, através da qual a sociedade se vai renovando e progredindo.

Face ao exposto, a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* do Papa João Paulo II, no número catorze afirma que “o amor é essencialmente dom e o amor conjugal (...) não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe”⁹¹.

A família como uma comunidade de pessoas, ao serviço da vida de amor, surge do amor, vive no amor e será sempre o espaço educativo mais indicado para a descoberta do amor, que cultiva o pleno respeito pelos direitos de todos os membros que integram a comunidade familiar e social, onde se dão os primeiros passos deste caminho que levará à alegria do amor.

5. O Amor na mensagem bíblica

“*Deus vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa*” .
(Gn 1,31).

Ao abordar o amor na mensagem bíblica descobrimos o mais alto nível a que pode chegar o amor. Recordando as palavras de S. João, na sua Primeira Carta: “o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus” (1 Jo 4,7). É Deus que nos “desenha”, nos “escreve”, nos “sonha”. Os contornos são os do Seu amor, numa

transmissão de valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais ao desenvolvimento e bem-estar dos seus próprios membros e da sua sociedade. Ela é, ou deverá ser, o lugar onde se encontram diferentes gerações que se ajudam mutuamente no crescimento humano, em harmonia com os direitos individuais de cada um e as exigências que a vida vai colocando.

⁹¹ João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n.º 14.

criatividade e originalidade, numa “habilidade”, que nos ultrapassam e nos elevam ao mesmo tempo. “Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança»” (Gn 1,26). Somos manifestação de Deus, muito antes de o sabermos ou compreendermos. Numa perfeição de sempre e para sempre, numa arte sempre renovada (Ap 21,5). Deus que só pode amar, comunica-se a Si mesmo naqueles que ama e lhes permite conhecerem-n’O para sempre.

Se Deus nos amou, à Sua imagem e à Sua semelhança, e manifesta esse amor numa arte eterna e eternamente renovada em Cristo, o “logos” que nos configura, passaremos a aceitar que “tudo existe por nós e para nós”.

Deus que tudo nos entregou e entrega, considerou isso tudo muito bom (Gn 1,31) fez-nos participantes da sua obra da criação. Assim, a nossa resposta terá de ser no mesmo contexto da imagem e semelhança com que fomos criados e da doação com que fomos abençoados: uma resposta de amor e entrega, não só para com Deus, mas para com a humanidade também. “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,37-39). É nisto que Deus Se manifesta e mostra o Seu rosto. Ele nos escolheu, antes da criação do mundo, para mostrar ao mundo como se ama, o que é o verdadeiro amor (Ef 1,4).

5.1. Deus cria por amor

O Livro do Génesis relata a criação como um épico de amor, num crescente de preparação para o ser humano, protagonista da mais bela história do Universo do homem e da mulher criados à imagem e semelhança de Deus, numa relação horizontal e vertical, de doação gratuita e recíproca. Este livro aponta para a perspetiva mais sublime da criação e da ação criadora de Deus.

Se nos pudéssemos sentar num espaço imaginário, que nos permitisse observar toda a criação, pensamos que, tal como Deus, poderíamos considerá-la “muito boa”. Poder mergulhar na beleza da paisagem natural, sentir o sabor da criação, mergulhar no seu silêncio que se torna palavra criadora, acolher a brisa que passa como “sopro de vida”, contemplar o infinito que toca o mais íntimo de nós e perceber que somos parte de um todo em comunhão, num permanente “crescer e multiplicar-se”.

Esta realidade, qual imperativo de vida, de harmonia, de relação, de intimidade, de contemplação, gera em nós a certeza de um universo repleto de vida, que nos aponta para um viver mesmo para além da perspectiva biológica e natural. Neste sentido, toda a mensagem Bíblica é uma mensagem de amor geradora de felicidade e onde tudo alcança sentido.

Diante desta realidade da maravilha da criação no Livro do Génesis, Deus cria tudo por amor e coloca-nos no centro da criação, convidando-nos a participar na sua ação criadora como prossecutores da obra iniciada.

Desta forma, ou nos colocamos diante de Deus que cria por amor, e que como tal, nos faz ultrapassar as fronteiras do finito e tocar a eternidade, porque criados à sua “imagem e semelhança”, ou nos colocamos diante da força do acaso, que nos pode devorar, em esquemas e teorias que a própria ciência, se encarrega de ultrapassar e de desatualizar, pela força evolutiva que a vida tem, e pelo mistério da vida, que pouco a pouco, se vai revelando de forma surpreendente.

Uma coisa pode completar a outra, na procura da verdade, no tocar o mais íntimo que temos em nós. Mas importa estarmos atentos ao essencial. Na vastidão deste tema podemos ver que a criação é um ato de amor, logo todo o amor é criador e transformador.

Deus cria por livre amor e bondade. Se a confissão do Deus trinitário é, em última análise, apenas a expressão da experiência fundamental cristã de que Deus é em si mesmo vida, amor, comunhão, diálogo, dom recíproco, então a criação é uma obra deste amor para fora, autocomunicação, dom de si e dádiva ao outro, livre expressão e exteriorização do amor infinito e transbordante da bondade, que constitui o ser de Deus. A criação é, deste modo, caracterizada fundamentalmente pela bondade, salvação e liberdade. É livre partilha e participação no amor, bondade, glória e plenitude de vida, do ser de Deus⁹².

5.2. *O Cântico dos Cânticos, um hino ao amor humano*

O título “*Cântico dos Cânticos*” representa, em hebraico, uma fórmula de superlativo, significa o mais belo dos cânticos, o cântico maior, por excelência.

⁹² Cf. CÍRCULO de Discípulos do Papa Bento XVI – *Criação e Evolução: Uma jornada com o Papa Bento XVI em Castelo Gandolfo*; Org. de Stephan Otto Horn, Siegfried Wiedenhofer. (Lisboa: Universidade Católica Editora. 2007), 168.

É um livro sapiencial que nos fala da condição humana e reflete sobre um dos aspetos mais importantes da nossa vida - o Amor⁹³.

Este texto do Antigo Testamento utiliza uma linguagem própria do tempo, com recurso a imagens retiradas da pastorícia e da agricultura, exaltando a bondade e a dignidade do amor. O obreiro celebra a beleza e o milagre do amor humano, a alegria sincera na atração física. O texto é um todo vibrante de paixão e de alegria pelo amor humano⁹⁴, possivelmente, com origem nos poemas nupciais, uma vez que o código utilizado para escrever o *Cântico dos Cânticos* é o de um epitalâmio ou cântico nupcial. É o amor e a atração respetiva do amado pela amada e vice-versa que determinam a lógica interna do Cântico⁹⁵.

“Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor, implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas. Nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir. Se alguém desse toda a riqueza de sua casa para comprar o amor, seria ainda tratado com desprezo”. (Ct 8,6-7)

5.3. O Amor humano, “metáfora do Amor Divino”

Num relance, o livro do *Cântico dos Cânticos* revela “simplesmente” um homem e uma mulher que celebram a maravilha do amor que os atrai um para o outro. Mas se lermos com atenção percebemos que há muitos pormenores a indicar que este poema está cheio de intenções simbólicas.

“As interpretações medievais do conteúdo literário do *Cântico dos Cânticos*, tanto as talmúdicas (judaicas) como as dos cristãos, remetem para uma interpretação alegórica que se afasta do erotismo que o poema evoca”⁹⁶. Numa leitura realista - o livro é entendido como um conjunto de cânticos ao amor. Numa leitura simbólica - o livro é visto como a expressão do

⁹³ Cf. Hernandez, Emiliano Jiménez, *Cantar de los Cantares* (Bilbao: Grafite, 2002), 9.

⁹⁴ Cf. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Desafios - Manual do Professor 7.º Ano*. (Lisboa: Gráfica Almondina, 2009), 179.

⁹⁵ Cf. Carreira das Neves, *Bíblia o Livro dos Livros*, Edição Expresso, 2006, 56.

⁹⁶ <http://canais.sol.pt/blogs/josecarreiro/archive/2007/05/13/cantico.aspx>

drama do amor de Deus pelo seu povo. Numa leitura mística – insiste-se na união da alma a Deus⁹⁷.

Sabemos que se trata de um texto da Bíblia e que Esta compara, noutros escritos a relação conjugal à relação entre o povo de Israel e Deus. O amor humano é a grande metáfora para falar de Deus, percebemos que a referência ao amado e à amada reproduz a história da aliança entre Deus e o Seu povo. Com efeito, nos retratos da amada há alusões simbólicas a Israel e o amado simboliza o próprio Deus. Neste texto, em que a existência religiosa é entendida como uma realidade conjugal, todos os crentes são convidados a reconhecer-se na amada. Assim, o *Cântico dos Cânticos* exprime em primeiro lugar o amor profundo entre um homem e uma mulher e, metaforicamente, exprime a relação de amor que existe entre Deus e o seu Povo, entre Deus e cada pessoa que se abandona ao seu amor.

O *Cântico dos Cânticos* transformou-se no principal veículo para exprimir uma antiga conceção bíblica da experiência religiosa, sobretudo como uma relação amorosa com Deus. Algumas das mais profícuas formulações, anteriores ao desta conceção de Deus encontram-se em Oseias (Os 2,4-25), em Jeremias (Jr 2,20; 31,1) e Isaías (Is 57,3-33). E, assim, para além da leitura mais explícita na tradição judaica desde a antiguidade, que entende o *Cântico dos Cânticos* como uma grande alegoria messiânica, avulta igualmente e com raízes bíblicas não menos antigas, a leitura deste texto como a metáfora universal da relação amável com Deus.

Como interpretar o *Cântico dos Cânticos*? Numa primeira reflexão, salientamos que se trata de um livro sapiencial que aborda a mais profunda, universal e significativa experiência humana: o amor. Mas, amor humano ou divino? Podemos dizer que o cântico celebra inseparavelmente os dois, pois a criatura humana é imagem e semelhança do Criador (Gn 1,26-27). Além do mais, como afirma João, «o amor procede de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus, e conhece a Deus, ...pois Deus é amor» (1Jo 4,7-8). O amor humano é reflexo, sacramento e manifestação do próprio Deus, que se torna presente na pessoa dos seres humanos que se amam. Ele manifesta assim o seu amor e eterniza a maior experiência que os humanos podem ter d'Ele e de si mesmos. O livro convida a descobrir e viver essa experiência, e com ela o cerne do grande mistério: Deus manifesta-se na pessoa de Jesus, como amor pelos homens (Jo 3,16). O *Cântico dos Cânticos* e o que ele descreve - o amor humano - podem e precisam

⁹⁷ Cf. Emmanuelle Bjerckem Hirtz.; Jean Claude Brau.; Francis Dumortier, et al. *Bíblia 2000*. (Lisboa : Alfa, 1997), 27.

de ser lidos como parábola incomparável que revela a paixão e ternura de Deus pela humanidade⁹⁸.

O *Cântico dos Cânticos* é uma gloriosa bênção lançada por Deus sobre o amor humano. É um magnífico poema de felicidade e de esperança.

Do início ao termo do texto, manifesta-se a sedução, o amor, a procura, e como resposta, a correspondência, o encontro; e isto, tanto no plano da relação homem e mulher, como na relação entre Deus e o seu povo. O divino e o humano andam juntos. Deus e o crente procuram-se mutuamente até que se realize o encontro que preenche a alma humana do amor e da felicidade plena que só Deus é.

O casamento humano é, de acordo com a Bíblia, imagem da Aliança sempre refeita entre Deus e a humanidade. O *Cântico dos Cânticos* é uma impressionante coleção de cânticos amorosos que, de certa forma constituem o núcleo antropológico e teológico de toda a Escritura. Os grandes teólogos antigos, não o entenderam assim. Mas, desde Orígenes até S. João da Cruz, o *Cântico dos Cânticos*, é visto como a chave de leitura do conjunto da Bíblia, é o livro onde o amor de Deus e o amor humano se vinculam para sempre numa espécie de evangelho originante⁹⁹.

5. 4. O Amor, em São Paulo

O *Cântico dos Cânticos* não é diretamente citado, mas a sua inspiração encontra-se no centro da percepção nupcial da Igreja que é típica de Paulo, num paralelismo entre Cristo-Igreja e homem-mulher que é feito em Ef 5, 25-33, no qual se inscreve na perspectiva do *Cântico dos Cânticos* lido como revelação do amor perfeito da Aliança: *Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada* (Ef 5,25-27). Esta expressão está muito próxima da exclamação de Ct 4,7: *Toda bela és tu minha amada, e em ti defeito não há.*

⁹⁸ Bíblia Sagrada - Edição Pastoral - http://www.paulus.com.br/BP/_PL7.HTM. 11-05-2017.

⁹⁹ Cf. Pikaza, Xavier, *el cántico espiritual de San Juan de la Cruz, Poesía. Biblia. Teologia*, (Madrid: Ediciones Paulinas, 1992), 11.

Na primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 13), encontramos o hino dos hinos ao amor¹⁰⁰. Esta Epístola tem por objetivo advertir a comunidade para a necessidade de uma vida íntegra, radicada no mandamento do Amor. Numa sociedade marcada pelo *eros* e pelo egoísmo, o Hino ao Amor é a sua rejeição e a afirmação do amor gratuito e altruísta que quer o bem do outro e impulsiona cada pessoa a fazer de si uma dádiva para o outro. Há quem chame a este *Hino ao Amor* o *Cântico dos Cânticos*, do Novo Testamento. A mensagem que São Paulo aqui transmite de forma clara e incisiva é que só há um talento, um dom absoluto: amor, tudo o mais é relativo. O caminho da perfeição é o caminho da aprendizagem do amor, por isso, o amor permanecerá para sempre, não desaparecerá nunca, nem mudará jamais.

Evidentemente, o amor de que São Paulo fala é o amor (em grego, *ágape*)¹⁰¹, tal como ele é entendido pelos cristãos: não é o amor egoísta, que procura o próprio bem ou o amor simplesmente físico, mas o amor gratuito, desinteressado, sincero, fraterno, que se preocupa com o outro, que sofre pelo outro, que procura o bem do outro, sem esperar nada em troca. Para São Paulo dizer amor é o mesmo que dizer Deus e viver no amor é viver em Deus.

Neste texto, São Paulo afirma que sem amor, até as melhores coisas (a fé, a ciência, a profecia, a distribuição de esmolas pelos pobres) são vazias e sem valor, pois só o amor dá sentido a toda a vida e a toda a experiência cristã. Depois, personifica o amor, apresentando-o com características humano-divinas: ele é a fonte e a origem de todos os bens e qualidades. São Paulo enumera quinze características do amor autêntico (sete formuladas positivamente e oito de forma negativa), sendo que todas elas se referem a realidades simples e quotidianas, que experimentamos e vivemos a cada instante, para que ninguém pense que o amor só diz respeito aos santos ou aos sábios.

¹⁰⁰ Hino ao amor “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita. O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará. ...Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor (1Cor,13).

¹⁰¹ O amor na Grécia antiga, entre homem e mulher, tinha o nome de *eros*. O Antigo Testamento grego usa apenas duas vezes a palavra *eros*, enquanto o Novo Testamento nunca a usa: das três palavras gregas relacionadas com o amor — *philia*, (amor de amizade) e *ágape* — os escritos do Novo Testamento privilegiam a última, que, na linguagem grega, era quase desconsiderada. Quanto ao amor de amizade (*philia*), este é retomado com um significado mais profundo no Evangelho de São João para exprimir a relação entre Jesus e os seus discípulos. A marginalização da palavra *eros*, juntamente com a nova visão do amor que se exprime através da palavra *ágape*, denota, sem dúvida, algo de próprio relativamente à compreensão do amor. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Bento XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*. Prior Velho: Paulinas, 2006.

O amor cristão, isto é, o amor desinteressado que leva a procurar o bem do outro por pura gratuidade é a essência da vida cristã. Desse amor partilhado nasce a comunidade de irmãos a que chamamos Igreja. O amor como doação de si mesmo é a conquista da maior riqueza. O egoísmo reduz a pessoa à miséria espiritual e humana¹⁰².

A partir de uma interpretação bíblica/espiritual, somos convidados a repensar a teologia do amor. Não se ama a Deus, que não vemos, se não amarmos o próximo que vemos (1 Jo 4,20). O Hino ao amor de São Paulo (1Cor 13) nunca fala de Deus e de Jesus, se bem que Eles estejam a na sua fonte. A antropologia do amor é criação de Deus (Gen 2,23). A fé sem amor facilmente se transforma em ideologia, poder e fanatismo. Não podemos ir a Deus sem o corpo humano, pois é o ser no seu todo que se deixa encher da luz que faz crescer, num deambular de procura constante, como Saulo a caminho de Damasco, num primeiro momento para perseguir e matar, mas como Paulo que ao aceitar a revelação de amor se fez fonte para dar a conhecer Aquele que o chamou. É São Paulo que diz: *Glorifiquem pois a Deus com o vosso corpo* (1Cor 6,20). É pelo corpo que pensamos, amamos, contemplamos e acreditamos.

A mensagem bíblica abre-nos um caminho para vencer as barreiras que opõem o amor humano ao amor divino. É o Cântico da Aliança e da História da Salvação. É assim que Deus ama e faz, com que o amor humano se eternize no Amor de Cristo para mergulharmos e vivermos no Amor do Espírito.

Em síntese

A educação para a sexualidade é complexa e exige de cada educador uma constante ação reflexiva para poder atuar de forma coerente com o meio e os educandos reais, sem deixar de apresentar a verdadeira essência do amor. Estamos conscientes que poderíamos seguir outros “trilhos” de reflexão teórica, mas consideramos que nada poderá ser feito sem olharmos o mundo real onde vivemos. Mais do que palavras é urgente e necessário ser testemunho numa sociedade superficial e desacreditada dos grandes valores. Neste primeiro capítulo conscientizámo-nos para o verdadeiro significado do amor e da sexualidade aferindo que a sexualidade é a linguagem do amor.

¹⁰² Cf. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Desafios - Manual do Professor 7.º Ano*. (Lisboa: Gráfica Almondina, 2009), 173-4.

Os adolescentes, na sociedade e na cultura contemporânea, necessitam de encontrar um caminho orientador que os conduza à descoberta do que são o amor e a sexualidade. Esta descoberta, só é possível através de uma educação para a sexualidade, inserida num projeto educativo sério e transparente com a missão de encaminhar o adolescente para a maturidade. Esta educação tem lugar na escola, na sociedade, mas o seu espaço mais favorável é na família, célula da sociedade, onde deverá existir uma reciprocidade constante entre o amor e sexualidade.

Na família, o adolescente, encontra o “*porto de abrigo*”, as melhores respostas para as dificuldades que a vivência do amor e da sexualidade lhe apresentam. Nesta procura de respostas para os significados últimos do amor, encontramos a mensagem bíblica como “bússola” da vida dos crentes.

A atenção ao corpo converteu-se numa das características da nossa cultura. Porém, este cuidado do corpo atingiu uma perspetiva egocêntrica que não corresponde à reflexão sobre o seu significado de dom, da experiência integral humana e espiritual. É urgente a redescoberta do corpo para lá da sua dimensão biológica, olhando a sua dimensão relacional e a sua dimensão espiritual.

O amor humano encontra a sua raiz no amor de Deus, presente ao longo da história da humanidade e que nunca nos abandona. Deus desde a criação nunca deixa o ser humano à deriva, no deserto da vida, dando-lhe sempre pontos de referência que lhe permitem descobrir e viver o amor de forma oblativa. Na verdade, o amor é a própria essência da mensagem bíblica, quer seja o amor na dimensão humana, na dimensão espiritual, da relação de Deus com o seu povo e vice-versa e na contemplação amorosa do próprio Deus que é amor. Tudo se fará em nós na medida de Deus, a medida do amor e nós somos fruto desse amor. Nada nos poderá travar na vivência desse amor e na experiência da felicidade; nada, nem ninguém nos poderá impedir de viver nesta relação. A experiência do amor é a experiência de Deus.

A abordagem realizada, anteriormente, permite-nos, no segundo capítulo, destacar a importância que a Escola, nomeadamente a disciplina de EMRC, pode dar para a descoberta da sexualidade como linguagem do amor na etapa da adolescência.

CAPÍTULO II – A ADOLESCÊNCIA E A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

A adolescência é uma das etapas da vida humana, na qual, se verificam as maiores alterações de caráter biológico, cognitivo e social da pessoa. Estas alterações irão condicionar a descoberta da identidade e da maturidade humana. Sendo uma fase de muitas mudanças, contribui de forma definitiva para a construção da personalidade da pessoa. Nesta etapa, a sexualidade humana conhece um desenvolvimento muito significativo, que ao ser bem orientada poderá contribuir para a realização do ser no seu todo e em todas as suas dimensões. Dada a importância que a educação para a sexualidade tem na educação integral do ser humano, todos os agentes educativos são chamados a unir esforços para garantir o adequado caminho que o adolescente deverá percorrer na procura da maturidade e da felicidade.

1. Adolescência uma etapa no crescimento da pessoa

Sempre que é feita a pergunta: o que é ser adolescente? Fica na nossa memória a ideia de imaturidade, aventura, adrenalina, exageros, conflitos, desejo e um sem número de características transitórias e complexas. Encontrar uma resposta que vá para além daquilo que se vê e daquilo que se vai transformando no corpo e no aspeto exterior dos adolescentes, não é fácil, mas é fundamental, pois temos de ter consciência de que o adolescente é um ser, com dignidade e valor e que nada, nem ninguém, pode destruir ou camuflar¹⁰³.

A adolescência é marcada pelas transformações biológicas o que explica as grandes modificações corporais. “De acordo com um ponto de vista psicológico, a transformação biológica fundamental da adolescência, consiste no alcance da capacidade de reprodução ou da maturidade sexual”¹⁰⁴. De qualquer forma não podemos reduzir esta etapa à capacidade de reprodução. Temos de conhecer e descobrir os aspetos que envolvem a personalidade, as qualidades e defeitos, as dificuldades e as possibilidades da adolescência, independentemente do que pensamos e sentimos, pois este é o primeiro passo para a descoberta de que cada um de nós é único. Desta forma, na adolescência formam-se alguns dos pilares fundamentais do ser

¹⁰³ O estudo sobre a adolescência realizado neste relatório tem por base os diversos estudos realizados ao longo de vários anos e publicados no site adolescência e saúde: <http://www.adolescenciaesaude.com>. Adolescência: definições, conceitos e critérios. (Consultado a 25-4-2017)

¹⁰⁴ Norman A. Sprinthalle e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente, Uma abordagem Desenvolvimentista*, tradução de: Cristina Maria Coimbra Vieira, 3ª Edição (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 44.

pessoa, transpondo metamorfoses constantes de incerteza, irreverência, audácia, generosidade, doação, numa radicalidade de ser e viver.

Ainda que, muitas vezes, se empregue como sinónimos, puberdade e adolescência, estas expressões não dizem a mesma coisa, pois trata-se de semânticas diferentes.

Puberdade - do latim *pubescere* - cobrir-se de pelos. É o processo de maturação biológica, sexual e reprodutora que se inicia, comumente, entre os dez e os doze anos nas raparigas e entre os doze e os catorze nos rapazes¹⁰⁵. Nesta fase, aparecem os caracteres sexuais secundários (pelos, barba, aumento do pénis e testículos, menstruação, desenvolvimento das glândulas mamárias, etc.)

Adolescência - do latim *adolescere* - amadurecer, crescer, desenvolver-se¹⁰⁶. Não se explica pela biologia, mas define-se de forma diferente em cada cultura, apresenta *nuances* diferenciadas, segundo a história do indivíduo e o meio social em que se insere. Norman A. Sprinthalle e W. Andrew Collins, na obra *Psicologia do adolescente, Uma abordagem Desenvolvimentista*, a este respeito afirmam: “poderá constituir um estágio real do desenvolvimento humano, ou representar um conjunto de respostas situacionais dadas pelos indivíduos numa fase de transição para a vida adulta, numa dada sociedade ou cultura. É um conceito que depende de cada cultura particular”¹⁰⁷.

A adolescência é uma etapa de transição do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta, na qual ocorrem grandes transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais. Inserido num contexto vivencial, o indivíduo procura atingir os objetivos que a sociedade e a cultura lhe patenteiam. O início da adolescência oscila de pessoa para pessoa, ocorrendo segundo a OMS, entre os 10 e os 19 anos de idade¹⁰⁸. Este espaço cronológico vacilante é fruto da ação de aculturação que se exerce sobre o indivíduo¹⁰⁹. Sabendo que o adolescente se desenvolve, tendo como referência o meio envolvente, o período da adolescência é variável em função dos fatores referidos e da interação que a pessoa tem com o meio. Esta duplicidade, a ação do meio sobre a pessoa e a interação da pessoa com o meio, provocam desfasamentos cronológicos nas etapas de crescimento do ser humano. Não

¹⁰⁵ <https://www.dicionarioetimologico.com.br/puberdade/>. (Consultado em 13-03-2017)

¹⁰⁶ <https://www.dicionarioetimologico.com.br/adolescente/>. (Consultado em 13-03-2017)

¹⁰⁷ Norman A. Sprinthalle e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente, Uma abordagem...*, 45.

¹⁰⁸ Cf. <http://www.adolescenciaesaude.com>. Adolescência: definições, conceitos e critérios. (Consultado a 25-4-2017)

¹⁰⁹ Cf. José Machado Pais, *A construção sociológica da juventude-alguns contributos*, *Análise Social* XXV/105-106 (1990), 146.

podemos, pois, aplicar uma educação para a sexualidade marcada por limites temporais concretos, mas sim pela maturidade que o adolescente demonstra e vive.¹¹⁰

Desde que nasce, o indivíduo inicia uma interação profunda com o meio e a cultura onde está inserido, a partir dos quais, construirá a sua identidade. Esta construção pessoal é considerada uma das tarefas mais importante da adolescência, pois é uma fase em que os adolescentes iniciam a construção do seu “eu” através das interações relacionais, que podem ser reais e idealizadas, nas experiências vividas, reflexo dos experimentados modelos. Se durante a infância os modelos são os pais, na adolescência são os amigos da mesma idade e com as mesmas preferências. Os grupos de pares tornam-se as figuras de identificação que vão influenciar, de forma significativa, a construção da identidade e da personalidade. Além disso, a família e os docentes vão assumir um papel muito importante nesta construção, assim como os meios de comunicação digital e tecnológicos, uma vez que são os baluartes de referência para os adolescentes¹¹¹.

A adolescência surge como uma etapa extraordinária de descobertas na vida de todas as pessoas, pois promovem-se novas dimensões nas relações interpessoais. Nesta amálgama de descobertas e transformações dinâmicas, acontecem reformulações de valores adquiridos na infância. O mundo social alarga-se e nasce uma grande preocupação com o que os outros pensam acerca do “nós”. Assumem uma variabilidade de papéis em função do contexto social em que agem, num crescendo de aventura empreendedora no seu construir e agir humano.

As crises¹¹² que caracterizam a fase da adolescência surgem como consequência das transformações que os adolescentes aquiescem, quer a nível físico, com a puberdade, quer a nível psicológico. O adolescente sente necessidade absoluta de encontrar a sua identidade pessoal, centrando-se em si próprio. Estimulando e desenvolvendo a atividade de reflexão sobre si, o outro e o mundo, com espírito crítico e, ao mesmo tempo numa amálgama de informações

¹¹⁰Cf. José Machado Pais, *A construção sociológica da juventude-alguns contributos*, 147.

¹¹¹ Cf. Norman A. Sprinthal e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente, Uma abordagem...*, 73.

¹¹² A palavra “crise” vem do grego *krisis* e significa “fase decisiva de uma doença”. Entre os vários significados crise pode ser: “ação ou faculdade de distinguir”, “ação de escolher”, “decidir”, “julgar”, “momento perigoso e decisivo”, “estado de incerteza”. A partir desta definição, o termo aponta para um momento especial, marcante, decisivo. crise é “perigo” é também “oportunidade”. *Crise* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-07-06]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/crise>.

e contra indicações que o conduzem a mais questões do que a soluções. Os adolescentes sentem-se cheios de problemas acerca da razão de existir, das pessoas e das coisas¹¹³.

O desenvolvimento intelectual, em confronto com os sentimentos vividos, pode provocar no adolescente dúvidas, medos e incertezas que, não sendo valorizadas pelos adultos, podem levar ao isolamento que se traduz na dificuldade de se aceitar a si e aos outros. Este isolamento carrega em si uma carga negativa que poderá conduzir o adolescente à procura de respostas onde não deve, fruto de fórmulas mágicas, ou a procurar o caminho mais fácil que, muitas vezes, o leva para a degradação da identidade¹¹⁴. Nesta altura, o mundo exterior já não serve apenas para ser explorado, mas também para ser colocado em questão. Qual é a sua origem? Porque é que as coisas funcionam desta maneira e não doutra? O adolescente confronta-se com os valores sociais e morais da sociedade e autoavalia-se em conexão com eles. Esta autoavaliação inclui também uma interrogação acerca do seu próprio destino, do seu futuro, da sua razão de ser e não-ser, de qual é o seu papel no mundo que o rodeia¹¹⁵.

Os adolescentes nestas idades estão propensos a questionar tudo o que os envolve, procurando indagar as causas primeiras e as causas últimas, porque o terreno pantanoso em que se sentem avançar os força a procurar referências, portos seguros para se abrigarem¹¹⁶.

No cruzamento de propensões infantis e adultas, o adolescente vivencia-se como que num mundo com duas faces. Ele não é criança, mas também não quer ser o adulto que os seus progenitores querem que ele seja, quer ser ele mesmo, sendo diferente dos outros quer ter a sua própria identidade e personalidade.

Sendo a adolescência uma fase cheia de instabilidade e questionamentos, caracteriza-se por uma constante busca de “si mesmo” e da própria identidade. Os padrões anteriormente estabelecidos são agora constantemente questionados, bem como criticadas todas as escolhas de vida feitas pelos pais. Ele anda numa busca constante do autoconceito e da autoafirmação, tendo como horizonte a liberdade¹¹⁷.

Nesta fase de transição, de mudanças físicas, psicológicas e emocionais existem muitos processos que ainda não foram totalmente consolidados. A adolescência torna-se numa fase

¹¹³ Maria Isolina Pinto Borges, *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento*, (Porto: Edições Jornal de Psicologia, 1987), 152.

¹¹⁴ Cf. José Machado Pais, *A construção sociológica da juventude-alguns contributos*, 148.

¹¹⁵ Maria Isolina Pinto Borges, *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento*, 153.

¹¹⁶ *Ibidem*, 152-153.

¹¹⁷ Cf. Norman A. Sprinthalle e W. Andrew Collins, *Psicologia do adolescente*, 193.

desafiadora para os adolescentes, que têm que lidar com tantas mudanças e é também uma provocação para os pais, que precisam de aprender a lidar com o seu filho(a) que foi criança, e agora, se encontra num processo de metamorfose, de crisálida para uma beleza multicolor, que brevemente se tornará num adulto. Nesta fase o adolescente constrói novas teorias sobre as concepções que já recebeu no meio escolar, social e familiar, procurando chegar a uma concepção própria das coisas, que o leve a atingir o maior sucesso na vida¹¹⁸.

Como já referimos, a adolescência é uma fase de crises, de instabilidade emocional e indefinições características desta etapa, dado que ainda não está estabelecida a sua identidade e o padrão socioafetivo. Espírito crítico e de inconformidade com a realidade são características próprias do adolescente, que exercita as suas habilidades mentais na análise e questionamento de tudo o que está ao seu redor.

Outra das características dos adolescentes de hoje é a influência que os heróis têm nas suas vidas, nas suas primeiras tentativas de estabelecer a identidade do *ego*. Para além dos heróis, os pais assumem um papel significativo na questão da identidade. Normalmente o adolescente não se identifica com os pais, rejeita o domínio destes e não considera os valores e as orientações dadas, como fundamentais na sua vida. Esta rejeição é necessária para separar a sua identidade da dos seus pais, e da necessidade “desesperada” de participar num grupo social. A luta pela independência e contorno dos obstáculos torna-se fonte de angústia para o adolescente e de conflito nas famílias.

Nesta etapa, as amizades podem atingir outros objetivos, e, por isso, é a época da descoberta do que significa o enamoramento, o namoro, verificando-se “uma evolução dos critérios de escolha dos amigos, de companheiros de brincadeira para as crianças, até as

¹¹⁸ O Papa Francisco refere na abertura do congresso diocesano sobre a família: **Adolescência, fase de crescimento para os jovens** “é um tempo precioso na vida dos filhos; um tempo difícil, de mudanças e instabilidade... uma fase que traz riscos e dúvidas, mas crescimento para eles e para toda a família”.

Francisco disse também que lhe preocupa a tendência atual dos pais de ‘medicar’ precocemente os jovens. “Parece que tudo se resolve medicando ou controlando tudo com o slogan ‘desfrutar o tempo ao máximo’ e assim, a agenda dos jovens fica pior do que a de um executivo”. Portanto, “a adolescência não é uma patologia que precisamos combater; faz parte do crescimento natural”. “Eles querem se sentir – logicamente – protagonistas”, “procuram muitas vezes sentir aquela ‘vertigem’ que os faça sentir vivos”. “Assim, temos que encorajá-los a transformar seus sonhos em projetos! Proponhamos grandes objetivos e ajudemo-los a realizá-los!”. Papa durante o discurso no congresso diocesano de Roma. 19/06/2017 http://pt.radiovaticana.va/news/2017/06/20/papa_no_congresso_da_diocese_adolesc%C3%Aancia_n%C3%A3o_%C3%A8_patologia/1320115

amizades da adolescência, que são mais eletivas porque se baseiam em afinidades afetivas e preferências compartilhadas”¹¹⁹.

Resultante da orientação dos seus interesses em direção ao seu mundo interior, o adolescente que era uma criança tagarela e comunicativa, torna-se num ser calado, introvertido e, muitas vezes, misterioso, recolhendo-se em si mesmo para explorar o novo mundo das suas emoções e sentimentos.

Por isso, na adolescência surge a época do diário, dos segredos e da intimidade. Este sente-se incompreendido, vivendo em ansiedade, manifesta-se de forma rude para com os adultos, tipo: «Deixem-me em paz!», «Isso é problema meu!», «Não se metam na minha vida!», ou «Saiam daqui, quero estar só!». Colocando-se exteriormente e interiormente numa situação de isolamento¹²⁰.

Normalmente os pais sonham a forma como gostariam que agissem, pensassem e fossem os seus filhos. Com a chegada da adolescência, a realidade é outra, eles mostram que são portadores de uma vontade própria, de direitos e deveres pessoais, num momento da história diferente do vivenciado pelos seus pais, dos sonhos que não realizaram e, nos quais, eles não se reveem.

Dentro deste mundo de alterações, são inúmeras competências que os pais têm de adquirir para saberem compreender os seus filhos. Todavia, tudo se resume a um ato de amor, compreensão e perdão dos pais. Este testemunho que os filhos reconhecem como valores que, depois de semeados, irão dar fruto, não no tempo imediato que “os crescidos” querem, mas num crescimento de pontes, permitindo ligar ou religar laços. Nesta tarefa educativa, nem sempre é fácil conciliar as expectativas criadas com a realidade do comportamento vivido.

As mudanças que ocorrem neste período levam a alterações dos comportamentos em casa, na escola e na sociedade. Os filhos que no passado eram carinhosos e cheios de afeto e bom senso, assumem outros comportamentos irreconhecíveis e instáveis. É uma fase cheia de surpresas para os pais, deixou de existir uma previsibilidade comportamental, levando os pais a questionarem-se sobre a forma como educaram os seus filhos. Os pais terão de apreender uma nova forma de lidar com esta realidade, pois é vital, para garantir a própria estabilidade familiar e a resolução dos problemas que vão surgindo.

¹¹⁹ Catherine Tourette e Michele Guidetti, *Introdução à psicologia do desenvolvimento-Do nascimento à adolescência* (Petrópolis: Editora Vozes, 2009), 79.

¹²⁰ <http://www.adolescenciaesaude.com>. Adolescência: definições, conceitos e critérios, 27.

A entrada na puberdade, que ocorre entre os 11 e os 14 anos, “é um marco na cisão do modelo “umbilical”, gerado a partir dos primeiros processos de socialização, com base na estrutura e modelo familiar que nessa fase se estende à escola. O que foi transmitido até então parece, agora, fortemente germinar quer na consciência individual, quer na adoção de novos comportamentos sociais. O adolescente começa a questionar-se e a demarcar-se de modelos anteriores, como se movido por uma consciência, pressupostamente, autônoma. Quando o adolescente se sente confiante e com um elevado, mas equilibrado, nível de amor-próprio ele revela todo o seu potencial – quer nas suas atividades acadêmicas como aluno, com um bom desempenho escolar, quer nas relações sociais e familiares que estabelece com todos”¹²¹.

2. Educação para a sexualidade. Porquê e para quê?

A Escola de hoje, dadas as alterações sociais e culturais, tem de encontrar alternativas consistentes para que consiga apoiar e desenvolver harmoniosamente os seus alunos. Esta é, muitas vezes, a única instituição que cumpre esta função. As alterações da sociologia familiar colocaram a escola como agente principal da educação dos adolescentes, assumindo uma responsabilidade que deveria ser partilhada por vários agentes educativos a começar pela família, célula fundamental da sociedade. Esta responsabilidade conduz à incumbência de uma atenção permanente face às necessidades reais dos alunos, por parte da escola, para poder colmatar as dificuldades que estes apresentam. Não é difícil encontrar alunos que têm como “porto de abrigo” a escola, abandonados no meio de um oceano de incertezas e vazios existenciais. As famílias, devido a múltiplos fatores, pedem à escola para intervir de forma estruturada na educação e desenvolvimento global dos seus filhos, uma vez que não têm meios, tempo e a formação necessária para os educar. Por outro lado, verificamos que os alunos passam mais tempo na escola e com os amigos do que com a própria família, suportando um vazio de comunicação e relação familiar.

A Escola além de ser espaço da reprodução e produção do saber, assume a responsabilidade de viver e ensinar a viver. Ouvimos com muita frequência alunos expressar a vontade de estar mais tempo na escola e com pouca alegria em ir para casa, pois gostam de estar onde sentem a vida e onde a vida tem sentido. Os professores, em muitas situações, são os

¹²¹ <http://www.adolescenciaesaude.com>. *Adolescência: definições, conceitos e critérios*. In Revista Adolescência, nº 3, ano 2013, 25. (Consultado a 25-4-2017).

“pais” e as “mães” que muitos gostariam de ter e a sala de aulas é o refúgio de muitas vidas não vividas.

Citando Isabel Varanda: “A urgência do nosso tempo é afetiva. É urgente reaprender a gramática do coração e a justa conjugação dos verbos amar e pensar. A nossa sobrevivência espiritual e mesmo física passa por aqui”¹²². Os nossos adolescentes precisam de referências válidas, educadores próximos e afetivos onde as teorias não estejam afastadas das práticas e as práticas levem a vidas felizes e consistentes, que promovam a comunhão.

Dando resposta à necessidade de uma educação para a sexualidade, de forma coerente, a Conferência Episcopal Portuguesa, na nota sobre a educação sexual¹²³, destaca os três objetivos específicos da educação sexual¹²⁴. Em primeiro lugar devemos considerar que “A sexualidade é um dos núcleos estruturantes e essenciais da personalidade humana, que não se reduz a alguns momentos e comportamentos, mas é, pelo contrário, um complexo que se integra no pleno e global desenvolvimento da pessoa”¹²⁵. Este primeiro objetivo destaca a integração da sexualidade na totalidade do ser humano, levando à afirmação da identidade pessoal. Em segundo lugar a educação da sexualidade implica identificação sexual e o autodomínio¹²⁶. Como tal a educação sexual deve permitir que a pessoa cresça na comunicação com outro, vivendo este encontro como dom de si¹²⁷. Por fim, a CEP refere que a abertura da pessoa à sociedade é um objetivo fundamental da educação sexual, na medida em que a sexualidade exerce uma função de destaque na estruturação das relações sociais. Esta, enquanto promotora das relações sociais, pode ser um vínculo mediador dos conflitos sociais resultantes, na sua maioria, de desequilíbrios psicoafetivos¹²⁸.

Perante o cenário traçado, a educação para a sexualidade é urgente e necessária e torna-se uma incumbência da escola, a qual não pode ser uma simples questão higiénica e de saúde, uma vez que implica abrir horizontes profundos dos adolescentes, de forma a encontrarem o fio

¹²² Isabel Varanda, *Iliteracia emocional e perda do património oral da fé*, In *Memoria*, (Instituto Católico de Viana do Castelo, 2003), 58.

¹²³ Conferência Episcopal Portuguesa, *Nota sobre a educação da sexualidade*, (Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2005), n.º 2.

¹²⁴ A CEP refere estes objetivos ao apresentar as três dimensões da sexualidade: biológica, psicológica e a dimensão social.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*. n.º 2.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*. n.º 2.

¹²⁷ O ser-homem e o ser-mulher é a condição essencial para a relação numa perspectiva de reciprocidade real, onde o autodomínio consolidado favorece a capacidade de se dar.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, n.º 2.

condutor para as suas vidas, não se esgotando, na sexualidade do prazer imediato, desordenado e descoordenado, mas no verdadeiro sentido do Amor. Se a escola não cumprir esta missão muitos adolescentes nunca terão educadores capazes de lhes indicar onde estão os limites, o valor da fidelidade e dos compromissos assumidos, o respeito, a responsabilidade, ou seja, a verdadeira alegria do amor¹²⁹.

A educação para a sexualidade deve ser exercida de forma positiva, delicada e com uma perspectiva de futuro. Esta exige gradualidade, como tal, em termos educativos e vivenciais deve ser efetuada no tempo certo, tendo como referência a maturidade. O desejo sexual faz parte do desenvolvimento físico da adolescência. É necessário ajudar o adolescente a perceber que não pode fazer tudo e que quer, é preciso saber esperar¹³⁰, vivendo a sexualidade a seu tempo, de forma progressiva e responsável para não cair numa visão superficial, puramente biológica e física, resultado da compulsão.

3. Educar para o amor no contexto da disciplina de EMRC

“A educação é um ato de amor, é dar vida. E o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos, despertar a paixão e colocar-se a caminho junto com os jovens, com paciência [...]”¹³¹.

Papa Francisco

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica contribui para a educação, para o amor e para a educação da sexualidade, apresentando um caminho dignificador do ser humano que permite aos adolescentes perceberem a abrangência que o amor tem na vida humana. A proposta apresentada pela EMRC deverá ser clara, precisa e construtiva, ajudando os

¹²⁹ A CEP refere que os pais são os principais responsáveis na educação dos filhos, inclusive no que refere à sexualidade, não negando a importância que a intervenção de outras instituições, como escola, tem na educação sexual. Esta responsabilidade educativa vai desde o nascimento à idade adulta.

¹³⁰ A sexualidade vivida antes do tempo e de forma descontextualizada não pode ser experienciada pela pessoa.

¹³¹ Papa Francisco aos participantes da Plenária da Congregação para a Educação Católica em 13 de fevereiro de 2014.

adolescentes a construir o seu futuro numa perspetiva de realização e felicidade, contribuindo de uma forma pertinente na formação da sua personalidade.

Face à sociedade e à cultura existentes, a disciplina de EMRC tem um desafio urgente nas suas mãos. Mais do que lutar contra o facilitismo e contra as modas instituídas, urge apresentar propostas novas e renovadoras capazes de orientar os educandos. É um grande desafio e uma enorme responsabilidade não deixar por caminhos desviantes a vida de tantos adolescentes que procuram um “arco íris”, no “cinzento” de tantas propostas “castradoras” da identidade humana. Na realidade, o Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) destaca que

“a educação da consciência ética e religiosa é um desafio urgente. O desenvolvimento dos valores da verdade, do amor, da paz, da justiça e da solidariedade deve ser assumido pela educação como fator decisivo na formação da personalidade das nossas crianças e adolescentes... ajudando-os a construir o seu futuro numa perspetiva de realização e felicidade”¹³².

Enquanto disciplina, EMRC educa com amor e para o amor, encontrando a sua raiz na mensagem do amor de Deus apresentada por Jesus Cristo. Esta deverá chegar aos nossos alunos de forma simples e eficaz, para poder iluminar a suas vidas, sedimentando os comportamentos responsáveis resultantes do desenvolvimento psicológico e moral.

A disciplina de EMRC, enraizada no espírito Evangélico, deverá ser um espaço seguro na educação para o amor, respondendo às aspirações mais profundas da pessoa. Poderá ser alternativa, ajudando os alunos na compreensão da sexualidade, na sua totalidade, como pessoa humana e divina, como realidade “antropológica”, como “ser para os outros”¹³³, orientando-os para as razões mais íntimas e transcendentais da sua existência e do seu agir sexual. Poderá contribuir para a descoberta e para o conhecimento da beleza e da alegria do amor que assenta na responsabilidade, no respeito e na fidelidade para consigo e para com o outro.

Esta disciplina visa, particularmente, promover a reflexão e a leitura do mundo da sexualidade, desmontando os elementos distorcidos da vivência do amor, contribuindo de forma real para a aquisição de referências que ajudem o adolescente a ser e viver a sexualidade como linguagem do amor.

¹³²<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/ensino-igreja-destaca-desafio-urgente-de-educar-consciencia-etica-e-religiosa/> (www.agencia.ecclesia.pt, consultado a 24 de maio de 2017).

¹³³ Cf. APEC. *Escola Católica, proposta e desafio - Actas do I Congresso de escolas Católicas*. Fátima: Edição Patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.

As aulas de EMRC, referentes a esta UL “O Amor” procuraram valorizar a aquisição de comportamentos saudáveis, tomar decisões livres, esclarecidas e responsáveis que permitirão conscientizar o adolescente de que a autonomia, o autocontrole e a responsabilidade estão na base da vivência do amor e da sexualidade. Ajudar o aprendente a descobrir que a vivência da sexualidade pode ser uma experiência feliz, se for baseada nos valores éticos e morais, será este o maior contributo nos objetivos presentes no programa de EMRC apresentado pelo SNEC¹³⁴.

Numa mensagem divulgada através do sítio *online* Educris, o SNEC sublinha que a EMRC é um “valioso contributo” na aventura do “crescimento e da consolidação da personalidade” e, é uma disciplina curricular presente no ensino básico e secundário. Neste contexto, acrescenta que a “abertura ao transcendente”, a procura de Deus e a compreensão da “dimensão cultural” do fenómeno religioso são caminhos a propor e a percorrer. “Sonhar uma humanidade nova e construir um mundo melhor são um imperativo que todos partilhamos”¹³⁵, sabendo que o amor é gerador de amor.

Em síntese

Neste segundo capítulo constatamos que ainda existe um longo caminho a percorrer na procura das melhores pedagogias para educar os adolescentes, de forma a atingir o grande objetivo que é “educar com amor e para a sexualidade”. A Escola não poderá ser um espaço de simples informação higiénica da sexualidade, pois os alunos necessitam de verdadeiros testemunhos do que é o amor, vendo que este vai para lá das questões preventivas e informativas da genitalidade. Neste capítulo, aferimos que a adolescência é uma etapa de grandes transformações, de descobertas da vida e onde se define a personalidade dos indivíduos. Educar de forma coerente para a sexualidade é uma necessidade urgente da escola, enquanto espaço formativo e cooperando com a família. A disciplina de EMRC, exercendo a sua real função, contribui de forma constante para a maturidade dos adolescentes, procurando apresentar um caminho dignificador do ser humano, onde a sexualidade humana é vista como a linguagem do amor e, só desta forma terá sentido. Os adolescentes, percebendo a abrangência do que é o amor, procuram nos testemunhos de vida, sinais orientadores das suas próprias vidas. Cada um de nós, enquanto educador, deverá desenvolver as estratégias e os mecanismos mais eficazes

¹³⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: SNEC, 2014, 86-87.

¹³⁵ *Ibidem*.

na demonstração da beleza do amor, integradas numa sexualidade responsável que encontre na mensagem cristã uma luz verdadeira e construtiva, como iremos tentar esquematizar no terceiro capítulo.

CAPITULO III – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, DA LECIONAÇÃO AO CONTRIBUTO PARA A UNIDADE LETIVA “O AMOR” DO 8.º ANO DE ESCOLARIDADE DE EMRC

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi o espaço propício para a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação realizada no mestrado em ciências religiosas, constatando o papel e o significado que a disciplina de EMRC tem na Escola.

O primeiro passo resultante do contacto direto com o campo de estágio levou-nos a descobrir como os recursos pedagógicos e didáticos têm de estar ligados ao ambiente concreto onde nos situamos, à turma e a cada aluno que abordamos. O segundo passo conduziu-nos à interpretação profunda do programa, de forma a planificar e a preparar os conteúdos, encontrando as estratégias concernentes que levassem à concretização da Unidade Letiva (UL) em seis aulas.

1 - A Educação Moral e Religiosa Católica nas Escolas

Uma das maiores responsabilidades da comunidade humana é educar e promover a educação. Educar compreende muitos processos diferenciados, institucionalizados ou não, que visam transmitir determinados conhecimentos e padrões de comportamento. Neste sentido a comunidade deverá ser transmissora dos elementos estruturantes aos mais novos a fim de garantir a continuidade da cultura de uma sociedade. Nesta educação salientam-se os costumes, os valores universais, as tradições positivas, os dados culturais e sociais pertinentes que são os marcos identificativos da sustentabilidade e identidade dos povos. A Escola, enquanto estrutura social, foi assumindo ao longo da história este papel transmissor e educativo. No entanto, a instituição escolar adquiriu um novo papel: “local onde se aprende a conviver, a respeitar os outros, a ser tolerante e bom cidadão”¹³⁶. De facto, como refere Maria Emanuel “a velha...ideia da escola competitiva, fortemente unida ao êxito académico, vai cedendo lugar, mesmo lentamente, a outra, onde os valores, atitudes e comportamentos morais constituem objetivos essenciais no processo educativo”¹³⁷, contribuindo, deste modo, para o crescimento pessoal e coletivo.

¹³⁶ Maria Emanuel Melo de Almeida, *A educação para a paz*, (Águeda, Paulinas Editora, 2002), 90.

¹³⁷ Maria Emanuel Melo de Almeida, *A educação para a paz*, 90.

Concomitantemente, o Concílio Vaticano II refere “com especial atenção a gravíssima importância da educação na vida do homem e o influxo, cada vez maior, que ela exerce no progresso social do nosso tempo”¹³⁸, pois, a educação assume um papel muito significativo na medida em que contribui para o desenvolvimento global da pessoa e para o seu próprio bem estar.

A escola possui, enquanto espaço de desenvolvimento de saberes, um conjunto de metas que se revelam nos domínios do conhecimento, do raciocínio, da comunicação e das atitudes, tornando-se essencial para entender os conceitos científicos que permitem ao educando avaliar e tomar decisões conscientes face à vida e aos desafios inerentes ao ser humano.

Os programas elaborados nas Escolas pelas diferentes disciplinas curriculares devem ter em consideração a necessidade do desenvolvimento integral, sem excluirmos os seus conteúdos específicos. Desta forma, aferimos que algumas disciplinas consideram o ser humano como um todo, não compartimentando a pessoa em pequenos blocos do saber e do ser.

As disciplinas tendem a adequar-se ao que estipula: o Artigo 28.º, no n.º 2, da Declaração Universal dos Direitos do Homem¹³⁹; o Artigo 13.º, no n.º1, do Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais¹⁴⁰, e a Lei de Bases do Sistema Educativo, referencial normativo das políticas educativas, no n.º4 do Artigo 2.º que afirma que “o sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”¹⁴¹.

¹³⁸ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, *Declaração Gravissimum Educationis* (Braga: Editorial A. O., 1983), Proémio 13.

¹³⁹ Cf. Declaração Universal dos Direitos do Homem, Artigo 28, n.º2. “A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz”.

¹⁴⁰ Cf. Pacto Internacional sobre Direitos Económicos, Sociais e Culturais, Artigo 13, n.º1 “(...) a educação deve habilitar toda a pessoa a desempenhar um papel útil numa sociedade livre, promover compreensão, tolerância e amizade entre todas as nações e grupos, raciais, étnicos e religiosos, e favorecer as atividades das Nações Unidas para a conservação da paz.

¹⁴¹ Assembleia da República. “Lei 46/86, De 14 Outubro - Lei De Bases Do Sistema Educativo”, 1.ª Serie. N.º 237. (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986), N.º4.

A CEP na carta pastoral¹⁴², ao falar da Escola em Portugal, refere que “a tarefa essencial e a finalidade irrenunciável da escola é a promoção da vida, condição primeira do desenvolvimento da pessoa e do progresso social”¹⁴³, colocando o valor da dignidade humana no centro da realidade social, económica, política, cultural e educativa. Acrescenta ainda que

“a educação é o percurso da personalização, e não apenas socialização e formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige promoção dos valores espirituais, estruturação hierárquica de saberes e de valores, integração do saber científico-tecnológico num saber cultural mais vasto, mais abrangente e mais englobante. Exige igualmente partilha dos bens culturais e democratização no acesso aos conhecimentos, aos saberes científicos e competências tecnológicas, que são património comum da humanidade. Exige ainda promoção do homem-pessoa em recusa do homem-objeto de mercado, rejeição de todas as formas de alienação do ser humano, defesa do primado da solidariedade e da fraternidade sobre o interesse egoísta e a competição desenfreada”¹⁴⁴.

Assim, de um modo geral, a educação tem como finalidade o desenvolvimento integral da pessoa, a sua socialização e incorporação ativa, assim como, a assimilação sistemática e crítica da cultura. A Escola é um lugar de ensino e de aprendizagem de saberes em ação, orientados para a vida. O seu papel educativo permite a simbiose entre a cultura-fé-vida, que muito contribui para uma sociedade mais saudável, mais humanizada e para a civilização do amor¹⁴⁵.

Na continuidade desta reflexão, D. Tomaz Nunes acrescenta que:

“A educação é um processo de desenvolvimento e de maturação em que o ser humano se descobre, se reconhece e assume como pessoa, com uma identidade própria que inclui a relação com os outros, com o universo e com a transcendência. O principal objectivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva dos aspectos racional e volitivo, afectivo e emocional, moral e espiritual. Desta

¹⁴² Conferencia Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, (Moscavide: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008), 4-5.

¹⁴³ *Ibidem*, 5.

¹⁴⁴ D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva Nunes. *Identidade e Metodologia do Ensino Religioso escolar*. In Pastoral Catequética - Revista de Catequese e Educação. Ano 3, nº 8, Setembro de 2007, 12. *Ibidem*, 6.

¹⁴⁵ Cf. Bento XVI (2008). Carta à Diocese e à Cidade de Roma sobre a tarefa urgente da Educação. (www.vatican.va, consultado a 24 de março de 2017).

harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social”¹⁴⁶.

D. Tomaz Nunes refere a dimensão da transcendência como é um dos elementos estruturantes da pessoa, sendo muitas vezes esquecida na educação. Para que esta perspetiva da educação se torne realidade não podemos esquecer ou descurar, nas nossas escolas, o Ensino Religioso Escolar (ERE), pois o ser humano é, por natureza, um ser aberto à transcendência, ao infinito. Hoje, a atenção dada a esta componente deverá merecer especial cuidado, no contexto da escola. Ignorar esta dimensão seria não dar importância ao que de mais íntimo e peculiar existe no ser humano. A educação escolar será necessariamente incompleta e ineficaz se não concretizar os elementos aqui referidos.

Na realidade, uma leitura pormenorizada, lúcida e abrangente, da complexa realidade sociopolítica que atualmente se vive, suscita o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de competências de aquisição e utilização de conhecimentos relacionados com o fenómeno religioso. Isto é necessário na medida em constatamos que a comunidade vai impondo uma visão superficial e redutora, perigosamente simplista de fenómenos bem complexos.

O estado Português reconhece a importância da disciplina de EMRC para a formação integral da pessoa, expressa no Decreto-Lei (DL) n.º 323/83, de 5 de julho, que lança os fundamentos da regulamentação da mesma, ao referir o facto de que esta faz parte do currículo das escolas públicas, sujeita ao regime aplicável às restantes disciplinas curriculares, salvaguardado de uma forma clara o seu carácter específico¹⁴⁷, confiada a esta disciplina.

A Lei de Bases do sistema educativo determina a inclusão da disciplina de EMRC nos planos curriculares do ensino básico e secundário, sendo esta de frequência facultativa. No DL n.º 70/2013, de 23 de maio e no DL n.º 323/83, de 5 julho, de acordo com o artigo vigésimo primeiro da Concordata abre-se um novo caminho, reconhecendo o direito dos alunos e dos encarregados de educação escolherem um projeto educativo que assente nos valores cristãos, apresentados pela disciplina de EMRC¹⁴⁸.

Com a entrada em vigor da Concordata, que foi assinada entre o estado Português e a Santa Sé em 2004, ficou regulamentado o enquadramento jurídico da disciplina de EMRC. Este

¹⁴⁶*Ibidem*, 6.

¹⁴⁷ Cf. Ministério da Educação e Ciência. “Decreto-Lei n.º 323/83, De 5 De julho.” Edição, 3031-3033: *In* Diário da República, 1.ª série, n.º 87 de 5 de julho, 1983.

¹⁴⁸ Cf. Ministério da Educação e Ciência. “Decreto-Lei n.º 70/2013, De 23 De maio.” Edição, 3031-3033: *In* Diário da República, 1.ª série, n.º 99 de 23 de maio, 2013.

documento é hoje, “o suporte jurídico fundamental que, legitima a Educação Moral e Religiosa Católica”¹⁴⁹.

Este documento refere no artigo n.º 19 que “ A República Portuguesa, no âmbito da liberdade religiosa é dever do Estado cooperar com os pais na educação dos filhos, garante as condições necessárias para assegurar, nos termos do direito português, o ensino da religião e moral católica nos estabelecimentos de ensino público não superior, sem qualquer forma de discriminação”¹⁵⁰.

Na mais recente legislação sobre a disciplina de EMRC¹⁵¹, o Estado português, garante o ensino da disciplina de EMRC nas escolas, reconhecendo os princípios emanados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, os pactos com as Nações Unidas e os dados do direito comparado no que ao ERE diz respeito¹⁵².

A legitimidade dada pelo Estado à disciplina de EMRC é a confirmação de que uma educação para ser integral tem de estar aberta ao transcendente e aos valores evangélicos vividos numa sociedade e cultura concretas. Esta disciplina assume um papel na verdadeira educação do carácter humano, tendo em vista à formação completa da pessoa e onde todos devem, assumindo as suas responsabilidades, estar empenhados e comprometidos. Esta valorização depende de todos os intervenientes, mas em primeiro lugar dos pais. A este respeito o bispo D. António Francisco dos Santos acrescenta que

“a existência e a qualidade do Ensino Religioso Escolar depende dos cidadãos cristãos, muito mais do que do Estado, da hierarquia da Igreja e dos próprios professores. Depende sobretudo dos pais cristãos. Num Estado laico não há Concordata que resista, nem voz dos bispos que se ouça nem tao pouco a competência dos professores que se imponha, se não houver pais cristãos, cidadãos conscientes, uma sociedade esclarecida e adulta, também na fé, que afirme, defenda e promova o Ensino Religioso Escolar”¹⁵³.

¹⁴⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, (Fátima, 2006), 4.

¹⁵⁰ Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, de 16 de novembro (Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé), in *Diário da República*, I Série-A, n.º 269, 2004, 6743.

¹⁵¹ Cf. Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de maio.

¹⁵² Cf. D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes, *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, In *Pastoral Catequética*, n.º 5, 2006, 76.

¹⁵³ D. António Francisco dos Santos, *O Professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional*, In *Pastoral Catequética*, n.º 21/22, 2011-2012, 12.

Dentro deste contexto importa saber quais as características e os contributos específicos que ERE deve possuir para o desenvolvimento integral do ser humano.

O Diretório Geral da Catequese (DGC), no seu número 73, apresenta de forma clara as principais características do ERE.

“O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes. [...] o ensino religioso escolar [...] procura “atingir realmente os outros elementos do saber e da educação, de modo que o Evangelho penetre na mente dos alunos no terreno da sua formação e a harmonização da sua cultura se faça à luz da fé”. É, pois, necessário que o ensino religioso escolar apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes. Ao lado das outras disciplinas, todavia, não se apresenta como algo acessório, mas em necessário diálogo interdisciplinar. Assim, a apresentação da mensagem cristã incidirá sobre o modo como se concebe a origem do mundo e o sentido da história, o fundamento dos valores éticos, a função da religião na cultura, o destino da pessoa humana, a relação com a natureza. O ensino religioso escolar, mediante este diálogo interdisciplinar, fundamenta, potencia, desenvolve e completa a ação educativa da escola”¹⁵⁴.

Desta forma, a disciplina de EMRC¹⁵⁵ ocupa, no âmbito do ERE, um lugar fundamental no sistema educativo e faz parte da missão da Igreja Católica levar a todos, e ao coração de cada pessoa, uma mensagem de plenitude em que acredita e que entende que deve marcar o ritmo quotidiano da existência humana.

Sabemos que o ensino em Portugal é o ensino escolar da religião, como tal está aberto a todas aqueles que acreditam ou não acreditam¹⁵⁶. O DGC fala em termos mundiais, não

¹⁵⁴ Diretório Geral da Catequese, 1997, n.º 73.

¹⁵⁵ “A EMRC deve ajudar os alunos no sentido de uma concretização e explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, mas não pode pedir como ponto de partida a fé, nem exigir, da parte dos alunos, respostas ditadas pela fé”. Juan Francisco Ambrósio, *As religiões na escola*, In Revista Portuguesa de Ciências das Religiões, Ano I, 2002 / n.º 2 – 59-63.

¹⁵⁶ “O papel desta disciplina insere-se no âmbito mais restrito da missão da escola na construção da pessoa e esse contributo deve ser perceptível e assumido por todos os intervenientes na escola. A disciplina de “educação Moral e Religiosa Católica” ou o seu equivalente para os alunos de outras confissões ou para aqueles que não se identificam com nenhuma confissão religiosa, não pode apenas ser tolerada, tem de ser assumida por todos os intervenientes no processo educativo da escola. Da nossa parte tenhamos em conta que a primeira harmonia a conseguir é a da escola como um todo educativo, embora saibamos que tudo o que contribui para a formação da pessoa, busca outras harmonias, da família, da Igreja, da sociedade”. D. José da Cruz Policarpo, *A Educação Moral*

especificando um país em concreto, logo, o ensino religioso escolar, nalguns países, caracteriza-se pela adesão dos crentes a uma determinada religião. Não deixa de ser interessante que o DGC acaba por reconhecer a importância que a educação deve dar ao religioso, componente de todos os seres humanos, tendo em conta a formação integral da pessoa (personalidades sólidas). A educação não pode ficar numa simples informação atualizada e transmissão de conhecimentos, mas deve levar o educando a uma aprendizagem significativa, que não fica situada só no espaço cognitivo, mas atinge o espaço vivencial da pessoa, onde o conhecimento está ao serviço do bem da humanidade. Robert Baden Powell, fundador do escutismo, afirmava esta realidade com um lema universal: “apreender para deixar o mundo um pouco melhor”¹⁵⁷.

A Escola, ao assumir a responsabilidade de ser o motor de uma educação integral, não deve nem pode desprezar nenhuma componente essencial da realização humana. Para tal, ao acrescentarmos às dimensões expressas à moral e à religião, como componentes essenciais da realidade humana, pretendemos justificar a pertinência da disciplina de EMRC, a partir da fundamentação curricular aqui apresentada e a necessidade de perceber a pessoa como um todo. Como afirma Guilherme de Oliveira Martins, “ao contrário do que muitos entendem, o conhecimento do fenómeno religioso, constitui um ponto fundamental na formação pessoal e cívica em democracia”¹⁵⁸. Salientamos ainda, a importância da relação interdisciplinar, uma vez que todas as disciplinas concorrem para o currículo tendo, em vista o mesmo: o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, numa interdisciplinaridade tão estreita como a que nos é dada perceber e alcançar.

Na nota Pastoral da Comissão Episcopal da Educação Cristã, de 2008, salienta-se que

“...as incertezas e divergências de opiniões sobre temas fundamentais, acentuadas por uma crescente tendência de individualismo e de subjectivismo ético. Estão, frequentemente, em causa, nomeadamente: o conceito de pessoa humana, o significado da verdade, o sentido da vida, do sofrimento e da morte, a distinção entre o bem e o mal, e a harmonia entre liberdade e responsabilidade. Este panorama suscita a urgência de promover a Educação, baseada em certezas e valores fundamentais, indispensáveis para que as novas gerações possam construir personalidades sólidas e descobrir um sentido profundo para a vida. Só assim, também, será possível corresponder aos anseios crescentes que as famílias, os professores, os jovens e a própria

e Religiosa Católica”, ao serviço da construção da Pessoa. Forum do Ensino Religioso em Portugal (Fundação Calouste Gulbenkian, 3-5 de Dezembro de 1997), (Lisboa: SNEC,1998).

¹⁵⁷ Robert Baden Powell, *Escutismo para rapazes* (Lisboa: Ed. Portuguesa, CNE, 1997), 67.

¹⁵⁸ Guilherme de Oliveira Martins, *O conhecimento do fenómeno religioso*, In Pastoral Catequética, n.º 5, 2006, 70.

sociedade manifestam por uma educação formativa que não se limite a uma informação atualizada e a uma ampla transmissão de conhecimentos”¹⁵⁹.

Toda a sociedade, nomeadamente os pais e os educadores, desejam que a Escola seja um lugar de transmissão de conhecimentos e forme as pessoas com critérios através da aprendizagem de valores morais e de relações humanas alicerçadas no respeito, no diálogo e na fraternidade. A disciplina de EMRC tem como desígnio esse grande objetivo, orientando para a reflexão sobre o sentido da vida, promovendo o discernimento para uma lúcida compreensão dos acontecimentos, contribuindo assim, para uma assimilação de valores e para a aquisição de referências que permitam definir um rumo para a existência da pessoa¹⁶⁰. Esta não se reduz a um processo de endoutrinação, mas é abertura para a experiência religiosa que ajuda a lidar com as vicissitudes da vida e tem como referência a perenidade do Evangelho que procura orientar para a plenitude.

A disciplina de EMRC, dentro do enquadramento curricular, procura proporcionar, ao longo das diversas etapas, um percurso coerente, assumindo-se como responsável pela educação integral da pessoa, nas suas diversas dimensões: física, racional, social, emocional e transcendental, ajudando a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostrando que “o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja a fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa”¹⁶¹, levando cada aluno a desabrochar e a crescer, acompanhando-o ao longo do seu desenvolvimento humano.

No ambiente de pluralismos sem fronteiras que se respira hoje, a disciplina de EMRC é ainda mais necessária, para que cada um se saiba orientar por valores sólidos, sem se perder na confusão de ideologias e caminhos que lhe são propostos. De facto, o pluralismo ideológico, ético e religioso, manifesta a riqueza de pontos de vista, poderá promover o diálogo, a tolerância e o respeito por opiniões diferentes e, através do confronto de ideias, conduzir ao crescimento e ao aperfeiçoamento da própria identidade. Quando estes pluralismos são mal interpretados, poderão conduzir ao relativismo e ao vazio. Se todas as formas de vida e comportamentos são

¹⁵⁹ Nota Pastoral da Comissão Episcopal da Educação Cristã, para a Semana de Educação Cristã, 5-12 Outubro de 2008.

¹⁶⁰ A este respeito podemos ler na Revista Portuguesa de Ciência da Religião: A EMRC tem como contributo específico: Proporcionar “Uma «chave» de análise e de interpretação, afirmar a totalidade da pessoa e desenvolver a «competência» religiosa”. Juan Francisco Ambrósio, *As religiões na escola*, 59-63.

¹⁶¹ João Paulo II, *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica, Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, 15/04/1991, In L’Osservatore Romano, n.º 16, 21/04/1991.

considerados como iguais, cada um adota a moral que lhe convém ou, simplesmente, não segue nenhuma e vive à deriva, numa anarquia de direitos e deveres.

Quando o ambiente é de relativismo, alguns grupos sociais tentam impor as suas propostas de vida que contradizem e desmoram os valores sólidos em que está alicerçada a civilização: a dignidade da pessoa humana, o carácter sagrado da vida, o papel nuclear da família e a convivência pacífica das pessoas. Neste cenário obscuro é necessário abrir janelas que deixem entrar a luz, amadurecer critérios que permitam discernir a verdade e a bondade, aprimorar convicções que se traduzam num comportamento moral digno. Por aqui passa uma das tarefas fundamentais da disciplina de EMRC.

A Escola surgirá assim, como um espaço diferente, apetecível a todos, uma alternativa que transporta uma mais-valia insubstituível, procurando servir o aluno na sua totalidade, como pessoa humana e divina, como realidade “antropológica”, como “ser para os outros”. Assim patenteada, deve ter uma visão “holística” do ser humano, e nele querer identificar um ser ativo e autodeterminado, pacífico, solidário, autoconsciente, intuitivo, pleno de amor, sensível ao belo e criativo, voltado para o espiritual. Esta visão holística na educação contribuirá para a percepção do aluno como um ser integral que vive com os outros e valoriza as coisas simples da vida, contudo o “essencial só se vê bem com o coração”¹⁶².

Neste sentido, a Escola segue de forma clara as orientações definidas no relatório Delors¹⁶³, apelidado como os quatro pilares da educação para o século vinte e um: aprender a ser”, “aprender a fazer”, aprender a conhecer” e “aprender a viver juntos”, nos quais os valores universais como o respeito mútuo, a atitude crítica, a valorização da diversidade, a solidariedade, a descentralização, a cooperação e a paz devem ser amplamente desenvolvidas. Para atingir o último pilar, “aprender a viver juntos”, a escola tem que ajudar o aprendiz a descobrir o verdadeiro sentido do amor ou corre o risco de criar “intelectuais” desprovidos de capacidade de relacionamentos saudáveis, onde o “outro” tem de ser visto como um irmão e não pode ser olhado como um adversário a “abater”. Desta forma, a disciplina de EMRC ajudará a gerar cidadãos capazes de formar uma sociedade mais cooperante, justa, fraterna, na qual, o bem comum seja a sua grande finalidade¹⁶⁴ e onde Deus caiba e tenha lugar.

¹⁶² Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, (Lisboa: Bertrand Editora, 2015), 31.

¹⁶³ Cf. Delors, Jacques (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, (Porto: Edições Asa, 2005).

¹⁶⁴ Para cumprir esta função a escola tem que estar atenta a cada aluno, de forma individualizada e personalizada.

2. Pedagogia e didática para a leção da unidade letiva “O Amor”, do 8.º ano de escolaridade

Neste subcapítulo pretendemos apresentar a pedagogia e a didática usada nesta experiência letiva, em contexto de sala de aula e a nossa experiência docente, em contexto escolar. Depois de fazer a caracterização do local de estágio e da turma do oitavo ano de escolaridade da Escola Secundária de Tondela Tomaz Ribeiro iremos descrever o percurso efetuado, olhando a importância das estratégias usadas e a avaliação implementada. Para tal, apresentamos a planificação e a leção da UL, justificando as opções metodológicas adotadas e alguns dos resultados obtidos.

2.1. Contextos de leção

Em termos de contextos de leção verificamos que temos de estar atentos à informação recolhida e à realidade que se nos apresenta. A leção nunca é uma repetição, tem de ser sempre nova e renovadora, pois não existem escolas iguais e os alunos têm características diferentes e únicas, procurando responder com eficácia aos desafios que o ambiente nos pode colocar.

2.1.1. Agrupamento Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro

Ao fazer a descrição do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro onde foi efetuada a leção, temos como objetivo conhecer a realidade social onde se concretizou a PES. Ao conhecer a realidade do espaço educativo e dos seus intervenientes poderemos redimensionar as estratégias e as práticas educativas.

O Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro situa-se no concelho de Tondela constituído por 19 freguesias e abrange uma área de 371,22 km², com 28946 habitantes (2011) e foi elevada a cidade a 18 de dezembro de 1987. É, no distrito de Viseu, o segundo maior concelho em termos de densidade populacional, apresentando uma diversidade de paisagens em que se conjugam a montanha, a zona planáltica e fértil do Vale de Besteiros, espaços florestais, áreas agrícolas, pertencendo à região demarcada dos vinhos do Dão, tem grande relevo a produção vinícola. Grande parte da população ativa do concelho dedica-se à agro-

pecuária e à agricultura. Cerca de 50% da população ativa está centrada no sector primário. O sector secundário ocupa cerca de 28% e o sector terciário 17%¹⁶⁵.

Apesar de haver um conjunto de freguesias de matriz económica e cultural rural, rural, nesta região, que vive ao “Tom Dela” – a pastora da serra, coexistem outra vertente muito significativa composta pela urbe que embora seja jovem tem desde os primórdios dos tempos vestígios do ser humano. A vertente urbana deve-se à proximidade da sede do concelho e das variadas indústrias, empregadoras das gentes locais. Apesar disso, muitos alunos são oriundos de famílias em que a precariedade do emprego dos pais e a emigração se constitui como predominante¹⁶⁶.

O Agrupamento de Escolas Tomaz Ribeiro é constituído pela Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela, as Escolas de Campo de Besteiros e as Escolas do Caramulo. Este foi criado por decisão do Ministério da Educação e Ciência e resultou da agregação de três unidades de gestão referidas anteriormente. “Esta decisão foi concretizada por Despacho do Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, exarado a 28 de junho de 2012, que autorizou a sua constituição, e a 3 de julho de 2012, por Despacho da Diretora Regional do Centro foi nomeada a Comissão Administrativa Provisória. A Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela passa a escola sede do novo agrupamento”¹⁶⁷. O Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro é constituído por um total de vinte estabelecimentos de ensino, do pré-escolar ao ensino secundário, o que implica uma enorme diligência de recursos físicos e humanos¹⁶⁸.

O Plano de Ação do Agrupamento apresenta como princípios/valores orientadores fundamentais, a promoção e a formação de cidadãos livres, responsáveis, informados, autónomos e solidários. Procura estimular nos alunos um espírito democrático e pluralista, crítico e respeitador da diferença, criativo e empreendedor, para que possam ser verdadeiros agentes de mudança da sociedade atual. Assim, enquanto referencial de pensamento e ação de toda a comunidade educativa, o Projeto Educativo orienta a intervenção de todos os agentes e parceiros na vida da escola tendo como princípios/valores orientadores fundamentais: a valorização do conhecimento como caminho que potencia a capacitação e o enriquecimento

¹⁶⁵ <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-viseu/c-tondela/tondela/historia>, acedido em 07/05/2017

¹⁶⁶ Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro. Aprovado em 2014. <http://www.aetomazribeiro.net/joomla/agrupamento/projeto-educativo>, acedido em 07/05/2017.

¹⁶⁷ *Ibidem*, 7

¹⁶⁸ *Ibidem*, 13

peçoal e como ferramenta fundamental para enfrentar o futuro. A integração e a inclusão, procurando a excelência, valorizando o mérito, o trabalho e o sucesso educativo e peçoal no respeito próprio e pelos outros. A participação na vida cívica de forma livre, democrática, responsável, solidária, crítica e humanista. O incremento de uma cultura de empreendedorismo, pelo incentivo à criatividade e ao espírito de iniciativa, promovendo a interação com o meio, valorizando os seus recursos, estabelecendo parcerias e novas dinâmicas e fortalecendo o sentimento de pertenca. O empenho na construção/fortalecimento de uma cultura de agrupamento, englobando toda a comunidade educativa no respeito pela diversidade¹⁶⁹.

Dos problemas apresentados destacamos: degradação de instalações, com especial destaque para a escola secundária o que afeta o bom funcionamento das aulas; falta de salas específicas para algumas áreas disciplinares e outras atividades; poucas condições para a integração do elevado número de alunos institucionalizados e oriundos de famílias disfuncionais; falta de formação do peçoal docente e não docente na gestão de comportamentos desadequados/perturbadores/de risco; poucos comportamentos concordantes com a valorização do conhecimento e das atividades escolares; baixa participação/envolvimento dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos educandos¹⁷⁰.

Mais do que o espaço físico, a escola reflete a imagem da comunidade envolvente, constituída por pessoas concretas, assumindo um papel fundamental na construção da identidade humana. Espaço de transmissão de saber, partilha de experiências, conforto de muitos, realização de sonhos, onde fica marcada a vida de alguns, enquanto outros encontram o fio condutor para as suas vidas.

Queremos salientar que a direção do Agrupamento acarinha a disciplina de EMRC. Esta é ativa, dinâmica e motivadora, sendo reconhecida como “espaço” de crescimento humano e cognitivo, de relação e de vida.

2.1.2. A turma e os alunos

A Prática de Ensino Supervisionada ocorreu na turma do 8. B. Esta turma  constituída por 12 alunos, sendo cinco de sexo feminino e sete de sexo masculino, com idades compreendidas entre os treze e os dezassete anos.

¹⁶⁹ *Ibidem*, 12.

¹⁷⁰ *Ibidem*, 13.

Trata-se de uma turma com diversidade socioeconómica mas na qual podemos perceber que estão motivados e manifestam em relação à vida gosto pelo aprender e prosseguir estudos, que todos consideram importante para as suas vidas, depositando neles expectativas de futuro promissor.

Nem todos os alunos provêm de um contexto social favorável, no qual as famílias estruturadas vão conseguindo gerir as suas prioridades fazendo o acompanhamento necessário aos seus educandos. Esta realidade encontra-se na turma do 8.º B e em outras turmas, sendo sinal da abertura e do acompanhamento personalizado que a escola dá todo o tipo de alunos, procurando contribuir para o sucesso educativo de todos. A estabilidade do corpo docente e os seus anos de experiência, numa proximidade pessoal com o diretor de turma e o diretor do Agrupamento, permite aos alunos colmatarem muitas das dificuldades sociais e educativas apresentadas.

Na caracterização da turma não foi nossa preocupação os dados estatísticos, procuramos analisar o modo como os alunos se relacionavam entre si, nos diversos processos de interações que fomos vendo e registando ao longo das aulas.

Em termos pedagógicos percebemos que é uma turma motivada para o processo ensino-aprendizagem. São alunos assíduos, pontuais e responsáveis, respeitando sempre as regras da sala de aula. Nota-se que mantêm um bom relacionamento entre todos, cooperando uns com os outros nas atividades desenvolvidas. É uma turma muito participativa, motivada precisando de redobrada atenção na gestão do tempo, uma vez que quase todos os alunos se revelaram, desde a primeira aula, interventivos. Estes cumprem com satisfação as tarefas propostas, colocam questões pertinentes, estabelecem relações da matéria com aspetos da vida quotidiana e com outras disciplinas ou conteúdos lecionados. Durante as aulas adotam um espírito de cooperação, respeito e interesse pelos conteúdos, participando de forma empenhada e organizada¹⁷¹.

Olhando ao supracitado, depreende-se que esta turma tem vindo a ser bem acompanhada e que tem funcionado muito bem como grupo, tendo hábitos relacionais com os pares baseados no respeito e hábitos relacionais com os docentes baseados na proximidade,

¹⁷¹ A nossa experiência com a turma foi breve, mas permitiu ver que são alunos unidos, dinâmicos, participativos, motivados e empenhados nas atividades que lhes foram propostas. Atentos aos conteúdos tratados e procurando sempre novos saberes.

elementos que pudemos aferir com as dinâmicas iniciais de apresentação. Será necessário alternar constantemente as estratégias e variar os materiais didáticos e as atividades de forma a manter os índices de motivação e exigência por parte dos alunos.

2.2. Programa, planificação, proposta de metas de aprendizagem, objetivos a atingir, conteúdos a desenvolver, estratégias de ensino e avaliação das aprendizagens

A programação está na base do processo de planificação que procura uma eficácia e um controlo ao longo de toda a sua aplicação ou concretização.

Os programas constituem-se como documentos curriculares de referência para o desenvolvimento do ensino, apresentando, de forma detalhada, as finalidades de cada disciplina, os objetivos cognitivos a atingir, os conteúdos a adquirir e as capacidades gerais a desenvolver. Visando promover o sucesso educativo dos alunos, os programas deverão ser utilizados conjuntamente com as metas curriculares, as quais enunciam, de forma organizada e sequencial, os objetivos de desempenho essenciais de cada disciplina.

Quando falamos em programação temos que ter em consideração os vários elementos que fazem parte de qualquer programa. Em termos gerais, entendemos por programação a visão antecipada e estruturada de uma atividade e de todos os elementos que intervêm nela para a sua realização. Trata-se de elaborar o plano de ação que se há de realizar, prever todos os elementos que são necessários, ter em conta para o concretizar e procurar a coordenação entre objetivos, conteúdos e meios para a consecução de um determinado resultado.

Toda a programação consta de um conjunto de elementos interrelacionados e que, ao mesmo tempo, se acham funcionalmente enfocados para objetivos e conteúdos determinados. Para que uma programação atinja os seus objetivos deve ter as seguintes características: ser clara, coerente, ter continuidade, progressiva, possuir flexibilidade e abertura a novos campos, tendo em conta os destinatários do programa, selecionando os agentes que têm que levar a cabo o proposto, realizando-se avaliações do programado com antecedência.

Quando se elabora um programa é tido em consideração quatro elementos principais:

- **O quê e para que ensinar?** (objetivos e conteúdos) – aqui se descobrem as metas a conseguir, condicionadas por uma série de fatores como o modelo de aprendizagem

(modelo de conduta, cognitivo ...); os fins ou objetivos da educação e onde é importante definirem-se metas que façam referência a capacidades; respondam à análise da comunidade educativa; indiquem progresso; contemplem os âmbitos conceptual, estratégico, e atitudinal; respondam à estrutura do sistema educativo. É claro que os objetivos passam por um processo de seleção e de sequenciação, onde se possibilita escolher e estabelecer prioridades, nomeadamente daqueles que mais possam se ajustar aos interesses e realidades dos alunos, em concreto. Outros fatores a ter em conta são: seleção e tipos de conteúdos (culturais, estratégicos, normas e valores, atitudes e hábitos), atitudes e valores sociais decorrentes do contexto.

- **Como ensinar** (estratégias/métodos) – aqui se responde à necessidade de organizar as estratégias/métodos e as necessidades docentes em função dos objetivos e conteúdos. Estão, também, determinados por um conjunto de fatores como: o modelo de aprendizagem, a situação do aluno, a formação do docente (conhecimento e experiência) e a estrutura lógica da matéria.
- **Quando ensinar** – que consiste no explicitar as coordenadas temporais e a sequência das atividades. Os elementos a ter em conta são: a maturação do aluno, a etapa evolutiva e o nível de ensino e a temporalização das atividades. Para este último elemento podem auxiliar o determinar o que sabem os alunos, a apresentação dos conteúdos, o trabalho dos alunos, a recapitulação das aprendizagens realizadas e a avaliação do processo já desenvolvido.
- **O quê, quando e para que avaliar** – a avaliação é o momento do processo que permite reconhecer se se conseguiram ou não os objetivos propostos num processo de ensino aprendizagem. A avaliação interrelaciona-se com os objetivos, os conteúdos e metodologias para alcançar a qualidade do ensino.

Olhando para o programa de Educação Moral e Religiosa Católica, apresentado pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã¹⁷², verificamos que todos estes elementos foram tidos em consideração e, por isso, é uma ferramenta fundamental na educação dos nossos alunos. Importa salientar que o programa de EMRC deixa em aberto vários caminhos, cabendo

¹⁷² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. Programa de Educação Moral e Religiosa (Católica). Lisboa: SNEC, 2014).

ao docente encontrar o percurso mais coerente para aos alunos que lhe são confiados. O programa contribui, desta forma, para a elaboração de planificações objetivas e eficazes¹⁷³.

A disciplina de EMRC possui um programa aprovado pela entidade competente do Ministério da Educação e Ciência, programa este, que foi elaborado e revisto pela Igreja Católica, através Conferência Episcopal Portuguesa (CEP)¹⁷⁴.

Sempre que elaboramos uma planificação temos que analisar a realidade específica, olhando as condições existentes, descortinando as alternativas de ação para podermos superar as dificuldades que vão surgindo tendo como finalidade chegar a objetivos centrais. Sendo a planificação um processo mental, esta envolve uma análise objetiva, uma reflexão profunda e uma previsão concreta. Este processo, presente numa planificação, contribui de forma real para a obtenção do sucesso educativo e garante a distribuição das estratégias, em função dos objetivos preconizados, racionalizando a utilização do tempo e do espaço em função das aprendizagens previstas.

Tendo em conta a importância da planificação, só é possível atingir os objetivos para a turma e para cada aluno se estruturarmos as unidades letivas, de acordo com o programa de EMRC, definido pelo SNEC. A planificação “evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva, e garante que se definam os meios necessários para a avaliação pedagógica [...] exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a lecionação [para deste modo] potenciar a aprendizagem”¹⁷⁵. Perante o que foi citado, a planificação só será orientadora se existir uma caracterização objetiva da turma, tendo acesso às vivências fundamentais dos alunos, o meio escolar onde os alunos se inserem, o projeto educativo do Agrupamento Escola.

Na planificação que apresentamos, apenas referimos as seis aulas, especificamente, destinadas à lecionação do tema “O amor”, não ignorando que a jusante desta, terá que existir uma planificação anual, por período e semanal. Na planificação estivemos muito atentos aos recursos pedagógicos e didáticos, utilizando os mais pertinentes, construindo aqueles que respondiam de forma mais eficaz aos objetivos traçados para a turma em concreto.

¹⁷³ Os programas têm de ser obrigatoriamente cumpridos, ou pelo menos o núcleo essencial de conteúdos, pelo que se torna necessário uma planificação prévia para o cumprimento dos mesmos. Esta planificação contém os conteúdos a ser lecionados, conhecimentos e capacidades a adquirir pelos alunos, número de aulas para trabalhar determinados conteúdos, estratégias de ensino, recursos a utilizar, os instrumentos de avaliação dos discentes, bem como as atividades extracurriculares.

¹⁷⁴ Cf. alínea a), do número 1 do artigo 3º do Decreto-Lei 70/2013, de 23 de maio

¹⁷⁵ Secretariado Nacional de Educação Cristã, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 159.

Podemos afirmar que a planificação é um instrumento fundamental na prática pedagógica, enquanto elemento organizador e norteador do trabalho docente, ao longo do ano, e em cada aula em concreto, contribuindo para a eficácia educativa¹⁷⁶.

Com base no programa de EMRC, emanado pelo SNEC (2014)¹⁷⁷, elaboramos a planificação, tendo em consideração as metas de aprendizagem apresentadas para esta unidade letiva, clarificadoras das aprendizagens dos alunos. Pretendemos que o aluno, de uma forma geral, obtenha no final desta UL as seguintes metas:

- Q. Reconheçam, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana;
- M. Reconheçam a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano;
- H. Articulem uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica;
- F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas;
- O. Amadurecerem a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

As cinco metas de aprendizagem apresentadas nesta UL, inserem-se em dois domínios fundamentais:¹⁷⁸ “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida” (Metas H e F) e “Ética e Moral” (metas Q, M e O). O domínio “Religião e Experiência Religiosa” não é referido nesta UL, uma vez que o programa valoriza de uma forma direta a natureza intelectual do domínio “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida” e o domínio “Ética e Moral”, que se centra “no desenvolvimento social e moral, isto é, na aquisição de competências que facilitem e permitam um maduro agir moral”¹⁷⁹. Olhando às metas e aos domínios apresentados procurámos desenvolver duas das vertentes fundamentais da educação: a da aquisição de conhecimentos sólidos, de índole intelectual e cariz teórico, social e moral, de índole atitudinal, em que estão em causa os comportamentos e o agir dos alunos.

Os conteúdos desenvolvidos e referidos na planificação estão em consonância com os domínios e as metas de aprendizagem definidas e foram aplicados de forma a responder à educação integral dos alunos.

Procurámos desenvolver junto dos alunos uma reflexão profunda sobre a temática do amor, que os possa levar à alteração de comportamentos em relação à sociedade envolvente.

¹⁷⁶ Cf. José Augusto Pacheco, *Currículo: teoria e prática*, (Porto: Porto Editora, 2007), 104-107.

¹⁷⁷ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 13-15.

¹⁷⁸ Os dois domínios indicados agregam doze das dezassete metas curriculares definidas no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica de 2014.

¹⁷⁹ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 11.

Empregámos estratégias diversificadas, dinâmicas, significativas, sempre centradas no aluno, permitindo a aquisição de conhecimentos consistentes que não banalizassem a UL “O amor”.

Sabendo que as estratégias contribuem de forma explícita para o sucesso ou insucesso da educação, procuramos aplicar aquelas que poderiam ser mais assertivas. Ao assegurarem a compreensão da mensagem, as estratégias, acompanham os tipos de abordagem propostas nos temas para não existirem discrepâncias entre o que se quer transmitir e aquilo que os alunos são capazes de entender e aprender. Tendo em conta a turma descrita anteriormente, procurámos implementar estratégias que possibilitassem o ensino-aprendizagem e aumentassem de forma gradual o interesse dos alunos.

Como estratégia pedagógica, seguimos o método indutivo, promovendo a autonomia, o espírito crítico, a elaboração de atividades e a implementação de estratégias que privilegiassem os interesses e o contexto sociocultural dos alunos.

Na primeira aula foi dado aos alunos um pequeno caderno com o título “diário do amor” com o intento de registarem, ao longo de toda a UL, as principais ideias/ conteúdos abordados. Este “diário de amor”, personalizado foi assinado por cada aluno e fazendo parte do caderno diário do aluno que tem o nome de “diário de bordo”. Este acompanhou os alunos ao longo de todas as aulas, onde eram registadas as reflexões pessoais, os comentários, as sínteses e outros elementos considerados pertinentes. Os alunos não se esqueceram deste “diário do amor” durante o percurso da lecionação, demonstrando o interesse que os alunos deram à temática tratada.

Além desta estratégia motivadora e de responsabilização foram usados vídeos orientadores; *PowerPoint*; trabalho de pares; chuva de ideias; fichas de trabalho; revisões e correção de trabalhos de casa; leitura e reflexão de textos bíblicos, do magistério da Igreja e outros relacionados com o tema; músicas com análise da letra; escrita de texto e/ou poemas sobre a amizade, o amor, a paixão, a sexualidade, o diálogo; debate sobre os temas; pesquisa na *internet* (notícias sobre o tema em programas informativos e noticiários). Estas estratégias, enquanto recursos auxiliares da educação, ajudaram na apresentação dos conteúdos a lecionar e promoveram uma pedagogia de descoberta, com muito interesse e permanente motivação. Foram potenciadoras da reflexão individual e de grupo, promovendo o diálogo, aprendizagem cooperativa e espírito crítico sobre a realidade envolvente, permitindo esclarecimentos de mitos com fundamentação científica, moral, ética e estética do verdadeiro amor, num crescendo constante.

Ao utilizar estas estratégias dinâmicas, os alunos assumiram um papel ativo e responsabilizaram-se de forma direta pela sua aprendizagem, respeitando e aceitando a opinião dos seus pares. As estratégias usadas nas aulas provocaram nos alunos o interesse na realização das tarefas propostas tanto em contexto de sala de aula como em casa. Estas desencadearam nos aprendentes a aprendizagem pela descoberta, levando os alunos a pensar e a ter a capacidade de resolver problemas e a tornarem-se mais autónomos e conscientes.

Na última aula foi possível aferir que as estratégias aplicadas culminaram em sínteses pessoais e coletivas, muito assertivas sobre a temática do amor¹⁸⁰. Os alunos apresentaram símbolos pessoais que traduziram as diversas formas de manifestar o amor nas suas vidas.

Sabemos que uma das missões da EMRC é proporcionar a clarificação dos valores, ajudando os alunos a valorizarem as diferentes alternativas, a eleger as que consideram apropriadas e a atuar em conformidade com elas no agir de cada dia. Esta missão poderá ser atingida usando as estratégias adequadas que asseguram a compreensão da mensagem e aplicação da mesma à vida de cada um.

Outra das preocupações, durante a UL, foi a avaliação dos aprendentes. Num estudo do Ministério da Educação, realizado por Paulo Abrantes¹⁸¹, ao abordar a avaliação das aprendizagens afirma que “A avaliação envolve interpretação, reflexão, informação e decisão sobre os processos de ensino e aprendizagem, tendo como principal função ajudar a promover ou melhorar a formação dos alunos”¹⁸². O trabalho constante de avaliar é parte integrante do processo de ensinar, bem como do processo de aprender. A avaliação da aprendizagem compreende as modalidades de avaliação diagnóstica, de avaliação formativa e de avaliação sumativa¹⁸³. O professor tem de recolher constantemente variados dados informativos e “processá-los”, numa linguagem computacional, em tempo útil, de forma a poder ser a bússola no contexto de sala de aula. Avaliar não é apenas constatar aritmeticamente se o aluno deve ser

¹⁸⁰ Ver relatório da sexta aula.

¹⁸¹ Cf. Paulo Abrantes e Filomena Araújo (org), *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas*. (Lisboa: Ministério da Educação, 2002).

¹⁸² *Ibidem*, 10.

¹⁸³ A **avaliação diagnóstica** realiza -se no início de cada ano de escolaridade devendo fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional. Por sua vez, a **avaliação formativa** assume caráter contínuo e sistemático e recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem, permitindo aos diversos agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias. No que concerne à **avaliação sumativa**, esta traduz -se na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada pelos alunos, tendo como objetivos a classificação e certificação.

destacado no quadro de mérito e honra, mas sim, enquadrar para o mérito todos os alunos, e sempre o aluno todo, para que este se torne tudo o que de bom pode ser, mais do que serem evidenciadas as suas vulnerabilidades que, não raras vezes, o condicionam para uma vida de sucesso.

A avaliação usada favoreceu a vertente qualitativa, porfiando a (auto)crítica e a partilha com a certeza do respeito pelas suas ideias e pensamentos, num clima de abertura e verdade. Esta avaliação adequa-se de forma mais direta à temática desenvolvida do “Amor”, favorecendo a participação, a ação e a comunicação interpessoal. O aluno assume nesta avaliação um papel ativo na sua formação através da autoregulação e da autoavaliação¹⁸⁴ que vai realizando. O trabalho e ação assertiva e pertinente permitiram maior apropriação dos conteúdos por parte dos aprendentes¹⁸⁵.

Foi nesse sentido que trabalhámos ao longo da UL, em cada aula, em cada momento de relação, em cada gesto jovial e coerente, sempre dando muita importância ao retorno que íamos recebendo, de forma a ajustar a nossa postura ao avaliar o processo educativo.

Além disso, foi preocupação nossa dar relevância aos trabalhos individualizados, realizados tanto em contexto de aula como em casa, pois estes ajudam a sedimentar as matérias e a desenvolver a capacidade de trabalho e organização pessoal, a qual se refletia nas competências reveladas nos trabalhos realizados, para além de, permitir com maior facilidade a utilização de pedagogias diferenciadas, aspeto que fomos experienciando, precisarem de maior reforço.

Torna-se cada vez mais pertinente a necessidade de utilizar métodos e instrumentos de avaliação diversificados, adequados à multiplicidade e natureza das aprendizagens e dos próprios alunos. Esta nossa preocupação esteve sempre presente em todas as aulas. Os alunos realizaram também uma ficha de avaliação sumativa que permitiu aferir de forma quantitativa os conteúdos adquiridos, o que nos conduziu a uma reflexão analítica e crítica das metodologias e didáticas utilizadas, no sentido de reforçar saberes, domínios e objetivos.

¹⁸⁴ Segundo Palmira Alves “a auto-regulação é a “chave” do dispositivo formativo e a auto-avaliação é a pedra angular de qualquer sistema em que o trabalho do aluno deve prevalecer sobre o discurso do formador, não pondo em questão nem o quadro em que se inscreve o acto formativo, nem as actividades habituais, mas implicando uma completa reestruturação deste, imposta pela ideia directiva da apropriação, pelo aluno, dos critérios e dos indicadores”. Maria Palmira Carlos Alves, *Currículo e Avaliação. Uma perspectiva integrada* (Porto: Porto Editora, 2004)

¹⁸⁵ Cf. Maria Palmira Carlos Alves, *Currículo e Avaliação. Uma perspectiva integrada*, 36-38.

Nesta UL, os alunos revelaram ter atingido os objetivos pretendidos. Tratando-se de um ficha de avaliação adequado à turma e aos conteúdos trabalhados, todos os alunos obtiveram avaliações positivas, contudo foi pertinente para aferir o ponto de chegada no que diz respeito aos objetivos traçados. Tratou-se de uma ficha de avaliação de EMRC em que os conhecimentos científicos são importantes como meio de aferir as metas alcançadas na disciplina.

De facto, não podemos limitar o espaço de aula, com o seu processo de ensino/aprendizagem, a uma mera transmissão de conteúdos dispersos. Os alunos mostraram muito interesse na compreensão de cada conceito para poderem compreender os porquês e importância dos conteúdos tratados, num encadeamento de multidisciplinaridade, transdisciplinaridade e interdisciplinaridade¹⁸⁶.

2.3. Apresentação da planificação da unidade letiva

A planificação apresentada tem como pedra basilar o programa de EMRC¹⁸⁷, que é desenvolvido no Agrupamento Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro, tendo em conta o projeto educativo e o plano de ação estratégico que se encontra em vigor.

No caso da presente planificação apenas iremos apresentar as aulas destinadas à lecionação da UL número um –“O Amor”, não ignorando que a jusante desta planificação existe a planificação anual, que se encontra no *dossier* da PES.

Esta proposta é uma parte do caminho da educação para a sexualidade, que não esgota a temática em si mesma, mas poderá ser um dos contributos da disciplina de EMRC para a educação integral dos adolescentes.

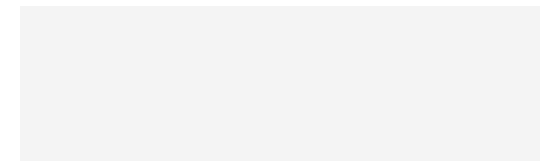
¹⁸⁶ Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são estratégias de integração disciplinar para reunir as possibilidades de produção de conhecimento multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, em oposição ao conhecimento monodisciplinar. A **multidisciplinaridade** envolve mais do que uma disciplina. Cada disciplina envolvida mantém sua metodologia e teoria, sem modificações não há integração dos resultados obtidos, busca a solução de um problema imediato, sem explorar a articulação. A **transdisciplinaridade** representa um nível de integração disciplinar além da interdisciplinaridade. É a busca do sentido da vida através de relações entre os diversos saberes (ciências exatas, humanas e artes) numa democracia cognitiva. Nenhum saber é mais importante que outro. Todos são igualmente importantes. A **interdisciplinaridade** abrange mais do que uma disciplina. Adota uma perspectiva teórico-metodológica comum para as disciplinas envolvidas, promove a integração dos resultados obtidos, busca a solução dos problemas através da articulação de disciplinas. <https://pt.slideshare.net>.

¹⁸⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. (Lisboa: SNEC, 2014).

A planificação que apresentamos descreve de uma forma coerente as metas de aprendizagem, os objetivos a atingir, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino a aplicar, os recursos a usar, o tempo previsto e os instrumentos de avaliação formativa pressupostos.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Planificação de Aula

Unidade Letiva: “O Amor”

Aula n.º 1/6

Ano: 8.º | Turma: B

Data: 10/02/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
			Acolhimento. O professor irá recordar aos alunos o porquê de ser ele a lecionar esta Unidade Letiva. Irá distribuir um anexo ao “diário de bordo” (Caderno em vermelho com folhas de várias cores) a cada aluno onde irão escrever o nome próprio, colocando-o na mesa em local visível. Este anexo ao “diário de bordo” irá ser usado em todas as aulas com o nome “diário do amor”. Permitindo a identificação do aluno.		6	<ul style="list-style-type: none">• Assiduidade e pontualidade.
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.		Motivação da Unidade Letiva: entrega do “diário do Amor” como descoberta da Unidade Letiva.			<ul style="list-style-type: none">• Empenho.

		<p>- O significado da palavra “Amor” (etimologia).</p> <p>- A importância do amor no desenvolvimento da pessoa.</p> <p>- Diferentes formas de exprimir o “Amor Humano”.</p> <p>- O amor um sentimento e uma decisão.</p>	<p>O professor irá solicitar os alunos que escrevam no “diário do amor” uma definição de amor.</p> <p>Apresentação diversas definições de amor apresentadas por crianças dos 4 aos 8 anos.</p> <p>Pedir aos alunos que escolham uma das definições apresentadas e a transcrevam para o “Diário do Amor”.</p> <p>Os alunos terão alguns minutos para apresentarem a definição de amor que consideram mais abrangente e mais significativa.</p> <p>Leitura participada do texto da página 10. Os alunos, partindo da reflexão feita irão descobrir que o amor não é um simples sentimento.</p> <p>O professor projeta no quadro um vídeo sobre uma das formas de exprimir o amor humano. No final pede aos alunos que, tendo em consideração o que foi visto e lido que comentem a seguinte afirmação “Mais de que um simples sentimento o amor é uma decisão” registar no “diário do amor” (tarefa da página10 do manual)</p>	<p>Diário do amor</p> <p>Computador videoprojector - PowerPoint</p> <p>Diário do Amor</p> <p>Manual do Aluno</p> <p>Computador videoprojector</p> <p>Diário do Amor</p>	<p>3</p> <p>3</p> <p>3</p> <p>9</p> <p>4</p> <p>6</p> <p>6</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção, empenho e participação na aula. • Cooperação com os colegas. • Cumprimento das regras de sala de aula. • Atenção e concentração. • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
--	--	--	---	---	--	---

			<p>Para casa o professor convida os alunos a escolherem um objeto, uma imagem, um símbolo, um poema (valorizando a arte e a cultura) que ilustre o que é o amor. Trazer para a aula seguinte. Realizar um comentário à frase: “O amor é a força mais poderosa do ser humano e distingue-nos de todos os seres vivos”. Registrar no (diário do amor).</p>		2	
			<p>Registo individual da síntese da aula no “diário do amor”.</p>	Diário do Amor	2	
			<p>Registado do sumário no diário de bordo.</p>	Diário de Bordo	1	

Síntese: O significado que o amor humano tem na sociedade e na vida de cada um. O amor humano não é um simples sentimento e pode ser entendido em diversas dimensões.

RELATÓRIO E AVALIAÇÃO DA PRIMEIRA AULA

A primeira aula foi preparada com a intenção de desinstalar os alunos das informações e conhecimentos imediatos assumidos na sociedade atual. Para atingir este objetivo era necessário demonstrar que o amor é mais complexo e mais abrangente, suplantando as pequenas ou superficiais afirmações de momento, decoradas e não vivenciadas.

Demos início à aula com o acolhimento/saudação aos alunos e com uma pequena apresentação do professor em formação. Os alunos foram informados de que o sumário seria registado no final da aula, tendo em conta a planificação dos temas a abordar. O professor estagiário fez uma breve contextualização da Unidade Letiva “O amor” procurando ser claro na distribuição dos subtemas ao longo das seis aulas previstas. Foi entregue, aos alunos um pequeno caderno com o título “diário do amor” (**ANEXO 1A**) com o intento de registar, ao longo de toda a unidade letiva, as principais ideias/ conteúdos abordados. Este “diário de amor”, personalizado foi assinado por cada aluno e faz parte do caderno diário do aluno que tem o nome de “diário de bordo”.

Deu-se início a abordagem do tema o “amor”, sendo pedido aos alunos para escreverem no “diário do amor” uma definição de amor. Em seguida, o professor em formação passou no quadro um *PowerPoint*¹⁸⁸ (**ANEXO 1B**) com diversas definições de amor, apresentadas por crianças entre os 4 e os 8 anos de idade, sendo pedido aos alunos para escolherem a definição que consideraram mais oportuna e mais abrangente. Foram escolhidas as definições dadas por crianças para salientar a transparência e a simplicidade das definições. Os alunos assinalaram a definição escolhida na folha distribuída (**ANEXO 1C**) e escreveram a mesma no “diário do amor”. Foi feita a partilha das definições escolhidas pelos alunos, justificando a escolha realizada. Esta partilha foi muito participada e permitiu aos alunos comparar as definições escolhidas com a que eles escreveram inicialmente.

Foi feita a leitura do documento 1 do manual “a afetividade” para permitir aos alunos a precessão do amor para além do simples sentimento. Foi visualizado um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=gScgqzF-efo&t=24s>) onde os alunos viram que a afetividade e a ternura podem levar a pessoa a dedicar-se totalmente ao outro como expressão

¹⁸⁸ Podem ser usados como estratégias os vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=SEAS-k1YDD0> ou <https://www.youtube.com/watch?v=3ilPMryjIFc> que utilizam definições idênticas.

radical do amor. Após estes dois momentos foi pedido aos alunos que registassem no “diário do amor” que este amor implica uma decisão, onde a razão e a vontade têm de estar presentes.

Como trabalho de casa os alunos foram convidados a trazer para a aula seguinte algo que ilustrasse uma expressão de amor e elaborar um comentário à frase “O amor é a força mais poderosa do ser humano e distingue-nos de todos os seres vivos”.

Como síntese, os alunos realizaram oralmente no “diário do amor”, assim como registaram no “diário de bordo” o sumário da aula. A aula terminou com a despedida entre professor e alunos.

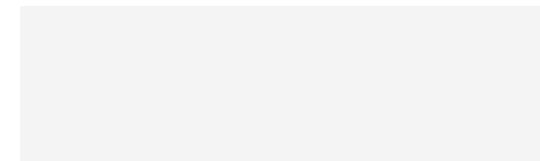
O sumário foi elaborado no final da aula, face à planificação inicial e para que este descreva o que realmente foi trabalhado e desenvolvido no decorrer da aula.

Nesta aula foi cumprida a planificação apresentada e os alunos participaram de forma ativa, correspondendo aos objetivos traçados.

Aspetos a melhorar: reduzir o número das definições de amor das crianças dos 4 aos 8 anos para permitir aos alunos uma maior reflexão sobre cada uma delas e para diminuir o tempo despendido na escolha da definição de amor pretendida.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Planificação de Aula

Unidade Letiva: “O Amor”

Aula n.º 2/6

Ano: 8.º | Turma: B

Data: 16/02/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: As diferentes formas de expressar “O Amor”. As dimensões do amor: <i>eros, philia e ágape</i>. Amizade, namoro e solidariedade como manifestações de amor em ação. (O registo do sumário será realizado no final da aula).			Acolhimento.		2	<ul style="list-style-type: none">• Assiduidade e pontualidade.
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	- Diversas formas de exprimir o “Amor”.	O professor em diálogo com os alunos realizam uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior. Partindo do trabalho de casa, os alunos apresentam o objeto, a imagem, o símbolo, o poema, a música ou outro elemento escolhido pessoalmente para ilustrar as	Elementos apresentados pelos alunos.	4 10	<ul style="list-style-type: none">• Empenho.• Atenção, empenho e participação na aula.

<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>			<p>diferentes formas de expressar o amor.</p> <p>(Todos os elementos apresentados pelos alunos são colocados pelos mesmos numa mesa, em local de destaque, na sala de aula, após a apresentação dos mesmos.)</p>	Mesa na sala de aula		<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação com os colegas. • Cumprimento das regras de sala de aula.
		<p>- As três dimensões do amor (<i>EROS</i> – amor erótico, <i>PHILIA</i> - amor fraternal e <i>ÁGAPE</i> - amor incondicional oblativo - caridade).</p>	<p>Através do recurso a uma apresentação em <i>PowerPoint</i> apresenta aos alunos as três dimensões do amor (<i>EROS, PHILIA E ÁGAPE</i>).</p> <p>Os alunos são motivados a seleccionar a dimensão do amor que consideram mais significativa e/ou mais importante, registando no “diário do amor”.</p>	<p>Computador videoprojector</p> <p>- <i>PowerPoint</i></p>	9	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção e concentração.
		<p>-A descoberta da amizade, do namoro e da solidariedade como manifestações do amor em ação.</p> <p>- A importância do amor no desenvolvimento da pessoa.</p>	<p>De seguida, com base na atividade realizada e os registos elaborados, pelos alunos, o professor explícita que ao longo da vida passamos pelas três dimensões. Pretende-se demonstrar que estas dimensões se cruzam e a dimensão/nível mais nobre do amor é o <i>AGAPÉ</i>.</p> <p>Como conclusão o professor incentiva os alunos, de forma voluntária, à leitura do comentário que realizaram da frase: “O amor é a força mais poderosa do ser</p>	<p>Diário do Amor</p> <p>Computador videoprojector</p> <p>Diário do Amor</p>	5 5 5	<ul style="list-style-type: none"> • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.

			<p>humano e distingue-nos de todos os seres vivos”.</p> <p>Como trabalho de casa o professor solicita aos alunos que, tendo em consideração os documentos das páginas 14 e 15 do manual, encontrem uma definição para amizade, namoro e solidariedade e refiram as respetivas diferenças entre estas três manifestações do amor. Fazer o registo no “diário do Amor”.</p>		2	
			<p>Registo individual da síntese da aula no “diário do amor”.</p>	Diário do Amor	2	
			<p>É registado o sumário no diário de bordo.</p>	Diário de Bordo	1	

Sínteses: o amor pode ser expresso de diversas formas. O amor tem 3 as dimensões fundamentais (*Eros, philos e ágape*). A amizade, o namoro e a solidariedade são manifestações do amor em ação.

RELATÓRIO E AVALIAÇÃO DA SEGUNDA AULA

Esta aula foi preparada com o objetivo de consolidar os conteúdos iniciados na primeira aula, sendo dado a descobrir aos alunos o significado do conceito “amor” e a complexidade do tema face à superficialidade que a sociedade procura transmitir e inculcar aos adolescentes.

A aula começou com o acolhimento e uma breve saudação inicial. O professor, em diálogo com os alunos, fez uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior para reforçar os conteúdos aplicados.

Em seguida foram solicitados, para que de forma voluntária, apresentassem os símbolos que tinham trazido de casa. Estes símbolos são resultado do trabalho de casa que tinha sido pedido na aula anterior e que pretende ilustrar ou expressar o significado do que é o amor. Cinco alunos apresentaram os símbolos (chapéu oferecido pela avó; pulseira dada por uma amiga muito importante; imagem de um cavalo de equitação que faz parte da atividade lúdica de uma aluna de competição; uma música que descreve que o amor não tem distâncias). Os alunos apresentaram os símbolos referidos, fizeram uma breve explicação dos mesmos e colocaram-nos numa mesa junto ao quadro. O professor também apresentou um símbolo, a fotografia de uma familiar, de forma a integrar-se na dinâmica do tema. Desta forma, pretendeu-se facilitar a motivação dos alunos para a presente unidade letiva. Aproveitando este ponto de partida, os alunos sentiram que a tarefa, então realizada, foi uma primeira abordagem à unidade letiva, tendo igualmente servido para que o professor pudesse diagnosticar qual ou quais as perspetivas dos alunos.

Com recurso a um *PowerPoint*, (**ANEXO 2**) realizou-se a apresentação das três principais dimensões do amor (*Eros, Philo e Àgape*), procurando ser claro e assertivo em cada uma das abordagens. Os alunos registaram no “diário do amor” a dimensão do mesmo, que consideraram mais significativa e, em seguida, fizeram a apresentação aos colegas. É de salientar que os alunos na escolha que fizeram, demonstraram que a dimensão mais nobre é o *Àgape* e perceberam que as três dimensões se associam e se cruzam ao longo da vida, sendo valorizada uma ou outra dimensão conforme as formas de viver e de ser de cada pessoa.

Para concluir este conteúdo, os alunos apresentaram, de forma voluntária, o comentário à frase do manual, página 9: “O amor é a força mais poderosa do ser humano e distingue-nos

de todos os seres vivos”. Dos comentários apresentados pretendeu-se aferir se os alunos compreenderam o significado do conceito “amor”.

Neste sentido, o ritmo da aula foi marcado pelo diálogo, como forma de os alunos darem a conhecer as suas respostas, demonstrando os conhecimentos adquiridos. Este tipo de aula, nesta fase, é inconclusiva levando à participação e interrogação de todos os alunos.

Como trabalho de casa os alunos foram convidados a fazer uma definição de amizade; namoro e solidariedade, onde deverão salientar as diferenças entre cada um dos conceitos.

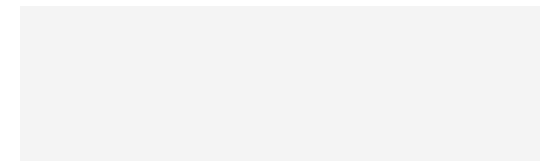
A síntese foi realizada pelos alunos no “diário do amor” e registaram no “diário de bordo” o sumário da aula. A aula terminou com a despedida entre professores e alunos.

Nesta aula foi cumprida a planificação, os alunos participaram, colocando questões e inquietações. A distribuição do tempo foi boa e ajustada à importância de cada conteúdo.

Aspetos a melhorar: o *PowerPoint* deverá ser melhorado na sua forma gráfica para facilitar a leitura dos alunos, dada a clareza presente na sala de aula.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "O Amor"

Aula n.º 3/6

Ano: 8.º | Turma: B

Data: 23/02/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A definição e significado da "sexualidade". Contextualização Os dinamismos da sexualidade humana: biológica, psicológica e espiritual. (o registo do sumário será realizado no final da aula).			Acolhimento.		2	<ul style="list-style-type: none">• Assiduidade e pontualidade.
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	- A descoberta da amizade, namoro e solidariedade como manifestações do amor em ação.	O professor em diálogo com os alunos faz uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior. Partindo do trabalho de casa os alunos, em diálogo com professor, apresentam as definições de amizade, namoro e solidariedade e as diferenças que consideraram mais significativas. Esta apresentação irá permitir que os aprendentes	Diário do Amor Quadro e giz	5 13	<ul style="list-style-type: none">• Empenho.• Atenção, empenho e participação na aula.

<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>		<p>- A definição e significado de sexualidade.</p> <p>- Os três dinamismos da sexualidade: biológico, psicológico e espiritual e a sua importância que têm na personalidade do ser humano, permitindo a construção do eu a abertura ao tu e alargamento ao nós.</p> <p>- As problemáticas na vivência da sexualidade.</p>	<p>entendam que a adolescência é a época das grandes amizades, tempo de descoberta de si e do outro, o despertar para a solidariedade e para a adesão a grandes causas.</p> <p>Através do recurso a uma apresentação em <i>PowerPoint</i> o professor, em diálogo com os alunos, leva-os à descoberta do significado da sexualidade e apresenta os seus dinamismos.</p>	<p>Computador videoprojector</p> <p>- <i>PowerPoint</i></p>	10	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação com os colegas. • Cumprimento das regras de sala de aula. • Atenção e concentração. • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
			<p>Os alunos são convidados a escrever no “Diário de amor” o significado de sexualidade.</p>	<p>Diário do Amor</p>	5	
			<p>O professor incentiva os alunos à leitura, interpretação e análise do texto do manual, página 18, “sexualidade com amor e sexualidade sem amor.”</p> <p>É entregue em formato de papel o resumo dos conteúdos da aula</p>	<p>Manual de EMRC</p>	5	
					2	

			<p>apoiada num questionário sobre as problemáticas na vivência da sexualidade que deverá ser realizado como trabalho de casa.</p> <p>Registo individual da síntese da aula no “diário do amor”.</p> <p>É registado o sumário no diário de bordo.</p>	<p>Diário do Amor</p> <p>Diário de Bordo</p>	<p>2</p> <p>1</p>	
--	--	--	---	--	-------------------	--

Sínteses: A definição e significado de sexualidade humana. Os dinamismos da sexualidade: biológica, psicológica e espiritual. Sexualidade com amor e sexualidade sem amor.

RELATÓRIO E AVALIAÇÃO DA TERCEIRA AULA

A terceira aula da UL “O amor” tem como objetivo transmitir aos alunos a definição e o significado de sexualidade. Na descoberta da conceptualização de sexualidade os alunos evidenciaram que esta só tem sentido associada ao amor, tem dinamismos próprios e deverá ser interpretada como a “linguagem” do amor.

A aula iniciou com o acolhimento e com a saudação inicial. Foi realizada uma síntese oral dos conteúdos abordados na segunda aula. Esta síntese permitiu rever os conceitos de amor, dado que alguns alunos apresentaram algumas questões em relação ao conceito “*ágape*”.

Os alunos apresentaram os trabalhos de casa oralmente e de forma entusiasta e ordenada. Salientamos que todos os alunos realizaram o trabalho pedido o que permitiu uma partilha muito enriquecedora sobre os significados que a amizade, o namoro e a solidariedade têm nas suas vidas. Assim, foi permitido ao professor clarificar as diferenças e as características de cada uma das expressões de amor e salientou que a adolescência é a época da descoberta das grandes amizades, tempo de descoberta de si e do outro, o despertar para a solidariedade e para a adesão às grandes causas. Foi relevante perceber que os alunos apreenderam a distinguir entre o amor e a amizade, o amor que leva ao namoro e o amor solidário. As três dimensões do amor, sendo a mesma realidade, têm de ser bem compreendidas e vividas para levar a pessoa a um caminho de felicidade, nas mais diversas fases da vida e de modos diferenciados, mas sempre como amor.

Partindo da reflexão anterior surgiu o momento de questionar os alunos: qual a relação entre sexualidade e amor? Para concretizarem esta resposta pessoal, realizaram o seu registo no “diário do amor”, surgindo, assim, o significado de sexualidade e a relação entre estes dois conceitos. Posteriormente, os alunos partilharam, analisaram e compararam estas duas expressões do ser humano. Após este exercício foram apresentadas duas definições de sexualidade.

Usando o conceito de sexualidade apresentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Catecismo da Igreja Católica (CIC) (**ANEXO 3A**) os alunos aferiram que o conceito de sexualidade é mais abrangente e significativo que o espectacular. Neste sentido, foram apresentados os três dinamismos da sexualidade: biológico, que controla o desenvolvimento sexual; psicológico, presente nas emoções e pensamentos, em que a

personalidade corporiza o pensar, o agir e o espiritual, em que a linguagem do amor só tem sentido como dom de Deus ao outro, descobrindo a importância que este tem na construção da identidade.

Os alunos demonstraram muito interesse nos conteúdos abordados e, de forma rápida, perceberam que estavam pouco informados, em analogia com alguns mitos de informação parca, clara e esclarecida. Espontaneamente, os alunos concluíram que a sexualidade só tem sentido ligada ao amor e que esta é considerada “linguagem” do amor, estando presente em toda a existência humana. Nesta abordagem, os aprendentes concluíram que a sexualidade diz respeito à pessoa integral, pois, pensamos, agimos, sentimos, comunicamos e amamos como homens ou como mulheres. O amor vivido na relação sexual entre um homem e uma mulher é muito mais do que mero encontro fisiológico, trata-se de uma realidade que faz parte de uma história pessoal com um passado, um presente e um futuro, em que as opções tomadas influenciam a sua realização e felicidade.

Na sequência do diálogo com os alunos, o professor salientou a enorme responsabilidade que cada ser humano tem na vivência da sexualidade com amor, em que esta pode ser fonte de bem estar e de complementaridade na beleza da entrega total ou poderá ser sexualidade sem amor, em que o ser humano é tratado como objeto, instrumento descartável e de consumo, atingindo situações inaceitáveis de ausência deste valor e bem maior.

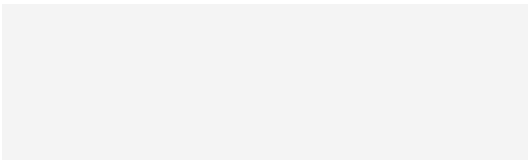
Em seguida, os alunos foram incentivados à leitura do texto da página 19 do manual de EMRC, para refletirem e consolidarem a vivência da sexualidade vivida com amor e sem amor. Como trabalho de casa foi entregue um resumo, (**ANEXO 3B**) em papel, do tema da aula com um breve questionário/reflexão sobre as problemáticas na vivência da sexualidade que deverá ser lido e realizado individualmente. Com entusiasmo e serenidade os alunos realizaram a síntese da aula no “diário do amor” e registaram no “diário de bordo” o sumário. A aula terminou com a despedida entre professores e alunos.

Nesta aula foi cumprida a planificação apresentada e os alunos participaram de forma ativa, correspondendo aos objetivos traçados. A distribuição do tempo foi boa e ajustada à importância de cada conteúdo.

Aspetos a melhorar: aumentar o espaço de tempo para a participação voluntária dos alunos.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA
 FACULDADE DE TEOLOGIA
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Mestrado em Ciências Religiosas
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 Prática de Ensino Supervisionada



Planificação de Aula

Unidade Letiva: “O Amor”

Aula n.º 4/6

Ano: 8.º | Turma: B

Data: 09/03/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A fecundidade humana sinal e fruto do amor. A família célula primordial onde germina a vida e onde se descobrem os verdadeiros valores. (o registo do sumário será realizado no final da aula).			Acolhimento.		2	<ul style="list-style-type: none"> Assiduidade e pontualidade.
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	- A sexualidade força fisiológica e psicológica que permite a construção do “eu”, abertura ao “tu” e alargamento ao “nós”.	O professor em diálogo com os alunos realizam, uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior.	Computador videoprojector	4	<ul style="list-style-type: none"> Empenho.
		- As problemáticas na vivência da sexualidade.	Com recurso ao <i>PowerPoint</i> em diálogo com os alunos são tratadas as problemáticas na vivência da sexualidade procurando descobrir que a sexualidade só pode ser vivida		7	<ul style="list-style-type: none"> Atenção, empenho e participação na aula. Cooperação com os colegas.

<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>		<p>- Os conceitos de sexualidade e genitalidade.</p> <p>- A fecundidade humana como sinal e fruto do amor.</p>	<p>num contexto de amor. Correção do trabalho que foi solicitado para casa.</p> <p>O professor salienta as diferenças entre sexualidade, sexo, género, genitalidade, relações sexuais e relações sexuadas.</p> <p>Visionamento de um vídeo sobre a importância que a transmissão da vida merece. Registo no “diário do amor” dos elementos que demonstram que o amor autêntico é valoração, fecundo, criativo porque germina e cresce na família.</p>	<p>- <i>PowerPoint</i></p> <p>Computador videoprojector</p> <p>Diário do Amor</p>	<p>3</p> <p>6</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimento das regras de sala de aula. • Atenção e concentração. • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
<p>H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p>	<p>Organizar um universo de valores fundado na perspectiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.</p>	<p>- A família célula primordial onde germina a vida e onde se descobrem os verdadeiros valores.</p>	<p>Diálogo com os alunos sobre a importância da família. Apresentação das características fundamentais da fecundidade vivida na família, salientando a importância que a mesma tem na construção da pessoa humana e os ajustamentos que esta tem tido nestes últimos anos face às mudanças sociais.</p> <p>Como trabalho de casa o professor solícita aos alunos que respondam à seguinte questão: o que é a maternidade e a paternidade</p>	<p>Computador videoprojector</p> <p>- <i>PowerPoint</i></p> <p>Manual de EMRC</p>	<p>9</p> <p>1</p>	

			responsável? Fazer o registo no “diário do Amor”.			
			Registo individual da síntese da aula no “diário do amor”.	Diário do Amor	2	
			É registado o sumário no “diário de bordo”.	Diário de Bordo	1	

Sínteses: Problemáticas na vivência da sexualidade. A fecundidade humana sinal e fruto do amor. A família comunidade de amor onde germina a vida.

RELATÓRIO E AVALIAÇÃO DA QUARTA AULA

A quarta aula foi preparada com os objetivos de entender a família como espaço privilegiado da descoberta e vivência do amor e compreender a fecundidade humana como sinal e fruto do amor. Tendo em conta a necessidade de esclarecer o que é a sexualidade sem amor foi efetuada uma abordagem mais clarificadora sobre esta questão, apresentando práticas sexuais que destroem a pessoa e manipulam o ser humano.

A aula começou com o acolhimento individualizado e com uma breve saudação inicial. O professor, como nas aulas anteriores, fez uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior, em diálogo aberto e orientado com os aprendentes, para reforçar os conteúdos aplicados e para esclarecer algumas dúvidas.

Com base no trabalho realizado em casa e as informações reversas e desvirtuadas da comunicação social, o professor, com recurso a um *PowerPoint* (**ANEXO 4A**) e em diálogo com os alunos apresentou as problemáticas na vivência da sexualidade procurando demonstrar que a sexualidade só pode ser vivida num contexto de amor. Os alunos entenderam que a sexualidade não se reduz à genitalidade nem pode pôr em causa a dignidade humana. Sempre que o ser humano é instrumentalizado e tratado como se fosse um objeto, estamos perante situações verdadeiramente inaceitáveis. Foram abordadas as situações de assédio sexual, a pedofilia, a violação, a prostituição, a pornografia, a homossexualidade, a transexualidade, a relação sexual precoce e a gravidez na adolescência. Sabendo que estas questões são muito pertinentes e causam muitas interrogações, tivemos a intenção de prevenir situações, esclarecer conceitos e fazer saber que todas estas ocorrências devem ser reeducadas ou denunciadas e não podem ser encobertas ou disfarçadas, na medida em que ofuscam o verdadeiro sentido da sexualidade e do amor.

No decurso da abordagem das problemáticas da sexualidade surgiu a necessidade de definir os conceitos de sexualidade, sexo, género, genitalidade, relações sexuais e relações sexuais, dado que na cultura atual estes conceitos confundem-se, muitas vezes, e são considerados sinónimos. Assim, foi possível esclarecer e organizar as ideias que pareciam difusas e muito reversas e desvirtuadas (**ANEXO 4B**).

Olhando todos estes elementos urge provocar nos alunos a questão da fecundidade, dado que esta faz parte da sexualidade. A fecundidade humana, como sinal e fruto do amor, está

associada à sexualidade com amor (ANEXO 4C) e, além de permitir a continuidade da espécie, é promotora da realização pessoal.

Através da visualização de um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=IJJtm1159E>) os alunos concluíram, registrando no “diário do amor”, a definição de fecundidade humana mais significativa. Dos registos realizados destacamos as seguintes: a fecundidade humana não se esgota na capacidade de gerar uma vida, ela implica o cultivo da vida. A fecundidade é cuidar, educar, apoiar, servir, escutar, compreender... sonhos e projetos que em comum alimentam a vida fecunda e plena do casal.

Como tema relacionado nesta unidade surge a família como célula fundamental da sociedade, e que deve ser fruto do amor e espaço privilegiado de aprendizagem e vivência do mesmo. Com recurso a um *PowerPoint* escolhemos como ponto de partida as mudanças fundamentais, operadas na família nos últimos 100 anos (ANEXO 4D). Estas mudanças conduziram à reflexão sobre a importância que a família teve ao longo da história e que ainda é o núcleo fundamental da sociedade. Embora as funções dos elementos da família se tenham alterado ao longo dos anos, esta continua a ser célula primordial onde germina a vida e onde se descobrem os verdadeiros valores. A prova desta dimensão é a adoção que revela que a família não se fecha dentro das “quatro paredes”, mas através do processo desta se torna família do coração. Querer o bem do outro ultrapassa o biológico, pois é um amor de entrega total e abnegado.

Verificamos que muitas pessoas, dadas a situações particulares e culturais, têm dado pouca importância à família o que provoca vazios existenciais e estruturais, na sociedade.

Recordados os conceitos de amor, sexualidade e família, os alunos são convidados a registar no “diário do amor” os elementos que demonstram que o amor autêntico é sempre fecundo, criativo e desenvolve-se na família.

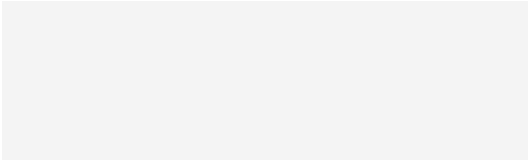
No final da aula, como trabalho de casa, o professor solicitou aos alunos para refletirem sobre o que significa maternidade e paternidade responsável, fazendo o registo no “diário do amor”.

Realizou-se a síntese da aula no “diário do amor” e o sumário no diário de bordo, assim como a despedida entre professores e alunos.

A planificação da aula foi cumprida. Os conteúdos abordados tornaram esta aula mais expositiva que as anteriores, mas que permitiu aos alunos esclarecer pensamentos informativos menos claros. Os alunos demonstraram muito interesse nos conteúdos tratados. Em relação à distribuição do tempo, poderíamos ter ocupado mais minutos com o conteúdo da família, podendo abordar as diferentes concessões de família existentes. Por opção, achamos mais importante focalizarmo-nos na família como célula da sociedade, equilíbrio individual e coletivo do ser humano, espaço privilegiado do amor autêntico e fecundo.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA
 FACULDADE DE TEOLOGIA
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Mestrado em Ciências Religiosas
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 Prática de Ensino Supervisionada



Planificação de Aula

Unidade Letiva: "O Amor"

Aula n.º 5/6

Ano: 8.º Turma: B

Data: 30/03/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A família nos documentos da Igreja. A mensagem bíblica sobre o amor e a fecundidade humana. (o registo do sumário será realizado no final da aula).			Acolhimento.		2	<ul style="list-style-type: none"> Assiduidade e pontualidade.
H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	Organizar um universo de valores fundado na perspetiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	- Propostas doutrinárias da Igreja católica sobre o amor na família.	O professor em diálogo com os alunos faz uma síntese oral dos conteúdos abordados nas aulas anteriores.	Computador videoprojector - PowerPoint	3	<ul style="list-style-type: none"> Empenho.
			Apresentação de alguns documentos da Igreja sobre a família, demonstrando a importância que a mesma dá à família.		5	<ul style="list-style-type: none"> Atenção, empenho e participação na aula.
			Partilha dos trabalhos de casa realizados pelos alunos. O professor irá salientar a responsabilidade que		4	<ul style="list-style-type: none"> Cooperação com os colegas.

F. Conhecer a mensagem e cultura Bíblica.	Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	<p>- A fecundidade como bênção de Deus.</p> <p>- A aceitação da vontade de Deus e o amor edificam a família universal.</p> <p>- As características do amor na bíblia e na vida dos seres humanos.</p>	deve ser assumida na maternidade e paternidade.	<p><i>Computador</i> <i>videoprojector</i></p> <p>Manual de EMRC</p> <p>Diário do Amor</p> <p>Ficha de avaliação</p>	3	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimento das regras de sala de aula. • Atenção e concentração. • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
			Reflexão e concretização de decisões ponderadas e responsáveis que devemos ter, alicerçadas na generosidade, fecundidade, equilíbrio e sustentabilidade da família.		5	
			Leitura dos textos bíblicos das páginas 25 e 27 do manual, pelos alunos. O professor irá orientar os alunos para a importância que a mensagem Bíblica atribui à temática do amor e a necessidade de alicerçar estas dimensões na vida de cada crente.		6	
			Partindo do visionamento do filme “Um amor para recordar” realizado anteriormente, é pedido aos alunos que registem no “diário do amor” uma mensagem para a vida.		12	
			Realização da ficha de avaliação da unidade letiva.		2	
			Como trabalho de casa o professor pede aos alunos que tragam para a			

			<p>próxima aula algo (imagem, objeto, texto, ...) que simbolize as aprendizagens realizadas ao longo da unidade letiva do “Amor”.</p> <p>Registo individual da síntese da aula no “Diário do amor”.</p> <p>É registado o sumário no “Diário de bordo”.</p>	<p>Diário do Amor</p> <p>Diário de Bordo</p>	<p>2</p> <p>1</p>	
--	--	--	--	--	-------------------	--

Sínteses: Importância que a Igreja atribui à família. O amor e a fecundidade humana na mensagem bíblica. Características do amor na Bíblia e na vida.

RELATÓRIO E AVALIAÇÃO DA QUINTA AULA

Tendo na aula passada sido desenvolvida a importância da família, nesta aula pretendeu-se apresentar, aos alunos, alguns documentos da Igreja sobre a família. Procuramos demonstrar a importância que a mesma lhe dá, propondo os seguintes objetivos: descobrir através da mensagem bíblica, sempre nova e atual, as características do amor fecundo e que Deus é a fonte do amor humano, por isso amar a Deus é amar o “próximo”.

No seguimento das aulas anteriores, e tendo em conta o sucesso da estratégia, também esta foi planificada, privilegiando os meios audiovisuais, como estímulo motivador para os alunos.

Após o acolhimento, o professor, em diálogo com os alunos, fez uma síntese oral dos conteúdos abordados na aula anterior para reforçar as aprendizagens conseguidas.

Tendo em conta o conteúdo sobre a família abordado na aula anterior, achámos por bem, consolidar o papel que a família deverá ocupar na sociedade atual. Para isso, e olhando para as características da disciplina de EMRC apresentámos alguns documentos da Igreja que focam e refletem a importância vital que a família tem no equilíbrio individual e coletivo do ser humano, apontando como esta aponta a família como lugar central da vivência do amor (**ANEXO 5A**).

Partindo do trabalho de casa, os alunos, em diálogo com o professor, de forma voluntária, apresentaram as suas respostas à questão: “o que é a maternidade e a paternidade responsável”. Primeiramente, salientamos que as respostas dadas demonstraram que os alunos têm a noção do que significa ser pai e mãe e a responsabilidade que isso implica.

Além disso, os filhos são fruto do amor entre o casal e como tal, a responsabilidade dos pais não se esgota na procriação. A maternidade e a paternidade responsável exigem decisões ponderadas, alicerçadas na generosidade, fecundidade, equilíbrio e sustentabilidade da família. O diálogo é o elemento fundamental na procura do melhor para o casal. É o casal o responsável pela vida deles e dos filhos.

Procurámos, neste conteúdo, referir que viver a sexualidade na família envolve tomar decisões responsáveis, pois nenhum método de planeamento familiar é, por si só, “100%” eficaz. Não optámos por apresentar, aos alunos, os métodos de planeamento familiar, uma vez que estes serão tratados, no próximo ano letivo, em parceria com o PES e em Ciências Naturais,

conforme a planificação do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro que tem, obrigatoriamente, de desenvolver em função do Projeto Educativo e do Plano de Ação Estratégico, em vigor.

Foi nosso intento transmitir aos alunos a ideia de que não somos instrumentos ao serviço do egoísmo, e que a VIDA é um dom, por isso, temos de reconhecer cada vez mais a dignidade da pessoa em todas as suas ações.

Numa descoberta mais abrangente do significado do amor, os alunos fizeram a leitura dos textos bíblicos das páginas 25 e 27 do manual. O professor, após a leitura, e tendo consigo a Bíblia, orientou os alunos para a importância que a mensagem Bíblica atribui à temática do amor e a necessidade de alicerçar estas dimensões na vida de cada crente. Os alunos constataram que para os crentes a fecundidade é uma bênção de Deus, os filhos são um dom de Deus, a aceitação da vontade de Deus e o amor edifica a família universal.

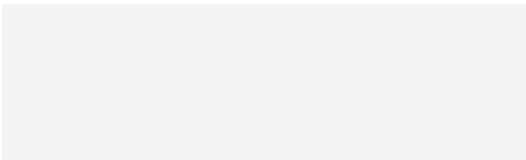
Partindo do visionamento do filme “Um amor para recordar”, realizado anteriormente, os alunos elencaram as características do amor que a mensagem bíblica patenteia. Do diálogo sobre o filme surgiram várias conclusões. A que mais se salientou foi a constatação de que o amor é um bem maior que o ser humano deseja. Este é como o vento, não se vê, mas sente-se nas diversas expressões que temos na vida. A fé também possui a característica do amor, não se vê mas sente-se na vida, através das palavras e dos gestos das pessoas. Os alunos ficaram surpreendidos pelo facto do filme utilizar um texto da Bíblia (1 Cor 13, 1-13) como mensagem central (**ANEXO 5B**). Foi possível verificar que os alunos descobriram a mensagem central do filme em que o “hino ao amor” de São Paulo demonstra que este nos liga enquanto seres vivos e que nos liga a Deus enquanto seres que procuram o transcendente. Deus está na origem do amor humano e as características do amor da Bíblia estão inscritas na vida dos seres humanos.

Após a conclusão deste conteúdo os alunos realizaram a ficha de avaliação da unidade letiva “O Amor” (**ANEXO 5C**). Como trabalho de casa o professor pediu aos alunos para trazerem para próxima aula algo (imagem, objeto, texto, ...) que simbolize as aprendizagens realizadas ao longo da unidade letiva do “Amor”. Os alunos realizaram a síntese da aula no “diário do amor” e registaram no “diário de bordo” o sumário da aula, ultimando-se a aula com a despedida entre professores e alunos.

Nesta aula foi cumprida a planificação apresentada e os alunos participaram de forma ativa, correspondendo aos objetivos traçados.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA
 FACULDADE DE TEOLOGIA
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Mestrado em Ciências Religiosas
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 Prática de Ensino Supervisionada



Planificação de Aula

Unidade Letiva: “O Amor”

Aula n.º 6/6

Ano: 8.º Turma: B

Data: 04/05/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>SUMÁRIO: Análise retrospectiva da unidade letiva “O amor”. A alegria do amor. Apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos referentes as aprendizagens realizadas ao longo da unidade letiva. Reflexão final.</p> <p>(O registo do sumário será realizado no início da aula, em virtude de ser um sumário conclusivo e de não ter continuidade numa próxima aula).</p>			<p>Acolhimento. Registo do Sumário.</p> <p>(A sala foi colocada com as mesas em U com uma mesa no centro, de forma a proporcionar uma maior interação entre os alunos e para facilitar a comunicação, partilha e a visualização dos símbolos trazidos pelos alunos.)</p>	<p>Caderno diário. Diário de Bordo</p>	<p>2</p>	<ul style="list-style-type: none"> Assiduidade e pontualidade.
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<p>Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.</p>	<p>- A importância das diversas dimensões do “Amor”, da “sexualidade” e da fecundidade no desenvolvimento e na realização da pessoa humana.</p>	<p>O professor, em diálogo com os alunos irá fazer uma análise retrospectiva da unidade letiva para consolidar os conhecimentos adquiridos. Esta análise irá</p>	<p>Computador videoprojector -PowerPoint</p>	<p>10</p>	<ul style="list-style-type: none"> Atenção, empenho e participação na aula.

<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ser responsável assumindo os deveres e as obrigações. - O respeito pelo corpo, pelos sentimentos próprios e dos outros. - A importância da fidelidade enquanto valor que nasce do respeito pela confiança que uma pessoa deposita na outra e que exige responsabilidade. 	<p>introduzir a último conteúdo da unidade letiva.</p> <p>Através do recurso a uma apresentação em <i>PowerPoint</i> o professor apresenta aos alunos as três atitudes fundamentais para que a alegria do amor seja uma realidade na vida de cada um. (Responsabilidade, Respeito e Fidelidade). O professor irá salientar que as formas de amar devem ser refletidas para podermos refazer a nossas atitudes face ao amor e à sexualidade.</p>	<p>Computador videoprojector</p> <p>-<i>PowerPoint</i></p>	<p>5</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação com os colegas. • Cumprimento das regras de sala de aula. • Atenção e concentração.
<p>H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p>	<p>Organizar um universo de valores fundado na perspectiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As diversas formas de entender o amor. 	<p>Partilha dos trabalhos realizados pelos alunos sobre as aprendizagens efetuadas, ao longo da unidade letiva do “Amor”.</p> <p>Visionamento de um vídeo musical, sobre as diversas formas</p>	<p>Mesa (Todos os elementos trazidos pelos alunos são colocados numa mesa em local de destaque na sala de aula, após a apresentação dos mesmos)</p> <p>Computador videoprojector</p>	<p>12</p> <p>4</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.

			<p>de amar. Os alunos registam no “diário do amor” a frase, a imagem, o verso que melhor traduz a importância do amor nas suas vidas.</p> <p>O docente entrega aos alunos o símbolo da unidade letiva “O amor” – Vaso com várias flores. (O vaso está escondido com um saco. Este contém, por fora, uma folha onde está escrita a frase de Saint Exupéry “O essencial é invisível para os olhos, só se vê bem com o coração” e a primeira definição de amor que os alunos escreveram na primeira aula da UL. O saco também contém um pequeno envelope com um cartão, que irá servir para escrever um compromisso). Os alunos, antes de verem a planta com as flores que está escondida dentro do saco, leem a folha onde se encontra a sua definição de amor, tomando consciência do percurso percorrido ao longo das aulas. Após a leitura retiram o saco e descobrem a planta com várias flores, símbolo das diversas expressões de amor.</p>	<p>Diário do Amor</p> <p>Vasos com uma planta com várias flores</p>	2	
--	--	--	---	---	---	--

			<p>O professor realiza uma reflexão conclusiva sobre a UL, tendo, como elemento central o vaso com a planta que foi entregue anteriormente. O professor salienta as frases interrogativas que receberam no início da aula e que surgiram ao longo da UL. O docente conclui demonstrando que assim como a flor precisa de luz, oxigênio e água para irradiar beleza e crescer assim o amor tem de ser constantemente alimentado, regado e cuidado para poder ser autêntico e gerador de felicidade.</p>		6	
			<p>Realização de um compromisso pessoal para crescer mais no amor. (Este compromisso é escrito no envelope que se encontra no saco)</p>	Cartão que está no envelope	2	
			<p>Registo individual da síntese da aula no diário do amor.</p>	Diário do Amor	2	

Sínteses: A alegria do amor vive-se na responsabilidade, no respeito e na fidelidade. Assim como uma flor tem de ser cuidada para se desenvolver, assim o amor tem de ser constantemente alimentado e cuidado para poder ser autêntico e gerador de felicidade. O AMOR DÁ SENTIDO À VIDA.

RELATÓRIO E AVALIAÇÃO DA SEXTA AULA

A sexta e última aula da UL “O amor” tem como objetivo central fazer um epítome da temática apresentada, ao longo do percurso realizado, nas cinco aulas precedentes. Foi nosso propósito ajudar os alunos na descoberta da “alegria do amor” que se caracteriza pelo respeito, a responsabilidade e a fidelidade. Esta aula valorizou a participação dos alunos para aferirmos se estes atingiram os objetivos propostos e planejados. Pretendemos concluir esta UL deixando espaço aberto a novos conhecimentos, sabendo que a educação para a sexualidade terá de estar sempre presente ao longo da vida. Esta aula foi assistida pela orientadora científica Doutora Isabel Varanda, a professora cooperante Isabel Baptista e os dois colegas de estágio Ana Paula Jorge e Joel Valente.

Antes de começar a aula uma aluna da turma, que não estava inscrita em EMRC, pediu para assistir à aula. Este pedido foi aceite e esta foi acolhida com alegria o que possibilitará uma futura participação, nas seguintes aulas. A referida aluna integrou-se muito bem, esteve atenta, concentrada, manifestou-se interessada e participou como os outros colegas.

A sala foi organizada em “U” de forma a proporcionar uma maior interação entre os alunos, para facilitar a comunicação, partilha e a visualização dos símbolos trazidos pelos aprendentes. Nas mesas juntas, no centro da sala, com disposição em U, serão acolhidos os símbolos que os alunos trouxeram para esta aula.

O início da aula ocorreu com o habitual acolhimento e com uma saudação a todos os intervenientes na mesma. Uma vez que era uma aula conclusiva, optou-se por redigir o sumário no início da aula, utilizando como suporte o *PowerPoint*.

Após a realização do sumário no “diário de bordo”, foi realizada uma súpula oral, apoiada por um *PowerPoint* dos conteúdos abordados, ao longo das aulas anteriores. Esta súpula permitiu rever o percurso percorrido ao longo das diferentes etapas, consolidando conteúdos expressos pelos alunos (**ANEXO 6A**).

Desta súpula chegámos à conclusão da UL onde foi abordado o conteúdo “A alegria do amor” que se concretiza no ser responsável, assumindo os deveres e as obrigações no respeito pelo corpo, pelos sentimentos pessoais e dos outros, e a fidelidade, enquanto valor que nasce da confiança que uma pessoa deposita na outra.

É de salientar a participação ativa dos alunos através do diálogo e da interação corporal, evidenciando uma participação proativa nas diversas questões apresentadas, demonstrando que a aprendizagem dos conteúdos foi real e que já existe consolidação de conhecimentos.

Para concretizar um dos objetivos principais desta UL, os alunos apresentaram os símbolos que traduzem as diversas formas de manifestar o amor. Após a explanação individual da escolha do objeto, símbolo do amor e das suas dimensões, o aluno colocou-o, na mesa central, de modo a permitir a visão de todos. Esta dinâmica foi muito significativa e emotiva, pelo que permitiu uma partilha muito enriquecedora. Foi possível aferir que os alunos realizaram um percurso crescente na descoberta do significado do amor e da aplicação deste conceito às situações vivenciadas nas suas vidas. Neste sentido, o ritmo da aula foi marcado pelo diálogo. Todos os alunos trouxeram um símbolo demonstrando interesse, empenho e dedicação.

Partindo da partilha realizada foi visualizado um vídeo musical da cantora Marisa “O melhor de mim” (**ANEXO 6B**) que reflete as diversas formas de manifestar o amor na atualidade, numa linguagem visual inclusiva, tanto na idade como nas vulnerabilidades. Os alunos foram convidados a escrever do “diário do amor” a expressão, a imagem, o gesto que para si traduzia a importância do amor nas suas vidas, fazendo apelo também à memória visual dos discentes. Esta ação permitiu significar o símbolo trazido por cada um dos alunos e os gestos concretos de amor no dia a dia. Mais do que saber o significado do amor é necessário viver o amor, passando da teoria à prática diária.

Em jeito de conclusão foi entregue a cada aluno o símbolo da unidade letiva “O amor” – Vaso com várias flores (**ANEXO 6D**). O vaso estava escondido dentro de um saco. O vaso continha uma flor e, por fora, detinha uma folha onde estava escrita a frase de Saint Exupéry “O essencial é invisível para os olhos, só se vê bem com o coração” (**ANEXO 6C**) e a primeira definição de amor que os alunos escreveram na primeira aula da UL. O saco também continha um pequeno envelope com um cartão, que serviu para escrever um compromisso (**ANEXO 6C**). Os alunos, antes de verem a planta com as flores que estava escondida dentro do saco, leram a folha onde se encontrava a sua definição de amor, tomando consciência do percurso percorrido, ao longo das aulas, com admiração, pois o professor guardou a sua primeira resposta. Após a leitura abriram o saco e descobriram a planta com várias flores, (**ANEXO 6D**) símbolo das diversas expressões de amor.

Na sequência do diálogo com os alunos, o professor fez uma reflexão conclusiva sobre a UL, tendo como elemento central o vaso com a planta que foi entregue anteriormente. O docente concluiu demonstrando que assim como a flor precisa de luz, oxigénio e água para irradiar beleza e crescer, assim o amor tem de ser constantemente alimentado, regado e cuidado para poder ser autêntico e gerador de felicidade. Esta dinâmica foi epilogada com a realização de um compromisso pessoal para que cada um pudesse crescer mais no amor. Este compromisso foi escrito num cartão que se encontrava dentro dum envelope que acompanhava o saco com as flores.

Com entusiasmo e serenidade, os alunos realizaram a síntese da aula no “diário do amor”. (ANEXO 6E) A aula terminou com a despedida entre professores e alunos.

Nesta aula foi cumprida a planificação apresentada. A distribuição do tempo foi adequada às estratégias propostas e ajustada à importância de cada conteúdo. Os recursos e as estratégias implementados tiveram o sucesso expectável durante a aula. Os objetivos propostos para esta aula foram totalmente atingidos. Os discentes estiveram muito atentos e interessados. A participação demonstrou a apropriação dos conteúdos abordados por parte dos alunos e o comportamento destes foi exemplar.

2.4. Síntese e avaliação da lecionação

A avaliação da lecionação é crucial para o crescimento, como pessoa e docente, assim como para o aperfeiçoamento da prática educativa, como educador, pois permitiu-nos “limar”, partindo de um ponto que nos possibilitou traçar o rumo com vista a novas práticas, novos caminhos a percorrer e atualizações pertinazes e profícuas, num mundo inconstante e, em fase de metamorfismo social.

Esta avaliação da lecionação tem uma importância vital na continuidade e reformulação da nossa “ação” como professores de EMRC que estamos em constante crescimento e maturação educativa. A “ação” do docente provoca sempre um “efeito”, que levará a mudanças nos indivíduos envolvidos¹⁸⁹. Como tal, a avaliação constante é a forma mais adequada para aferir se a nossa “ação” está ou não está a provocar o “efeito” positivo e desejado no crescimento pessoal e social dos educandos.

Nas seis aulas, centradas no aluno, procurámos criar espaços de questionamento e reflexão. Estas foram conduzidas, partindo da planificação, sem deixar de estar abertas a assuntos pertinentes, apresentados pelos alunos e em consonância com a UL. Todos os materiais usados foram instrumentos de auxílio para a condução da aula, valorizando o essencial da temática. Temos consciência de que existiram aspetos a melhorar e dadas as circunstâncias, como a fragilidade da *internet*, que não possibilitou a aplicação de algumas “ferramentas” que dariam mais dinamização aos conteúdos apresentados. Foram encontradas alternativas face a esta fragilidade, sem prejuízo da aplicação e aquisição das aprendizagens. Como aspeto muito positivo salientamos a espaço de sala de aula. Como existe uma sala específica para as aulas de EMRC permitiu realizar várias dinâmicas que podem ficar expostas para aulas seguintes.

As seis aulas planificadas e lecionadas com base nos conteúdos previstos pelo programa de EMRC nasceram de uma seleção feita do mesmo, dada a diversidade e vastidão deste para aulas de 45 minutos. Esta seleção dos conteúdos, teve em consideração os alunos em concreto,

¹⁸⁹ A educação é um processo dinâmico que tem por base uma ação mas que pretende um efeito. A “ação” produz uma mudança sobre alguém e é “efeito”, porque oferece o produto do processo e do exercício da aprendizagem e da experiência, entre outros, sendo que a avaliação constante do currículo é um ato pedagógico indispensável para a dinâmica educativa.

procurando respostas para as suas questões e dúvidas apresentadas, pois eles são o centro de todo o processo educativo. Esta seleção partiu do diálogo com a professora cooperante, conhecedora da realidade dos aprendentes e da planificação do Agrupamento.

A nossa experiência como docente já tem dezoito anos. Lecionámos Educação Cívica, Filosofia e Educação Moral e Religiosa Católica, em escolas públicas, militares e escolas com contrato de associação, sendo a experiência significativa, sempre nova e renovadora. Existem aspetos que precisam de ser repensados, melhorados e corrigidos dado que nunca atingimos a perfeição e, porque a sociedade, a cultura e os alunos vão obrigando a novas formas de agir proactivas e assertivas. Ficar em meras teorias estáticas, sem olhar a diversidade que constantemente nos surge é negar a evolução da pessoa, da educação e da sociedade. A autoavaliação é uma ferramenta fundamental na vida do professor, pois permite responder com eficácia aos desafios que lhe são colocados na sua vida como educador, num crescendo estável e fecundo.

Sendo a educação um processo e não um produto é, continuamente, questionada nos seus objetivos e finalidades, assim como estratégias e atividades a empregar na aplicação dos conteúdos. A avaliação que, incidindo objetivamente sobre o processo e não sobre as pessoas nele envolvidas, potencia de forma direta todos os elementos constituintes do currículo.

O trabalho realizado na PES teve como objetivo a aprendizagem e o crescimento integral dos alunos, essência do currículo e, nesse contexto, esforçámo-nos por acompanhar cada um deles, procurando ajudá-los no seu crescimento pessoal, que é um dos objetivos da disciplina de EMRC e que a sociedade exige da escola.

Foi nossa preocupação orientá-los para a criticidade, tendo o sentido de justiça e de descoberta como o verdadeiro dinamismo impulsionador para a conscientização de que o ser humano é sempre mais humano, a pessoa mais pessoal e a sociedade mais solidária e intergeracional.

Cada aula foi preparada, tendo sempre em consideração as características próprias de cada um dos alunos da turma e, desta, como um todo na relação com cada conteúdo. Tivemos sempre presente a necessidade de diversificar as experiências de aprendizagem, determinando as estratégias, as atividades e os recursos, adequando-os à especificidade dos alunos, mantendo-os sempre muito motivados. Consideramos que foi a forma deles se apropriarem dos conhecimentos e das experiências que os levou a adquirir e a atingir os objetivos planeados.

Nesse sentido, demos um equilibrado valor aos diversos princípios pedagógicos: da individualização, tendo presente a individualidade e a unicidade de cada sujeito da aprendizagem de modo a educar para a descoberta de si e de forma a desenvolver em cada um o que pode ser desenvolvido de maneira positiva e significativa, uma vez que a nossa sociedade exige de todos um constante papel de autoaperfeiçoamento e de resolução criativa de problemas, bem como de adaptação a novas circunstâncias e situações, orientando os alunos na procura de respostas para as suas interrogações mais profundas, reordenando e clarificando aqueles “porquês”. Desta forma, conseguimos a transmissão dos conteúdos como parte de uma realidade integrada, potenciando com sucesso uma série de possibilidades educativas no campo da experiência e das atitudes, favorecendo o desenvolvimento harmonioso da personalidade e as suas aprendizagens significativas.

Sendo a disciplina de EMRC uma disciplina curricular, mas não obrigatória, temos de possuir uma constante de comprometimento que permita que os alunos se sintam parte integrante de todo o processo, aspeto que tivemos em consideração na relação pedagógica estabelecida. Esta preocupação esteve na base de trabalho, bem como a individualidade de cada aluno, algo que requer mais esforço e ponderação, de modo a procurar valorizar e exponenciar o que cada adolescente tem de melhor e/ou a melhorar, para que cresça e se transforme num cidadão livre e atuante, no mundo atual, de forma positiva, consciente e responsável.

O desempenho correto da função de docente de EMRC, em que fomos investidos, exige uma postura de testemunho. Neste contexto a nossa relação educativa é em si mesmo um conteúdo que se vai lecionando, pois o que o professor demonstra ser, também os alunos terão tendência em querer ser, pelo que foi sempre preocupação sermos testemunhas coerentes dos valores propostos.

Foi nosso intento e compromisso dignificar a disciplina de EMRC, tentando cumprir todas as nossas obrigações para com os alunos, os pais, os professores, os funcionários e todo o corpo diretivo.

Como já expusemos, a PES foi sentida como um processo de avaliação contínua, sempre necessário na função de docente. Foi muito enriquecedor pelo facto de nos vermos perante um novo cenário de questionamento, já que essa circunstância permitiu uma leitura pessoal do trabalho realizado, mais crítica e assertiva, possibilitando a aquisição de novas capacidades, competências e atitudes, fundamentais para a assunção de uma postura, não apenas

interveniente, solidária e empreendedora, mas também cada vez mais confirmada e direcionada, para a qual concorre o aprofundamento científico das matérias, bem como, as avaliações das aulas supervisionadas, momentos em que aconteceram partilha de ideias e de sugestões, com hipóteses de caminhos diferentes e o simples olhar adulto sobre o nosso trabalho foram um constante impulsionador de transformação. Aceitámos críticas com recetividade e englobámo-las no nosso *modus operandi*, de forma construtiva, demonstrando sempre preocupação na melhoria de desempenho.

A orientadora científica tornou-se neste processo geradora de comportamentos e atitudes, com vista a uma mudança de paradigma. A professora cooperante contribuiu, nesta avaliação de forma direta, apontando novos caminhos e levantando questões pertinentes. A avaliação produziu um questionamento constante que nos levou a aprofundar novas matérias, quer no que diz respeito à didática, quer no que diz respeito aos fundamentos antropológicos e teológicos, fundamentais na futura ação docente, para o que foi fundamental a qualidade e a competência científica das professoras que comigo correram esta estrada de aprendizagem e partilha.

No que concerne à organização, coordenação e orientação da PES a orientadora científica e a professora cooperante, colaboraram com propostas de melhoria, sempre de forma crítica e construtiva, contribuindo de forma assertiva na superação das dificuldades e na resposta às questões que foram surgindo durante todo o percurso da PES.

CONCLUSÃO

O amor é a fundamental e
originária vocação do ser humano.

(*Familiaris Consortio*, n.º 11)

Depois de termos realizado esta viagem, pelo oceano do amor e da sexualidade humana, ficamos com a sensação de que não devemos elaborar uma conclusão final, dado que este tema é muito abrangente, está sempre aberto a outras abordagens e não chegamos à *eureka* da temática tratada. Tendo em conta o trabalho realizado vamos, pois, apresentar algumas ideias conclusivas que nos permitam avançar, um pouco mais, nesta aventura de educar com amor os adolescentes, ajudando-os a descobrir a sexualidade como linguagem do amor.

Temos a consciência de que a sociedade e a cultura contemporânea vieram colocar em evidência aspetos de carácter antropológico e também sociológico que alteraram a forma de ser e de agir do ser humano. Este metamorfismo de valores comporta elementos bastante positivos que a educação não pode deixar de valorizar, uma vez que alertam para uma atenção integral de diversos aspetos no crescimento global da pessoa humana, mormente a dimensão do amor.

Todavia, este novo sentir cultural deve ser encarado com a prudência devida para evitar os extremismos. Neste âmbito, a disciplina de EMRC, a par da necessária valorização do sentimento, das capacidades individuais e do espírito de tolerância, não pode deixar de criticar construtivamente o risco do subjetivismo, do individualismo e de outros despotismos permissivistas que a cultura contemporânea pode acarretar no seu seio.

A dinâmica da fé cristã não se estagna e não se pode identificar com uma única cultura, mas tem de ter a capacidade de refazê-la e ir mais longe. Esta está aberta de forma permanente à criatividade, à novidade e aos constantes apelos do Espírito que se manifestam ao longo do tempo e da história.

A disciplina de EMRC cooperando com a família, no serviço de educação integral, contribui para a formação dos educandos, patenteando-se como elemento chave no desenvolvimento dos adolescentes. O desafio da disciplina consiste precisamente em potenciar e conseguir atingir este objetivo. Nesta disciplina a Igreja prolonga e assume o seu serviço à sociedade como tarefa evangelizadora. A oportunidade/desafio, no ponto de vista do

evangelizador, alicerça-se no perfil específico do professor desta disciplina, no sentido de este caminhar com os alunos¹⁹⁰. A disciplina de EMRC existe e exige uma proposta com sentido, contribuindo, assim, com os valores Evangélicos para a construção da personalidade dos aprendentes.

Ousando como os adolescentes, afirmamos que estes se revelam, dia após dia, como profetas do século vinte e um. Desta realidade, vamo-nos apercebendo através da vivência que temos com os alunos. É um desafio trabalhar com pessoas que não aceitam respostas feitas. A sua forma de ser, de estar e de atuar surpreende de forma assertiva. Cada aluno, por sua vez, é simultaneamente o grande protagonista da sua aprendizagem e centro de todo o processo escolar. Muitas vezes, dizemos bem ao defender os adolescentes, na tentativa de potenciar aquilo que são os seus predicados, para minimizar o efeito da sua rebeldia, tantas vezes mal entendida.

O trabalho que realizámos com os alunos leva-nos a concluir e a acreditar que o amor, que temos dentro de nós, se manifesta neles de forma muito transparente. Educar com amor é uma obrigação de todos os educadores. Educar para a sexualidade, de forma adequada, é o nosso objetivo, ajudando-os a descobrir o verdadeiro sentido da vida que se encontra no amar e ser amado. Muitos são os que apontam o dedo, mas muito poucos percebem que eles são fruto de um passado que lhes foi imposto, de uma educação escolar que funciona na base da experiência e de uma sociedade, nomeadamente a família, valorizadora do facilitismo e do imediatismo, ofuscando o verdadeiro sentido do amor e da sexualidade.

Trabalhar com adolescentes é algo apaixonante e fascinante. Ver a sua beleza, sentir a sua ação, observar o seu crescimento integral, com entusiasmo, alegria e vitalidade torna-se um encontro marcado com a vida e a certeza de que amanhã há futuro, haverá uma civilização do amor. O amor mais do que explicado deve ser vivido, e se queremos que os nossos adolescentes atinjam a maturidade sexual, teremos de dar testemunho com a vida e educá-los com a palavra.

Foi nossa intenção demonstrar que uma boa educação para a sexualidade torna os adolescentes responsáveis e felizes, capazes de gestos de gratuidade e doação. Sabemos que a descoberta da vivência da sexualidade está dependente do desenvolvimento biológico e

¹⁹⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos, n.º 14.

psíquico, do crescimento pessoal e social que se atinge com a conquista da maturidade afetiva, manifestada no amor desinteressado.

Este relatório da PES representa o início da chegada a uma meta com vista a novas etapas, imprescindível para avançar para uma próxima aventura, com audácia, resiliência e perseverança. Neste caminho de educar prevalece a ideia de que há sempre melhorias a fazer, alterações a considerar, outros percursos a desbravar, pois nunca um trabalho está perfeito e é sempre um novo início, na arte de educar e de viver o amor.

O ano da PES foi um caminho percorrido, com o sentido de aperfeiçoar o já existente e concretizar novas ideias, com base no esforço, empenho e rigor necessários para a alcançar, com a consciência de que nunca se atinge o perfeito, apenas podemos sê-lo um pouco mais, pois quanto mais o tentarmos mais aprendizagens significativas iremos adquirindo, em todo este processo.

Concluimos este nosso relatório com duas pequenas metáforas:

A construção de um edifício é sempre uma obra inacabada, pois necessita sempre de manutenção e permanente reformulação, os projetos de vida estão em constante concretização, pois estão inacabados. Todos, alunos, família, e professores, estão em constante atualização, muito embora nalguns já existam alicerces seguros que suportam os ventos e as enxurradas adversas. Contudo, muitos precisam de obras de remodelação que lhes permitam reforçar a estrutura central, mantendo-os de pé para que as diversas divisões do edifício não se vão desmoronando. Neste sentido, a disciplina de EMRC assume um papel fulcral, como elemento orientador, na edificação da vida de muitos adolescentes que procuram um sentido, nos muitos sentidos que o amor lhes pode dar.

Assim como não podemos entender o "caracol", retirando-o da sua concha, sob pena de ficarmos a possuir, uma concha sem vida. Do mesmo modo, ao tentarmos explicar o amor e a importância da disciplina EMRC retirada da sua temporalidade (sociedade contemporânea) e da pessoa, corremos o risco de acharmos que encontramos a solução para o problema do amor. Dissemos muito, mas ficamos com a sensação de que o fundamental ficou por dizer, pois só podemos entender o amor dentro da sua vivência. A disciplina de EMRC deve transmitir, à luz da mensagem cristã, sinais claros do que é o amor oblato, imprimindo naqueles que lhes são confiados as bases fundamentais que se irão refletir ao longo das suas vidas.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. Versão Dos Textos Originais. Coord. José Augusto Ramos e Herculano Alves. 5ª ed.^a Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Conselho Pontifício Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Editora Principia, 2005.

Conselho Pontifício para a Família. *Sexualidade Humana: verdade e significado. Orientações educativas*. Lisboa: Edições Paulinas, 1999.

Concílio Ecuménico Vaticano II. Declaração *Gravissimum Educationis*, Braga: Editorial A.O, 1992.

Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Braga: Editorial A.O, 1992.

Congregação para a Educação Católica. *Orientações sobre o Amor Humano. Linhas Gerais para a Educação Sexual*, ed. Secretariado Geral do Episcopado, A.O, Braga, 1983.

Paulo VI. Declaração *Gravissimum Educationis* Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1966.

Wojtyla, Karol. *Amor e responsabilidade*. São Paulo: Loyola, 1982.

João Paulo II. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1981.

João Paulo II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1995.

João Paulo II. *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica*, Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública, 15/04/1991, *In L'Osservatore Romano*, n.º 16, 21/04/1991.

Bento XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas est*. Prior Velho: Paulinas, 2006.

Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: Esfera dos Livros, 5.^a edição, abril, 2010.

Bergoglio, Jorge (Papa FRANCISCO). *Só o Amor nos Salvará*, Cascais, Lucerna Editora, 2013.

Francisco. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.

Francisco. Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de Junho de 2013) *In AAS* 113, 5. 2013.

Francisco. “*Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica (13-02-2014)*”. *In L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português 8 (2014).

DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

Conferência Episcopal Portuguesa. *A Igreja na Sociedade democrática*. Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2000.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2002.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Nota sobre a educação da sexualidade*, Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2005.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: SNEC, 2006.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral, A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008.

Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé. *Nota Pastoral Sobre a EMRC: Alicerce da Educação Para os Valores*. Lisboa, 2002.

Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé. *Educar é um ato de amor*, *In Pastoral Catequética*, n.º 4, 2006, 11-13.

Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2007.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. *Nota Pastoral para a Semana de Educação Cristã*, 5-12 Outubro de 2008.

LEGISLAÇÃO

Assembleia da República. "Lei 46/86, De 14 Outubro - Lei De Bases Do Sistema Educativo ", *In Diário da República*, 1.^a serie. N.º 237. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.

Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, De 16 de novembro (Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé), *In Diário da República*, 1.^a Série-A, n.º 269, 2004.

Ministério da Educação e Ciência. "Decreto-Lei N.º 137/2012 De 2 De julho." Edição, 3340-64: *In Diário da República*, 1.^a série, n.º 126 de 2 de julho, 2012.

Ministério da Educação e Ciência. "Decreto-Lei n.º 70/2013, De 23 De maio. " Edição, 3031-3033: *In Diário da República*, 1.^a série, n.º 99 de 23 de maio, 2013.

Gabinetes da Secretaria de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação. "Despacho N.º 8294- a/2016." *In Diário da República*, 2.^a série, n.º 120, 24 de junho, 2016.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Abrantes, Paulo e Filomena Araújo (org). *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 2002.

Alves, Maria Palmira Carlos. *Currículo e Avaliação. Uma perspetiva integrada* (Porto: Porto Editora, 2004)

Aires, Joaquim Quintino. Professor emérito honorífico da Universidade de Moscovo. Instituto Vigotsky de Lisboa & ESE Maria Ulrich. Conferência sobre o tema *Fervilhar das Hormonas*, 2003.

Melo de Almeida, Maria Emanuel. *A Educação para a Paz*. Águeda: Paulinas Editora, 2002.

Ambrosio, Juan Francisco. *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*. In *Communio*; XVIII (2001/5).

Ambrosio, Juan Francisco. *As religiões na escola*, In *Revista Portuguesa de Ciências das Religiões*; Ano I, 2002 / n.º 2 – 59-63.

Arends, Richard. *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda, 1995.

Boavida, João e Amado, João. *Ciências da Educação epistemologia, identidade e perspectivas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

Borges, Maria Isolina Pinto. *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento*. Porto: Edições Jornal de Psicologia, 1987.

Botton, Alain de. *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre a utilização da religião*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2012.

Bruner, Jerome. *Uma Nova Teoria da Aprendizagem*. Brasília: Bloch, 1975.

Calvo, Alfredo Hernando. *As quatro perguntas chave para construir as escolas inovadoras do século XXI*. In: *Pastoral Catequética – In Revista de catequese e educação*. Ano 6, n.º 17/18, Maio/Dezembro de 2010.

Carvajal, Luis Gozalez. *Ideas Y creencias del Hombre actual*. Santander: Ed. Sal Terrae, 1991.

Carvalho, Cristina Sá. *Educação da Sexualidade – Guia para Educadores*. Lisboa: Fundação SNEC. Gráfica Almondina, 2008.

Carvalho, Cristina Sá. *Conversar com os filhos sobre sexualidade*. Lisboa: Fundação SNEC. Gráfica Almondina, 2008.

Costa, Alcindo. *Génesis – das lendas e mitos da criação à fé no Deus-Criador*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2002.

Delors, Jacques (Coord.). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, Porto: Edições Asa, 2005.

Duque, Eduardo. *Contributos para a compreensão da aceleração do Tempo*. Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas. Universidade do

Minho: *In* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais, 2012.

Fiores, Stefano; Goffi Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. 2.^a edição. Lisboa: Paulus, 1993.

Fonseca, Helena. *Compreender os adolescentes – um desafio para os pais e educadores*. 4.^a edição. Lisboa: Ed. Presença, 2005.

Fromm, Erich. *A arte de Amar – O amor como força vital*. Lisboa: Editora Pergaminho, 2002.

Fundação Secretariados Nacional de Educação Cristã. *Metas Curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica*. SNEC, 2013.

Guitton, Jean. *Ensaio sobre o amor humano*, Braga: Livraria Cruz, 1957.

Hirtz, Emmanuelle Bjerkem; Jean Claude Brau,; Francis Dumortier, et al. *Bíblia 2000*. (Lisboa: Alfa, 1997), 27.

Lipovetsky, Gilles. *A era do Vazio*, Lisboa: Relógio d'água editores, 1989.

Martins, Guilherme de Oliveira. *O conhecimento do fenómeno religioso*, *In* Pastoral Catequética, n.º 5, 2006, 69-73.

Morgado, José. *Qualidade na educação, um desafio para os professores*. Lisboa: Ed. Presença, 2004.

Nunes, D. Tomas Pedro Barbosa da Silva. *Perspectivas Sobre o Ensino Religio Escolas*, Primeiro Forum Nacional de Ensino Religioso Escolar. Lisboa; 5 dezembro 1997.

Nunes, D. Tomas Pedro Barbosa da Silva. *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, *In* Pastoral Catequética, n.º 5, 2006, 75-78.

Nunes, D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva. *Identidade e Metodologia do Ensino Religioso escolar*. *In* Pastoral Catequética, nº 8, 2007.

Nunes, D. Tomás Pedro Barbosa da Silva. *A Bondade é o Palco onde se cruzam as competências dos Educadores da Escola Católica*. *In* Pastoral catequética, n.º 17/18, 2010.

Neuenschwander, Markus. *Desenvolvimento e identidade na adolescência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2002.

- Pacheco, José Augusto. *Currículo: teoria e prática*. Porto: Porto Editora, 2007.
- Pais, José Machado. *A construção sociológica da juventude-alguns contributos*, *Análise Social* XXV/105-106 (1990).
- Pais, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.
- Pereira, Jorge Paulo Augusto. *Uma perspetiva sobre o perfil do professor*, *In Pastoral Catequética*, nº5, 2006, 113.
- Piaget, Jean ; Inhelder, Barbel. *A psicologia da criança*. Lisboa: Edições ASA, 1997.
- Policarpo, D. José da Cruz. *A Educação Moral e Religiosa Católica”, ao serviço da construção da Pessoa*. Forum do Ensino Religioso em Portugal (Fundação Calouste Gulbenkian, 3-5 de Dezembro de 1997), SNEC, Lisboa 1998.
- Policarpo, D. José da Cruz. *Obras escolhidas – o Bispo, mestre da fé. Catequeses quaresmais*. Volume 5. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- Ponciano, Manuel Martins. *Ser professor: uma construção biográfica*. Lisboa: Ed. Colibri, 2011.
- RUIZ, Maria Isabel Leal. *Metodologia da educação sexual na idade pré-escolar*, MDV. Lisboa: Grafilarte, 1994.
- Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro. Aprovado em 2014. <http://www.aetomazribeiro.net/joomla/agrupamento/projeto-educativo>, acessado em 07/05/2017.
- Ribeiro, Teresa Tomé. “Educação sexual na escola”, Braga: Edição casa do Professor, 2006.
- Ribeiro, Teresa Tomé. “O professor de educação da sexualidade – aspetos a desenvolver”, *In Educação da Sexualidade na Escola: um treino de competências*. 2007.
- Rojas, Enrique. *O Homem light, Uma vida sem valores*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.
- Ruiz, Isabel Leal. *Os diferentes têm sexo – aplicação da metodologia ICAR na educação sexual das pessoas com atraso mental*. Publicado por MDV. Lisboa: Gráfica Almondina, 2004.
- Sá, Eduardo. *Tudo o que o amor não é*. Lisboa: Oficina do Livro, 2003.

Santos, D. António Francisco. *O Professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional*, In Pastoral Catequética, n.º 21/22, 2011-2012, 9-19.

Sampaio, Daniel. *Inventem-se novos pais*, Lisboa: 8.ª edição, Caminho, 1994.

Saint-Exupéry, Antoine de. *O Príncipezinho*, Lisboa: Bertrand Editora, 2015.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Desafios*, Manual do Professor 7.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: Gráfica Almondina, SNEC, 2009.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero descobrir*, Manual do Aluno 8.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: SNEC, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: SNEC, 2014.

Semen, Yves. *A sexualidade segundo João Paulo II*. Estoril: Principia, 2006.

Serralheiro, Deolinda. *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa* Lisboa: Editora: Reis dos livros, 1990.

Serralheiro, Deolinda. *O Acto Educativo Religioso e Moral*, Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1993.

Serralheiro, Deolinda. *Especificidades e características do Ensino Religioso Escolar*, In Communio, VI 1989/1.

Serralheiro, Deolinda. *O ensino religioso católico na escola pública*, Vol. I, Montréal: 1993.

Sprinthalle, Norman A. e Collins, W. Andrew. *Psicologia do adolescente, Uma abordagem Desenvolvimentista*. Tradução de Cristina Maria Coimbra Vieira, 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Varanda, Isabel. *Iliteracia emocional e perda do património oral da fé*, In Memoria, Instituto Católico de Viana do Castelo, 2003. (53-58)

Varanda, Isabel. *Multiculturalidade e diversidade religiosa. Novos Desafios para a escola e as religiões*, In Communio, XXIII, 2006, n.º4, (391-402).

Varanda, Isabel. *Na noite mora a promessa*, Lisboa: Paulinas Editora, 2014.

Vidal, Marciano. *Moral de atitudes*. Vol I, Aparecida: Edições Santuário, 1983.

Dias, Manuel. *Educação da sexualidade no dia-a-dia da prática educativa*. Braga: Edições Casa do Professor, 2002.

Xavier, Pikaza. *El cántico espiritual de San Juan de la Cruz, Poesia*. Bíblia. Teologia, Ediciones paulinas, Madrid 1992.

NETGRAFIA

Aimberé Francisco Torres. Direito e Valor. O valor da pessoa. <http://www.advogado.adv.br/artigos/2006/aimberefranciscotorres/direitoevalor.htm>. (Consultado em 17-12-2016).

A importância da internet no desenvolvimento dos adolescentes. http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/sandra/docs/cap2_internet.pdf. (Consultado em 19-12-2016).

A Pessoa Humana. <http://www.thesocialagenda.org/pt/artigo-segundo-pessoa-humana>. (Consultado em 19-12-2016).

Bento XVI (2008). Carta à Diocese e à Cidade de Roma sobre a tarefa urgente da Educação. (www.vatican.va, (Consultado a 24-03- 2017).

Comissão Teológica Internacional. Comunhão e serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus. (http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html, (Consultado em 26-05-2017).

Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>. (Consultado em 2017-06-12).

Educação sexual e reprodutiva. <http://www.portaldasauade.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/132rafe+escolar/educacaoosexual.htm>. (Consultado em 12-06-2017)

João Leitão. Somos todos Empreendedores Sociais e Conscientes? <http://perma.culturaportugal.ning.com/profiles/blogs/somos-todos-empreendedores.1> (Consultado em 9-12-2016).

Maria do Céu Roldão. O diretor de turma e a gestão curricular, consultado em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/diretor_turma.pdf. (Consultado em 07/12/2016)

Matilde Tiemi Makiyana. O Ensino Religioso. http://www.hottopos.com/videtur4/o_ensino_religioso.htm. (Consultado em 09-12-2016).

Manuela Moura. Sexualidade – de que falamos. <http://www.terapiasexual.com.Pt/sexualidade.htm>. (Consultado em 15-12-2016).

Pessoa, Arquivo – <http://arquivopessoa.net/textos/503>. (Consultado em 18-12-2016).

Papa durante o discurso no congresso diocesano de Roma. 19/06/2017
http://pt.radiovaticana.va/news/2017/06/20/papa_no_congresso_da_diocese_adolesc%C3%Aancia_n%C3%A3o_%C3%A8_patologia/1320115. (Consultado em 23-6-2017).

Sílvia R.G. Horta. A experiência da vida. <http://www.hottopos.com.br/regeq5/expdvida.htm> – (Consultado em 18-12-2016).

Teresa Tomé Ribeiro. Educação da sexualidade em meio escolar: os valores comuns. www.porto.ucp.pt/.../actas/Teresa%20Tomé%20Ribeiro.pdf. (Consultado em 15-12-2016).

Redes Sociais crescem em Portugal. <http://thenextweb.com/pt/2010/02/18/redes-sociais-crescem-em-portugal/>. (Consultado em 19-12-2016).

<http://www.adolescenciaesaude.com>. Adolescência: definições, conceitos e critérios. In Revista Adolescência, nº 3, ano 2013, 25. (Consultado a 25-4-2017).

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.pdf>. (Consultado em 9-12-16).

<https://sites.google.com/site/agrupamentopedrodorey/regulamento-interno>. (Consultado em 03-12-169).

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/ensino-igreja-destaca-desafio-urgente-de-educar-consciencia-etica-e-religiosa/> (www.agencia.ecclesia.pt, consultado a 24 de maio de 2017).

ANEXOS

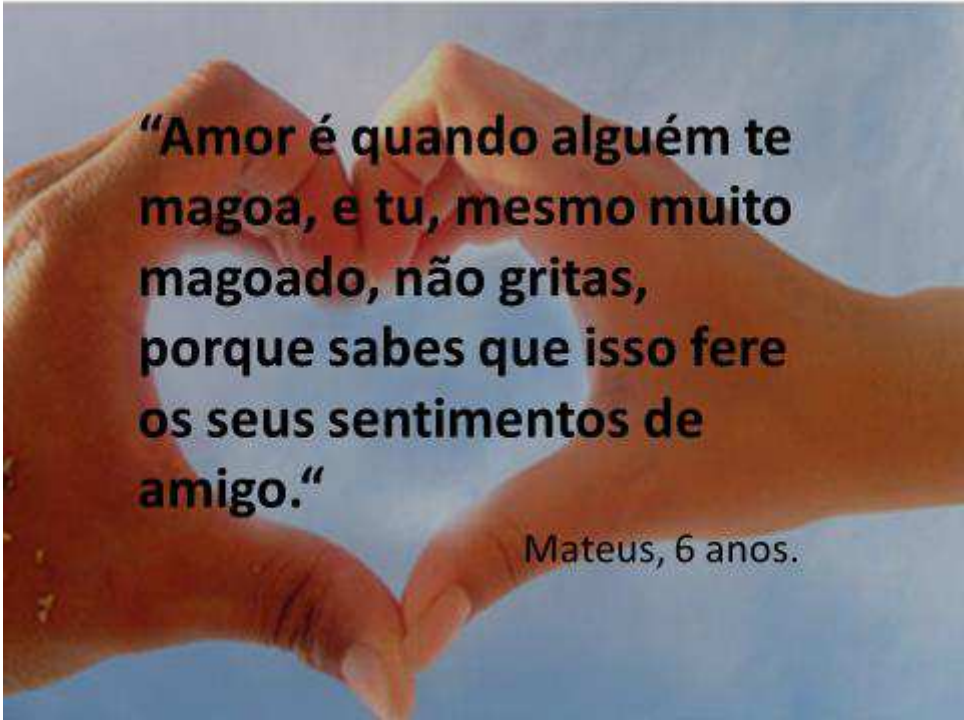
ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1A - Materiais didático-pedagógicos da primeira aula	135
ANEXO 1B - Materiais didático-pedagógicos da primeira aula	136
ANEXO 1C - Materiais didático-pedagógicos da primeira aula	148
ANEXO 2 - Materiais didático-pedagógicos da segunda aula	150
ANEXO 3A - Materiais didático-pedagógicos da terceira aula	157
ANEXO 3B - Materiais didático-pedagógicos da terceira aula	161
ANEXO 4A - Materiais didático-pedagógicos da quarta aula	164
ANEXO 4B - Materiais didático-pedagógicos da quarta aula	169
ANEXO 4C - Materiais didático-pedagógicos da quarta aula	171
ANEXO 4D - Materiais didático-pedagógicos da quarta aula	176
ANEXO 5A - Materiais didático-pedagógicos da quinta aula	177
ANEXO 5B - Materiais didático-pedagógicos da quinta aula	179
ANEXO 5C - Materiais didático-pedagógicos da quinta aula	181
ANEXO 6A - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula	183
ANEXO 6B - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula	204
ANEXO 6C - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula	206
ANEXO 6D - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula	207
ANEXO 6E - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula	209
ANEXO 7 – Plano de ação estratégico de EMRC – Tondela	210

**O compromisso de sucesso da disciplina de
EMR na concretização de Plano de Ação
Estratégico do Agrupamento de Escolas de
Tondela Tomaz Ribeiro.**

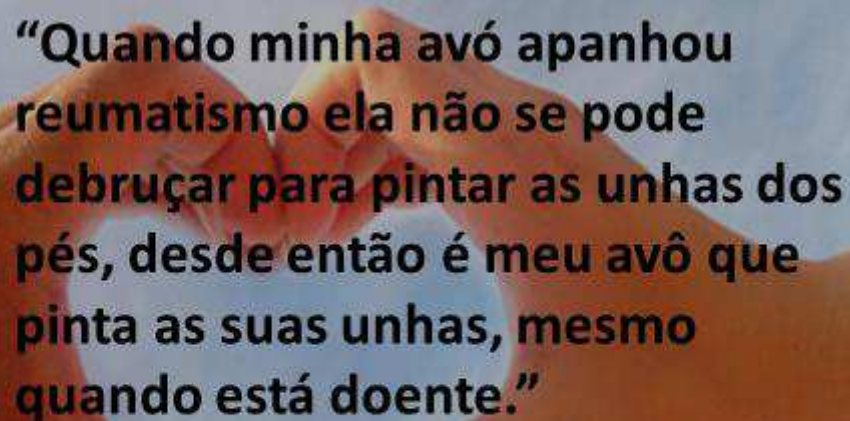
ANEXO 1A - Materiais didático-pedagógicos da primeira aula





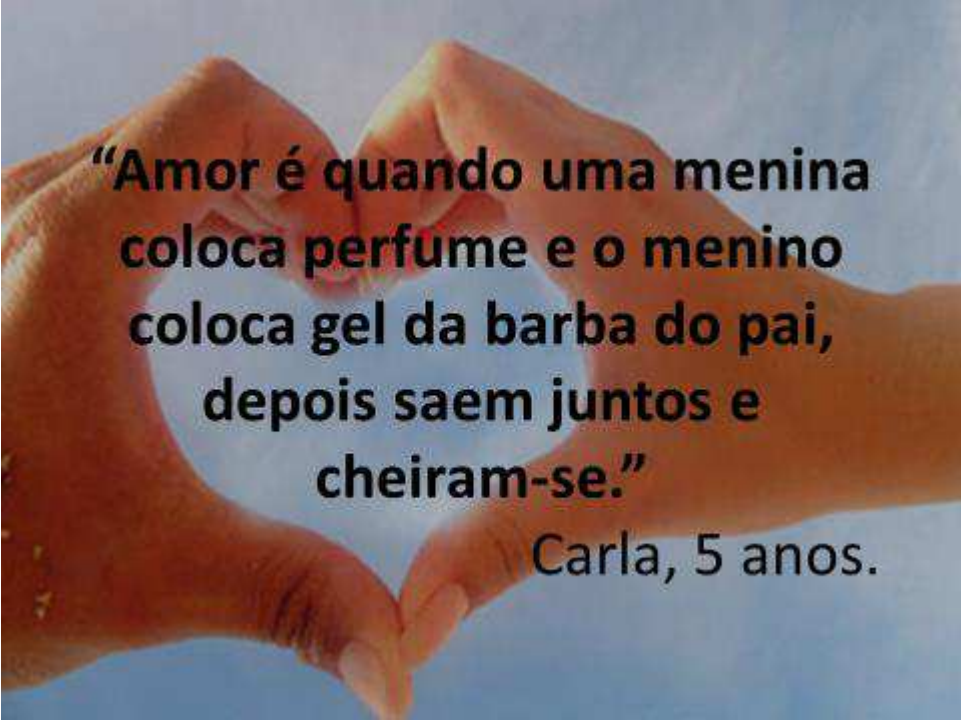
“Amor é quando alguém te magoa, e tu, mesmo muito magoado, não gritas, porque sabes que isso fere os seus sentimentos de amigo.”

Mateus, 6 anos.



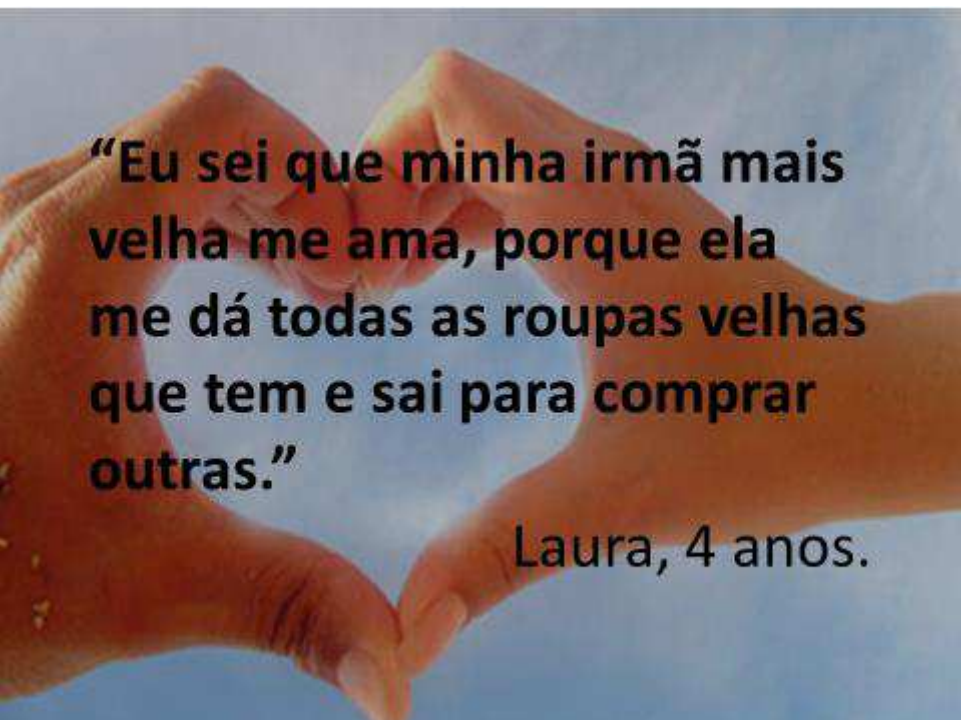
“Quando minha avó apanhou reumatismo ela não se pode debruçar para pintar as unhas dos pés, desde então é meu avô que pinta as suas unhas, mesmo quando está doente.”

Rebecca, 8 anos.

A close-up photograph of two hands, one from the left and one from the right, holding a heart shape formed by their fingers. The background is a soft, out-of-focus blue sky. The text is overlaid on the heart shape.

**“Amor é quando uma menina
coloca perfume e o menino
coloca gel da barba do pai,
depois saem juntos e
cheiram-se.”**

Carla, 5 anos.

A close-up photograph of two hands, one from the left and one from the right, holding a heart shape formed by their fingers. The background is a soft, out-of-focus blue sky. The text is overlaid on the heart shape.

**“Eu sei que minha irmã mais
velha me ama, porque ela
me dá todas as roupas velhas
que tem e sai para comprar
outras.”**

Laura, 4 anos.



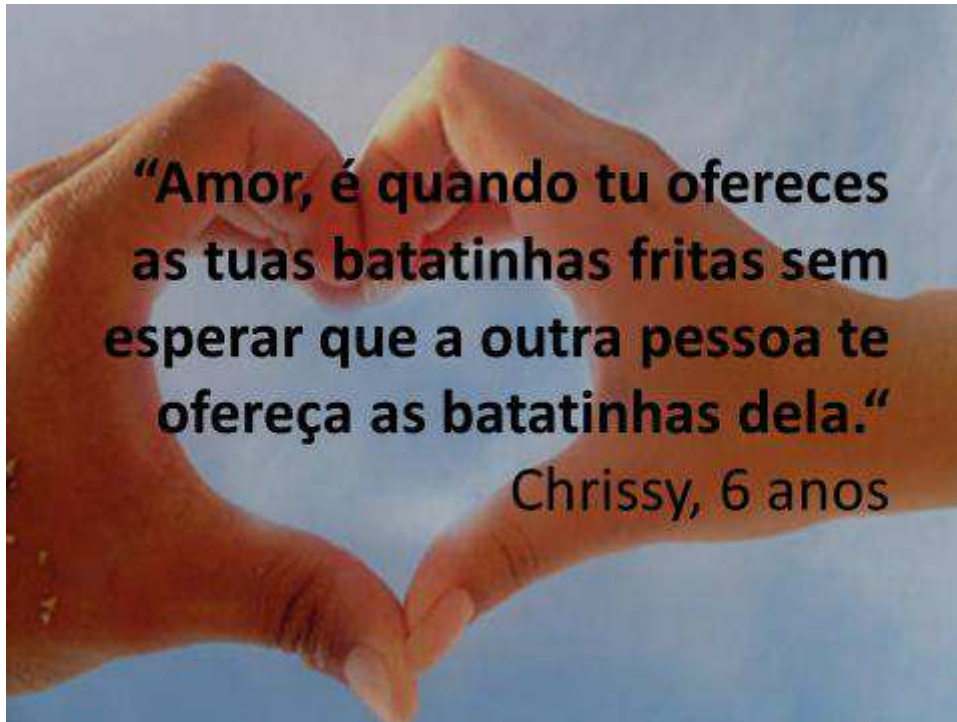
**“Amor é como uma
velhinha e um velhinho que
ainda são muito amigos,
mesmo conhecendo-se há
muito tempo.”**

Tommy, 6 anos.



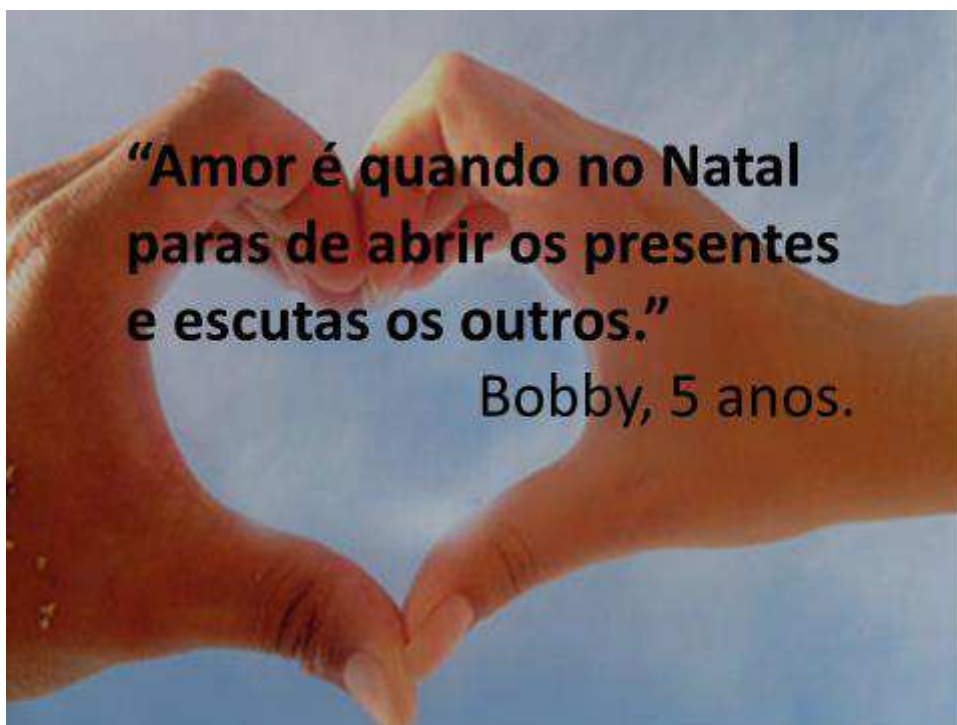
**“Quando alguém te ama
a forma de dizer o teu
nome é diferente.”**

Billy, 4 anos.



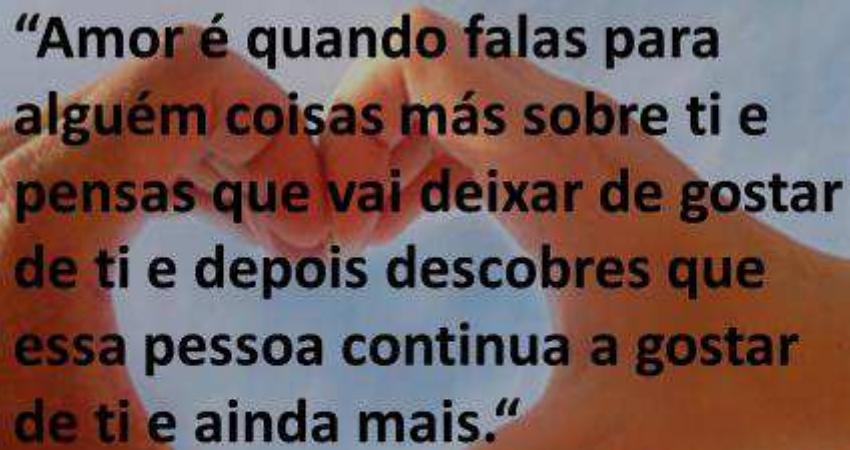
**“Amor, é quando tu ofereces
as tuas batatinhas fritas sem
esperar que a outra pessoa te
ofereça as batatinhas dela.”**

Chrissy, 6 anos



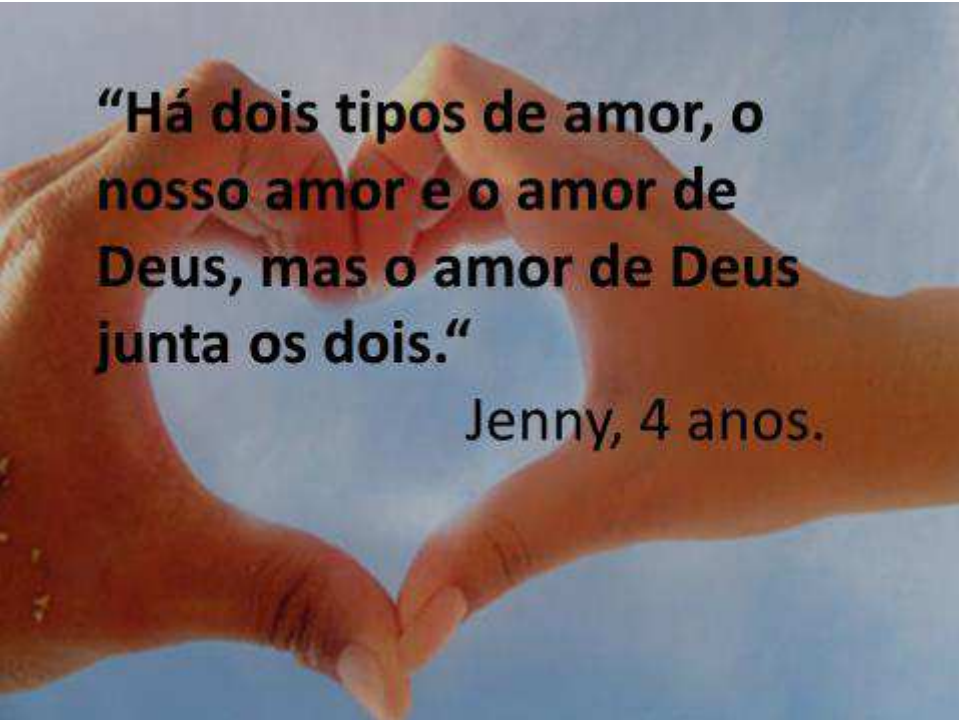
**“Amor é quando no Natal
paras de abrir os presentes
e escutas os outros.”**

Bobby, 5 anos.



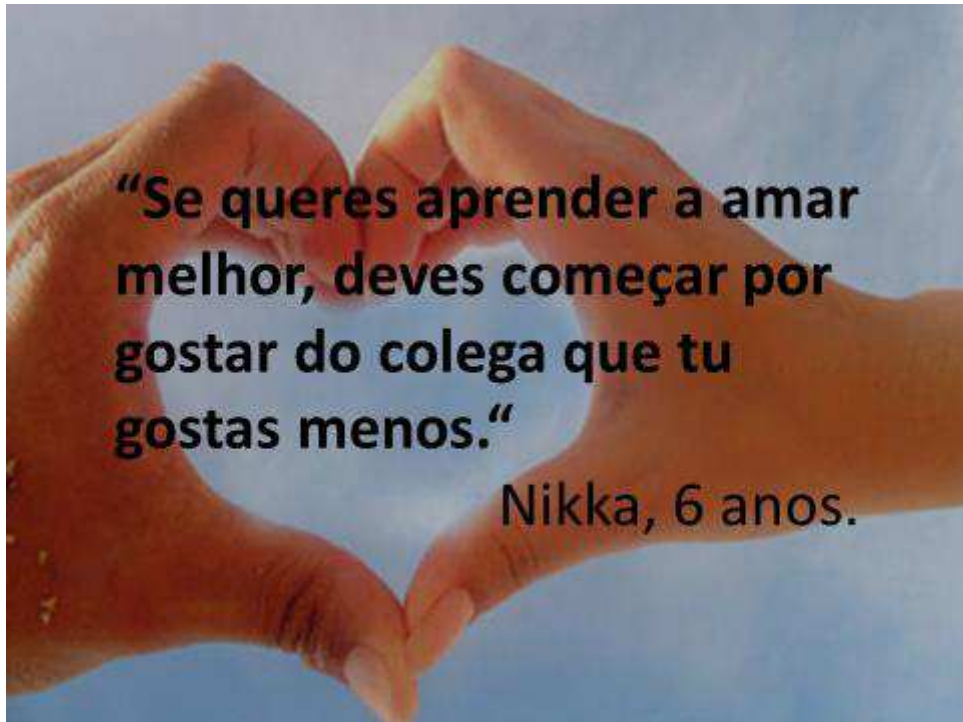
**“Amor é quando falas para
alguém coisas más sobre ti e
pensas que vai deixar de gostar
de ti e depois descobres que
essa pessoa continua a gostar
de ti e ainda mais.”**

Samantha, 7 anos.



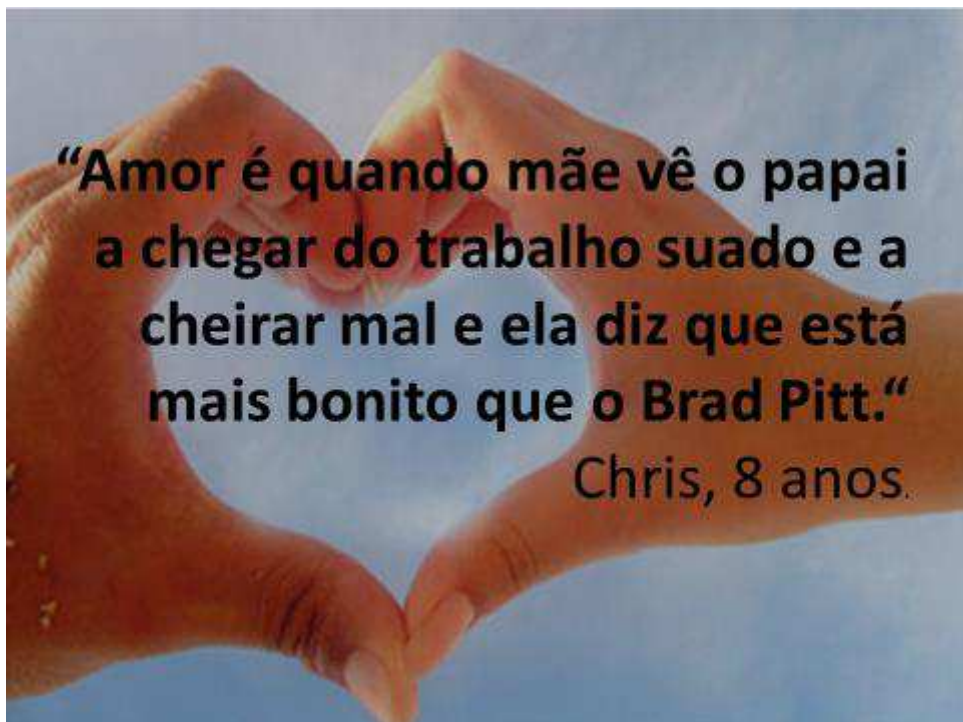
**“Há dois tipos de amor, o
nosso amor e o amor de
Deus, mas o amor de Deus
junta os dois.”**

Jenny, 4 anos.




**“Se queres aprender a amar
melhor, deves começar por
gostar do colega que tu
gostas menos.”**

Nikka, 6 anos.



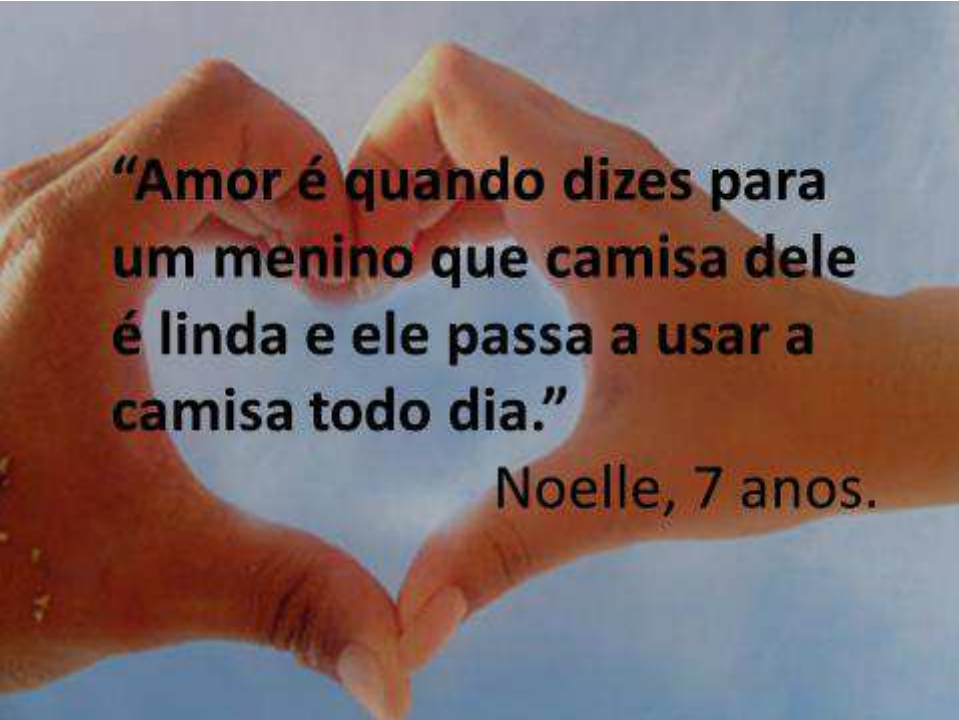
**“Amor é quando mãe vê o papai
a chegar do trabalho suado e a
cheirar mal e ela diz que está
mais bonito que o Brad Pitt.”**

Chris, 8 anos.



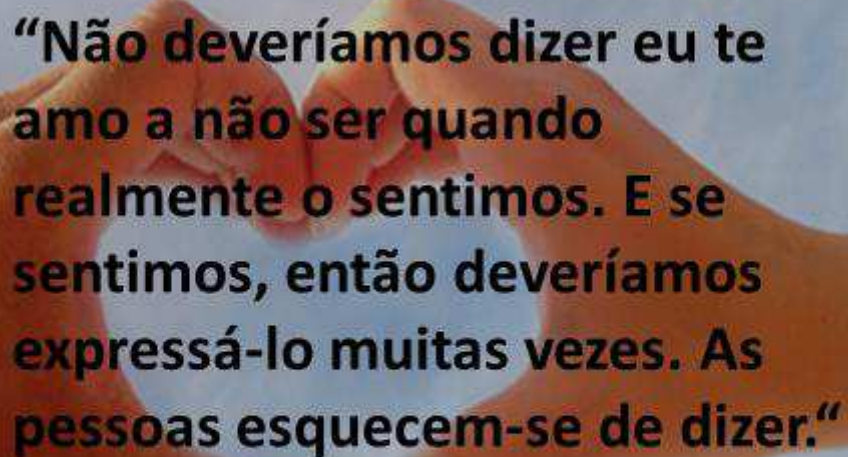
“Durante minha audição de piano vi meu pai na plateia acenando e sorrindo e ele era a única pessoa de quem eu não sentia medo.”

Cindy, 8 anos.



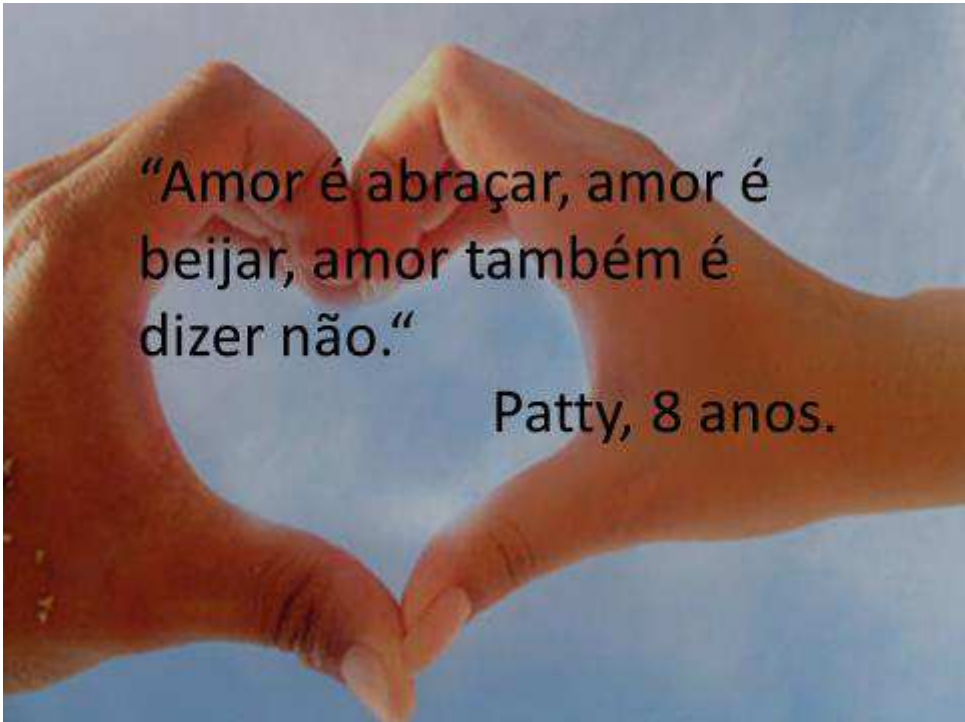
“Amor é quando dizes para um menino que camisa dele é linda e ele passa a usar a camisa todo dia.”

Noelle, 7 anos.




“Não deveríamos dizer eu te amo a não ser quando realmente o sentimos. E se sentimos, então deveríamos expressá-lo muitas vezes. As pessoas esquecem-se de dizer.”

Jessica, 8 anos.



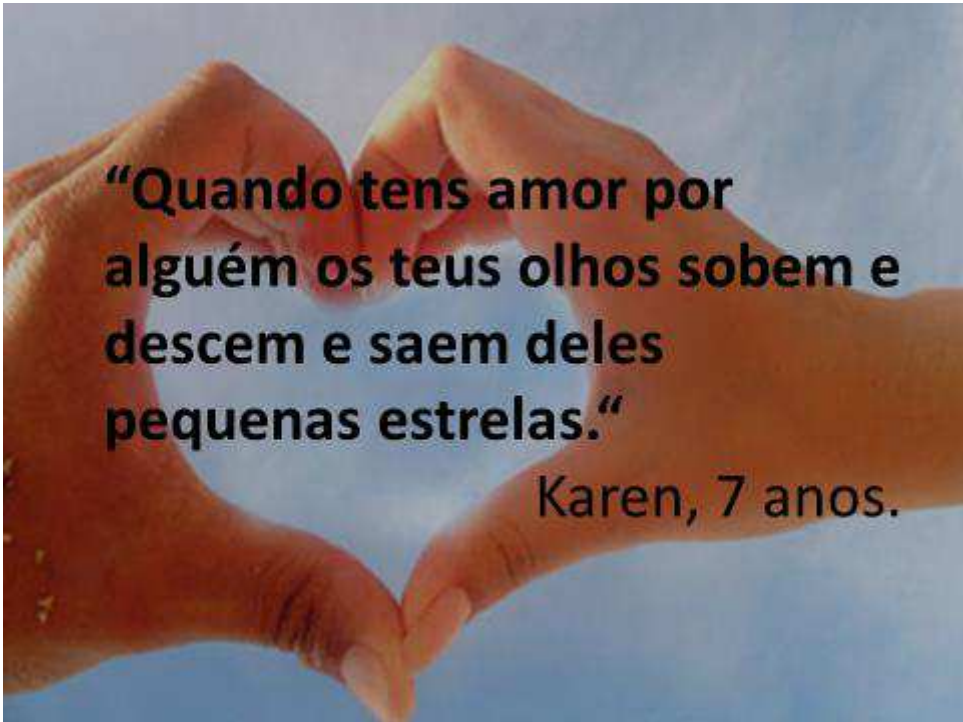
“Amor é abraçar, amor é beijar, amor também é dizer não.”

Patty, 8 anos.



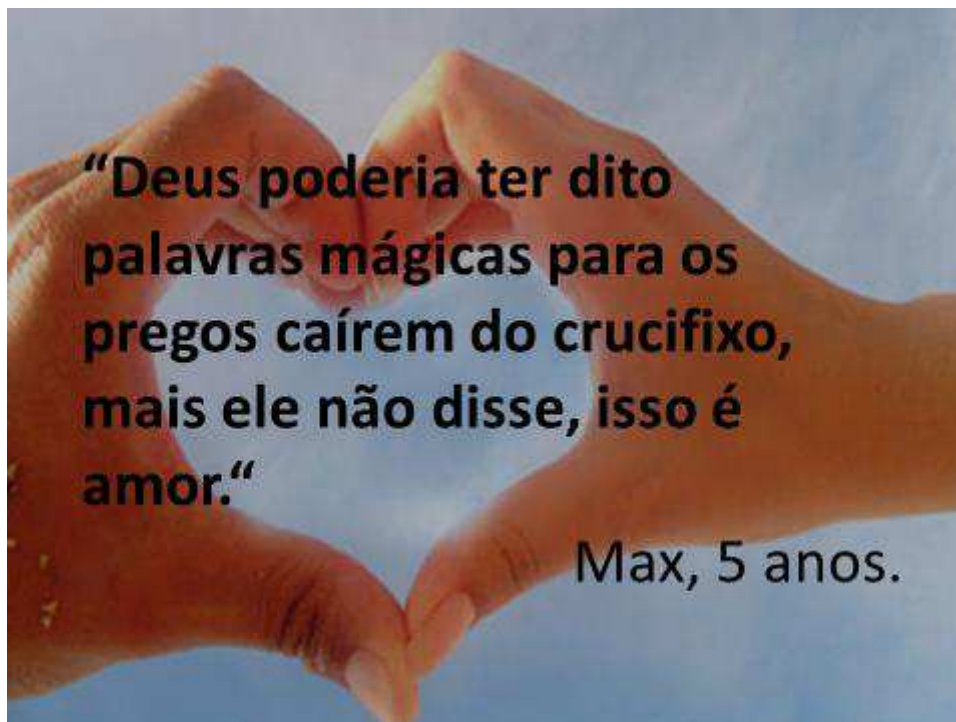
**“Amor é como o teu cão.
Depois de o teres deixado todo
o dia sozinho fechado em casa,
mesmo assim, quando chegas
ele lambe-te cara toda.”**

Mary Ann, 4 anos.



**“Quando tens amor por
alguém os teus olhos sobem e
descem e saem deles
pequenas estrelas.”**

Karen, 7 anos.



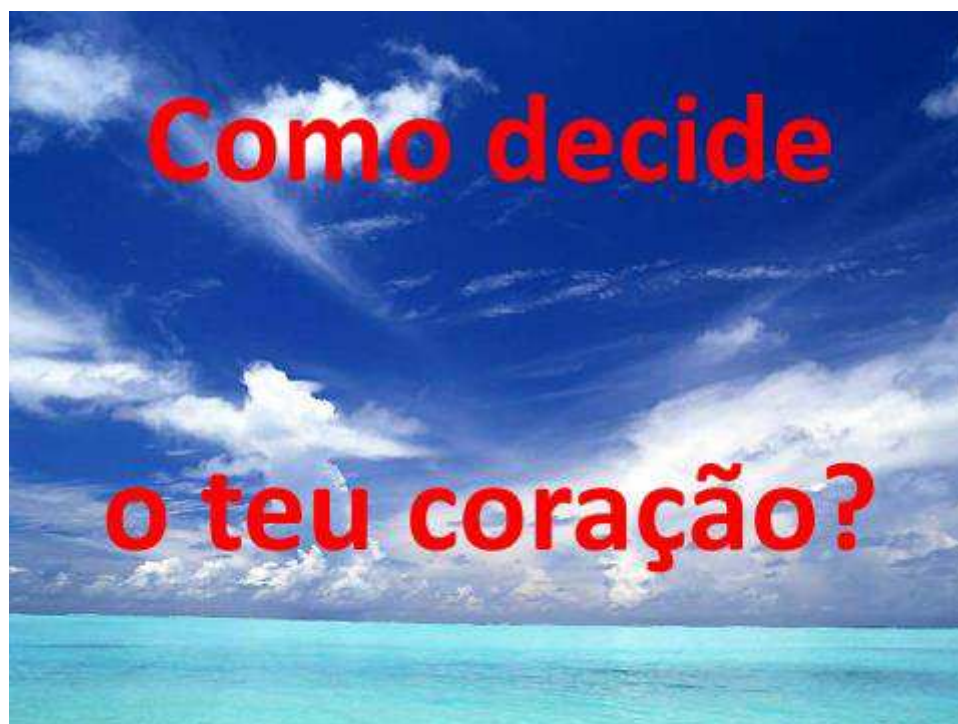
**“Deus poderia ter dito
palavras mágicas para os
pregos caírem do crucifixo,
mais ele não disse, isso é
amor.”**

Max, 5 anos.



**Muito mais do que um sentimento,
o amor é uma decisão, é um propósito pessoal
que envolve não só as emoções, mas também
a razão e a vontade.**

**A afetividade,
bem orientada
pela inteligência,
torna o ser
humano capaz
de amar e de
ajudar os outros.**



(FOLHA COM AS DEFENIÇÕES DE AMOR)

Esta foi uma pesquisa feita por profissionais da educação e da psicologia com crianças dos 4 aos 8 anos. Numa resposta à pergunta: o que é o amor?

“Amor é quando alguém te magoa, e tu, mesmo muito magoado, não gritas, porque sabes que isso fere seus sentimentos do amigo.” Mateus, 6 anos.

“Quando minha avó apanhou reumatismo ela não se pode debruçar para pintar as unhas dos pés, desde então é meu avô que pinta as suas unhas, mesmo quando está doente.” Rebecca, 8 anos.

“Amor é quando uma menina coloca perfume e o menino põe gel da barba do pai e eles saem juntos e se cheiram.” Carla, 5 anos.

“Eu sei que minha irmã mais velha me ama, porque ela me dá todas as roupas velhas que tem e sai para comprar outras.” Laura, 4 anos.

“Amor é como uma velhinha e um velhinho que ainda são muito amigos, mesmo conhecendo-se há muito tempo.” Tommy, 6 anos.

“Quando alguém te ama a forma de dizer o teu nome é diferente.” Billy, 4 anos.

“Amor, é quando tu ofereces as tuas batatinhas fritas sem esperar que a outra pessoa te ofereça as batatinhas dela.” Chrissy, 6 anos.

“Amor é quando no Natal paras de abrir os presentes e escutas os outros.” Bobby, 5 anos.

“Se queres aprender a amar melhor, debes começar por gostar do colega que tu gostas menos.” Nikka, 6 anos.

“Amor é quando falas para alguém coisas más sobre ti e pensas que vai deixar de gostar de ti e depois descobres que essa pessoa continua a gostar de ti e ainda mais.” Samantha, 7 anos.

“Há dois tipos de amor, o nosso amor e o amor de Deus, mas o amor de Deus junta os dois“ Jenny, 4 anos.

“Amor é quando mãe vê o papai a vir do trabalho suado e a cheirar mal e ele diz que está mais bonito que o Brad Pitt.” Chris, 8 anos.

“Durante minha audição de piano vi meu pai na plateia acenando e sorrindo e ele era a única pessoa de quem eu não sentia medo.” Cindy, 8 anos.

“Amor é quando dizes para um menino que camisa dele é linda e ele passa a usar a camisa todo dia.” Noelle, 7 anos.

“Não deveríamos dizer eu te amo a não ser quando realmente o sentimos. E se o sentimos, então deveríamos expressá-lo muitas vezes. As pessoas esquecem-se de dizer.” Jessica, 8 anos.

“Amor é abraçar, amor é beijar, amor também é dizer não.” Patty, 8 anos.

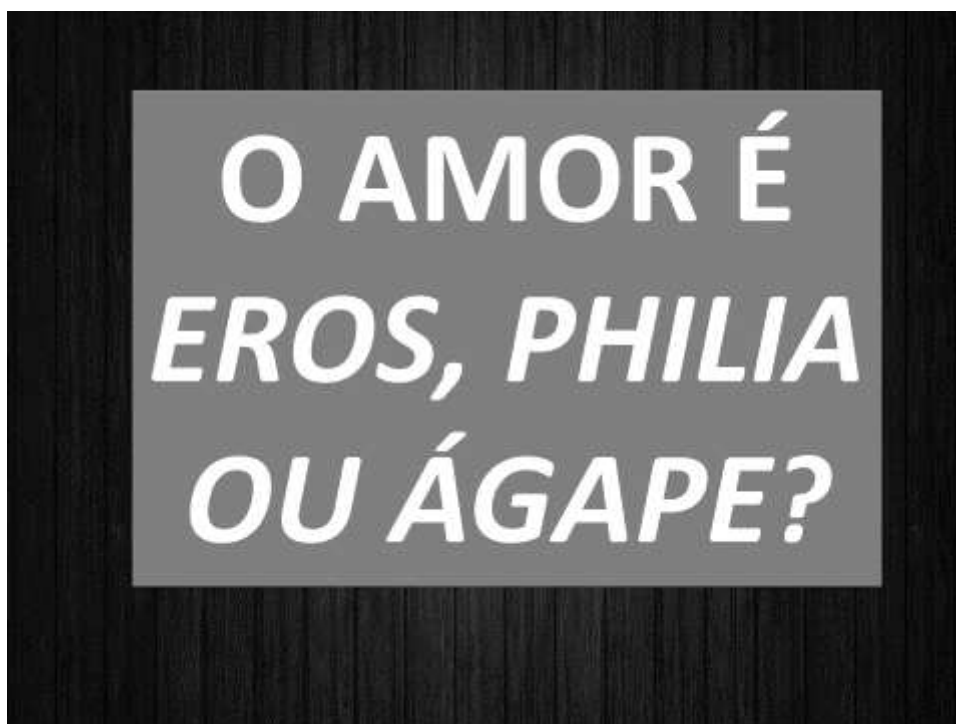
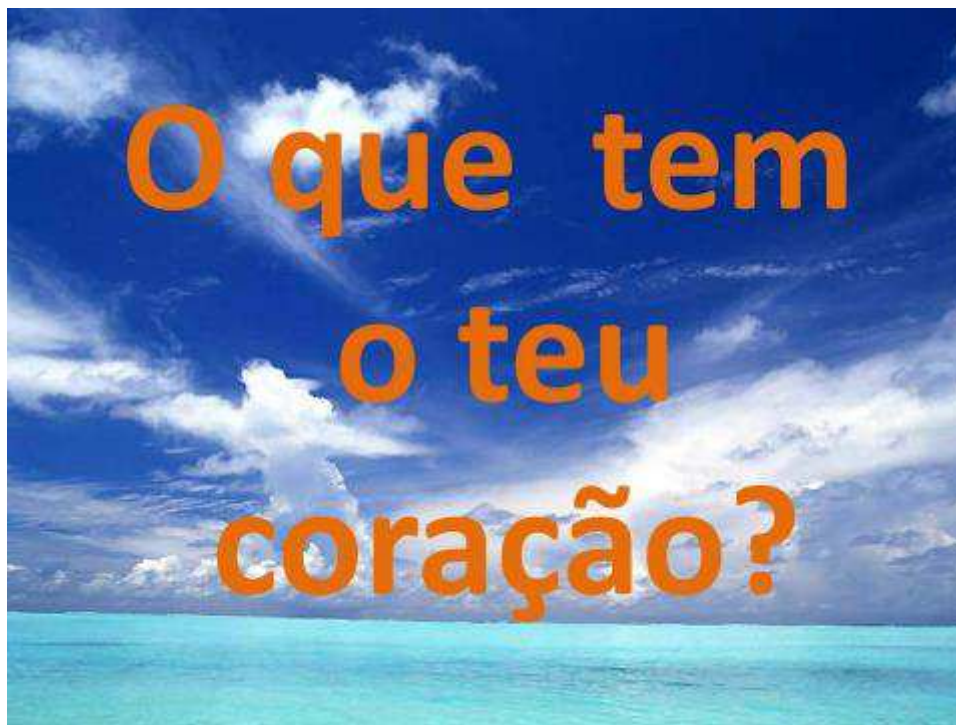
“Amor é como o teu cão. Depois de o teres deixado todo o dia sozinho fechado em casa, mesmo assim quando chegas ele lambe-te cara toda.” Mary Ann, 4 anos.

“Quando tens amor por alguém os teus olhos sobem e descem e saem deles pequenas estrelas.” Karen, 7 anos.

“Deus poderia ter dito palavras mágicas para os pregos caírem do crucifixo, mais ele não disse, isso é amor.” Max, 5 anos.

www.youtube.com/watch?v=SEAS-k1YDD0

<https://www.youtube.com/watch?v=D4Dmr37tnVk>





Amor EROS (ερως)

- amor erótico (desejo)

É simplesmente um processo de atração

- * *Físico*
- * *Biológico*
- * *Emocional*

Quantifica o desejado



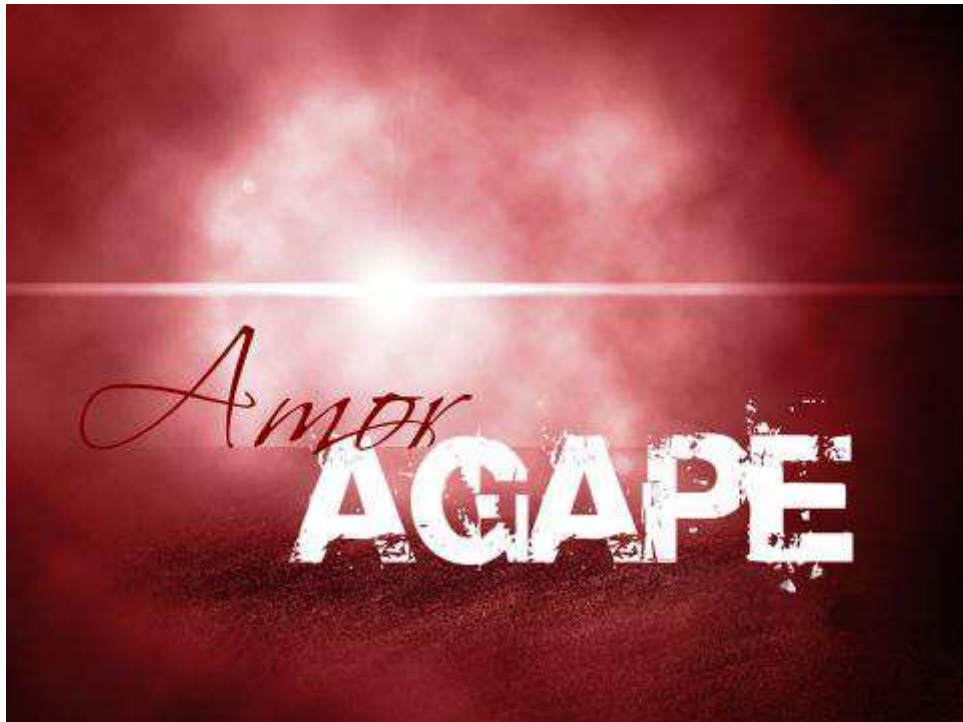
Amor PHILIA (φιλία)

- amor fraterno (cuidado com outro-reciprocidade)

Dignifica o ser humano

- * Partilha de ideais
- * Partilha de valores
- * Amor fraternal

Reconhecimento do outro



Amor **ÁGAPE** (αγαπη)

- amor incondicional oblativo / Caridade

Esta dimensão do amor requer:

- * **Sacrifício**
- * **Paciência**
- * **Tolerância**
- * **Honradez**
- * **Humildade**

O outro está para além do eu (Altruísmo, Doação, gratuidade)

O AMOR



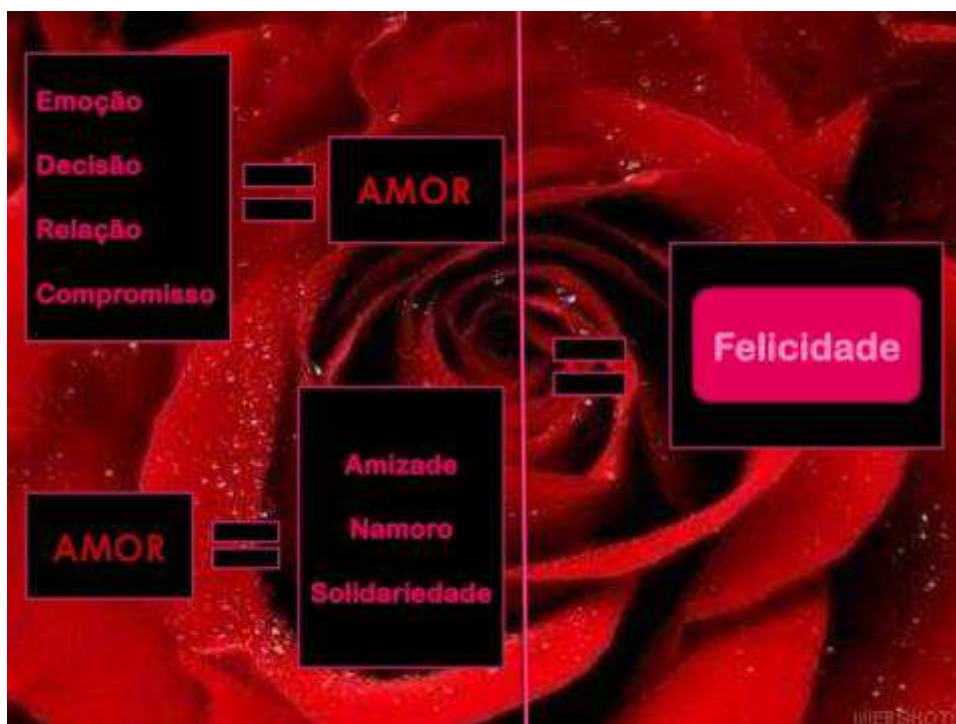
“O amor é a força mais poderosa do ser humano e distingue-nos de todos os seres vivos”

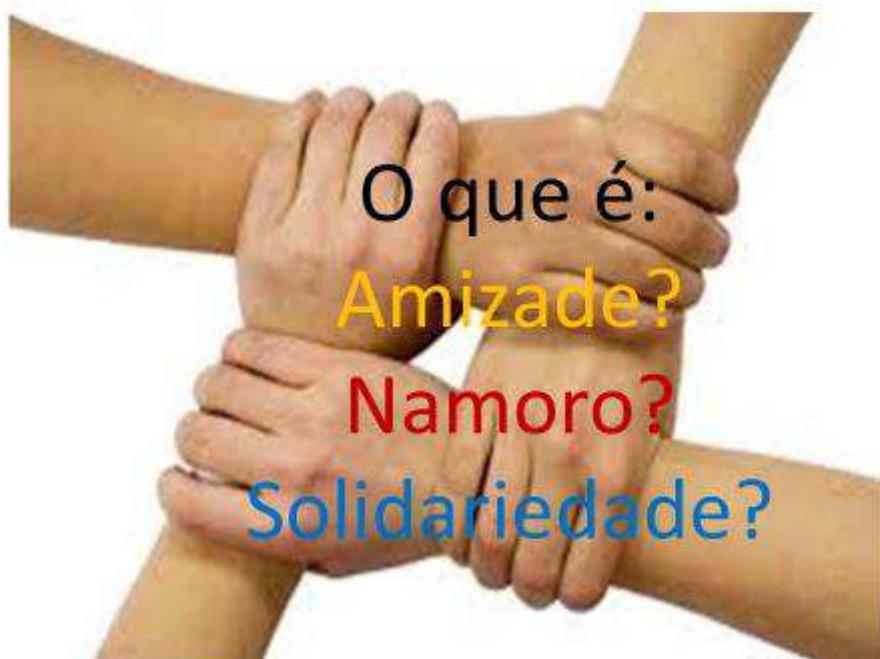
- Será o amor uma arte? Se o for, então exige conhecimento e esforço.
- Será o amor uma sensação agradável, que por acaso experimentamos, algo que “nos acontece” se tivermos sorte?

Concluindo que ele é uma arte, uma grande parte das pessoas, no mundo de hoje, fica pela segunda pergunta.

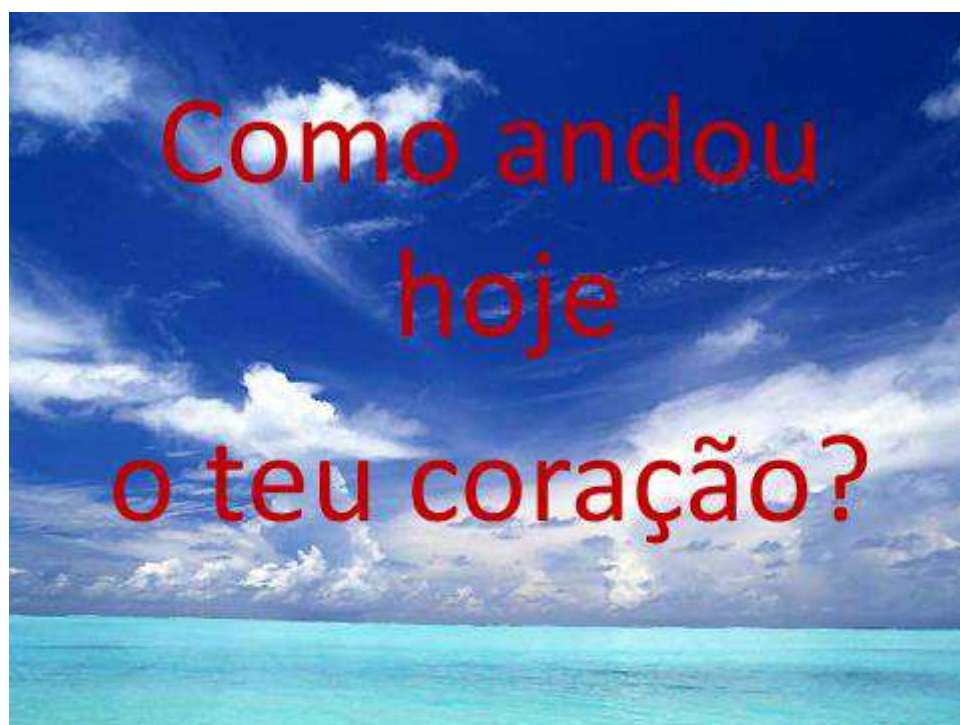
As pessoas estão sequiosas de amor; Vêm inúmeros filmes sobre histórias de amor felizes e infelizes, ouvem centenas de músicas algumas "lamechas" sobre o amor.

A maioria das pessoas encara o problema do amor como sendo uma questão de se *ser amado* e não de *amar*.





O que é:
Amizade?
Namoro?
Solidariedade?



Como andou
hoje
o teu coração?



SEXUALIDADE



SEXUALIDADE



A **sexualidade afeta** todos os aspetos da pessoa humana, na unidade do seu **corpo e da sua alma**. Diz respeito particularmente à **afetividade**, à capacidade de **amar e de procriar** e à aptidão de **criar laços de comunhão com outrem**.

Catecismo da Igreja Católica, 2332

Dimensões da pessoa:

Física



Afetiva



Espiritual



DINAMISMO BIOLÓGICA DA SEXUALIDADE



DINAMISMO PSICOLÓGICA DA SEXUALIDADE

Inclui as **emoções**, os **pensamentos** e a **personalidade**. Do **nascimento para a frente** recebemos **sinais** de todos os que nos rodeiam dizendo-nos como **pensar ou agir**. O que os **pais, professores e amigos** nos **dizem** e **mostram** sobre o significado e objetivos da sexualidade, **condicionam** muito as nossas **atitudes sexuais iniciais**, que muitas vezes se mantêm até à **idade adulta**.



DINAMISMO ESPIRITUAL DA SEXUALIDADE

Precisamos entender que a **sexualidade é dom de Deus**.
Através dela, podemos nos **doar plenamente a outro** ser e
fazemos a experiência do amor encarnado em nossa vida.
Sexualidade não quer dizer apenas vida sexual ativa.

A vivência de nossa **sexualidade implica em amar o outro**
com o nosso ser mulher ou com o nosso ser homem,
implica **doação e um amor concreto**, manifestado nas
pequenas coisas de nosso dia a dia.



**Para onde vai
o teu coração?**



A sexualidade: a abertura à vida

O ser humano nasce **sexuado**: é um ser masculino ou feminino predisposto a estabelecer relação com um outro ser que se lhe apresenta como complementar. Esta força **biológica, psicológica e espiritual** tem o alcance de uma entrega e generosidade que torna o ser humano um «ser com».

A **sexualidade** é uma componente fundamental da personalidade, é um modo de ser, de sentir e de comunicar com os outros; é a nossa maneira de sermos homens ou mulheres. A sexualidade permite-nos estabelecer laços, dar e receber afetos; manifesta-se em todas as relações: **na camaradagem, na amizade, no namoro, no matrimónio, no celibato**. As relações interpessoais não são necessariamente sexuais, mas são, inevitavelmente, **sexuadas**.

Sexualidade e genitalidade não são sinónimos; a **genitalidade** é apenas um dos muitos aspetos da sexualidade: a sua **dimensão física**. **A sexualidade é espaço aberto para o amor e nele encontra o seu sentido**.

A **relação sexual é corpórea**. Se entendermos o corpo como um objeto que se possui, então a dimensão sexual do ser humano é apenas a obtenção de prazer. Mas a relação de dois corpos, assim vivida, não constitui um encontro e não origina uma experiência criativa, em função da realização do ser humano. Quando reduzimos o ser amado a um ser de respostas previamente definidas, não há um encontro de pessoas livres orientadas para a interação e para a fecundação, para a abertura ao dom maravilhoso da vida.

Este aspeto da relação sexual (a sua abertura à vida) é essencial para a sobrevivência da humanidade. Sem fecundidade, acontecia a extinção da espécie humana.



Problemáticas na vivência da sexualidade

Como dimensão que abrange a totalidade da pessoa, **a sexualidade não se reduz à genitalidade** nem pode **pôr em causa a dignidade humana**. Sempre que o **ser humano é instrumentalizado** e tratado como se fosse um **objeto**, estamos perante situações verdadeiramente inaceitáveis.

O **assédio sexual** não é uma brincadeira inconsequente, nem uma tentativa de aproximação romântica; é uma forma de agressão, através de olhares incómodos, toques despropositados, piropos inconvenientes, bilhetinhos cheios de segundas intenções... que atenta contra a dignidade da pessoa.

A **pedofilia** (*Pedo* = criança + *philos* = amor) é a atração erótica de adultos por crianças ou adolescentes. Trata-se de uma perversão que conduz tendencialmente à violação causando sofrimentos e traumas profundos. A Organização Mundial de Saúde classifica a pedofilia como uma desordem da mente e da personalidade do adulto.

A **violação** é a realização de relações sexuais sem consentimento mútuo, impostas por meio de violência.

A **prostituição** é a compra e a venda do corpo. Para a pessoa que faz da prostituição o seu modo de vida trata-se de obter dinheiro ou favorecimentos de vária ordem. Para a pessoa que procura a prostituição, trata-se de obter prazer sexual sem o compromisso de uma relação séria.

A **pornografia** (*Porné* = prostituta + *162rafe* = escrita) é a exposição do corpo e de práticas sexuais com o objetivo de suscitar prazer ao observador ou leitor. É uma actividade comercial tanto para os modelos como para os empresários. A exploração do corpo na **publicidade** consiste no uso abusivo da beleza do corpo humano direcionado à venda de produtos. Qualquer destas situações é eticamente reprovável porque consistem num profundo desrespeito pela pessoa humana, e num uso instrumental do próprio corpo ou do corpo de outrem.

A **homossexualidade** (*homos* = igual + *sexus* = sexo) é a atração erótica entre pessoas do mesmo sexo. Em 1993 a Organização Mundial de Saúde retirou-a do elenco de doenças mentais. Alguns psicólogos acham que se trata de uma variante da normalidade. A Igreja Católica considera que "os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados". São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados.

A **transexualidade** é um transtorno de identidade de género; refere-se aos homens que se sentem «mulheres presas num corpo masculino» e às mulheres que se sentem «homens presos num corpo feminino». Os transexuais desejam viver e ser aceites como se fossem do sexo oposto.

A **relação sexual precoce** é a atividade sexual prematura. Muitos adolescentes, na ânsia de experimentar tudo e gozar o mais possível, têm relações sexuais sem estarem minimamente preparados para tal. Expõem-se, assim, a desgostos de vária ordem como a doenças sexualmente transmissíveis e a gravidezes indesejadas.

A **gravidez na adolescência**, especialmente até aos 16 anos de idade, apresenta riscos físicos, psíquicos e sociais, por vezes muito graves.

9. Relativamente ao tema da sexualidade assinala as respostas correctas.

A sexualidade é:

- a) uma dimensão exclusivamente humana.
- b) um dinamismo biológico, psicológico e espiritual.
- c) uma componente fundamental da personalidade.
- d) equivalente a genitalidade.
- e) uma energia que motiva a procura do amor.
- f) uma força que afeta todas as dimensões da pessoa humana.
- g) uma realidade triste e degradante.

2. Quanto às «Problemáticas na vivência da sexualidade» faz corresponder as definições da coluna A aos conceitos da coluna B.

A

1. Atração erótica entre pessoas do mesmo sexo.
2. Realização de relações sexuais impostas por meio de violência.
3. Relação sexual entre familiares próximos.
4. Atração erótica de adultos por crianças.
5. Compra e venda do corpo.
6. Relação sexual contra a vontade do outro.
7. Representação de elementos de práticas sexuais explícitas em textos, fotografias, filmes...
8. Atividade sexual que ocorre antes dos intervenientes terem suficiente maturidade.
9. Desejo de adquirir as características do sexo oposto.

B

- a) Pedofilia
- b) Violação
- c) Incesto
- d) Prostituição
- e) Pornografia

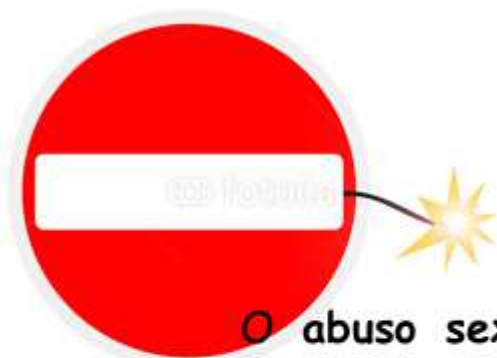


A pedofilia (Pedo = criança + philos = amor) é a atração erótica de adultos por crianças ou adolescentes. Trata-se de uma perversão que conduz tendencialmente à violação causando sofrimentos e traumas profundos. A Organização Mundial de Saúde classifica a pedofilia como uma desordem da mente e da personalidade do adulto.



A violação é a realização de relações sexuais sem consentimento mútuo, impostas por meio de violência.

A prostituição é a compra e a venda do corpo. Para a pessoa que faz da prostituição o seu modo de vida trata-se de obter dinheiro ou favorecimentos de várias ordens. Para a pessoa que procura a prostituição, trata-se de obter prazer sexual sem o compromisso de uma relação séria.



O **abuso sexual** sempre que um dos elementos não está consciente do ato que é praticado (efeito de elementos externos à pessoa) ou quando uma das pessoas não consente o ato. É uma forma de agressão, que atenta contra a dignidade da pessoa.

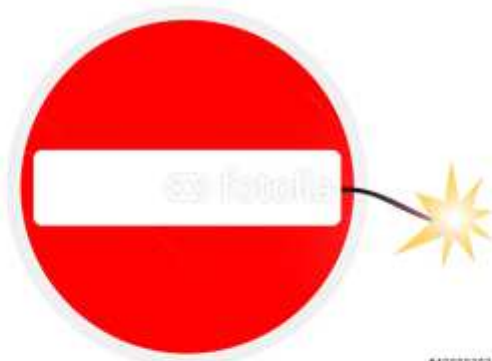


#40888912

O **assédio sexual** não é uma brincadeira inconsequente, nem uma tentativa de aproximação romântica; é uma forma de agressão, através de olhares incómodos, toques despropositados, piropos inconvenientes, bilhetinhos cheios de segundas intenções... que atenta contra a dignidade da pessoa.



A **pornografia** (*Porné* = prostituta + *grafé* = escrita) é a exposição do corpo e de práticas sexuais com o objetivo de suscitar prazer ao observador ou leitor. É uma actividade comercial tanto para os modelos como para os empresários. A exploração do corpo na **publicidade** consiste no uso abusivo da beleza do corpo humano direcionado à venda de produtos. Qualquer destas situações é eticamente reprovável porque consistem num profundo desrespeito pela pessoa humana, e num uso instrumental do próprio corpo ou do corpo de outrem.



#4088362

A homossexualidade (homos = igual + sexus = sexo) é a atração erótica entre pessoas do mesmo sexo. Em 1993 a Organização Mundial de Saúde retirou-a do elenco de doenças mentais. Alguns psicólogos acham que se trata de uma variante da normalidade. A Igreja Católica considera que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados.

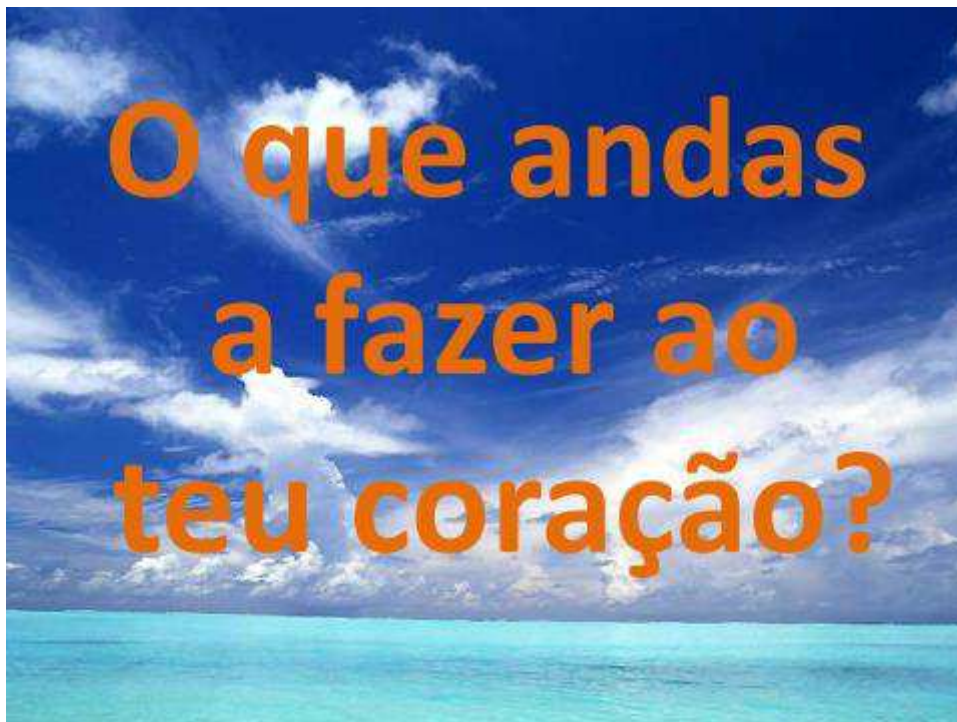


#4088362

A transexualidade é um transtorno de identidade de género; refere-se aos homens que se sentem «mulheres presas num corpo masculino» e às mulheres que se sentem «homens presos num corpo feminino». Os transexuais desejam viver e ser aceites como se fossem do sexo oposto.



A relação sexual precoce #4088342 é a atividade sexual prematura. Muitos adolescentes, na ânsia de experimentar tudo e gozar o mais possível, têm relações sexuais sem estarem minimamente preparados para tal. Expõem-se, assim, a desgostos de várias ordens como a doenças sexualmente transmissíveis e a gravidezes indesejadas.





Sexualidade humana

A sexualidade é a "linguagem" do amor
e
só tem sentido associado ao amor

Força Dinâmica (Biológica e Psicológica)

- Maturidade e construção do eu.
- Abertura à pessoa e ao mundo tu.
- Relação interpessoal que leva a um projeto de vida.
- Alarga-se ao nós (relações interpessoais de aceitação e doação).

A sexualidade é espaço aberto para o **amor** e nele encontra o seu sentido.

A genitalidade é apenas um dos muitos aspectos da sexualidade: a sua **dimensão física**.

As relações interpessoais não são necessariamente **sexuais** mas são obrigatoriamente **sexuadas**.

O sexo e género (qual a diferença?)



Sexualidade diz respeito à pessoa integral

- **Pensamos, agimos, sentimos, comunicamos e amamos como homens ou como mulheres.**
- **O amor vivido na relação sexual entre um homem e uma mulher é muito mais do que mero encontro fisiológico; faz parte de uma história pessoal com um passado, um presente e um futuro, em que as opções tomadas influenciam a sua realização e felicidade.**
- **Sendo algo de enorme responsabilidade, é igualmente fonte de bem estar e de complementaridade na beleza da entrega total.**

A fecundidade humana

**é fruto do amor, é garante da
sobrevivência da humanidade**

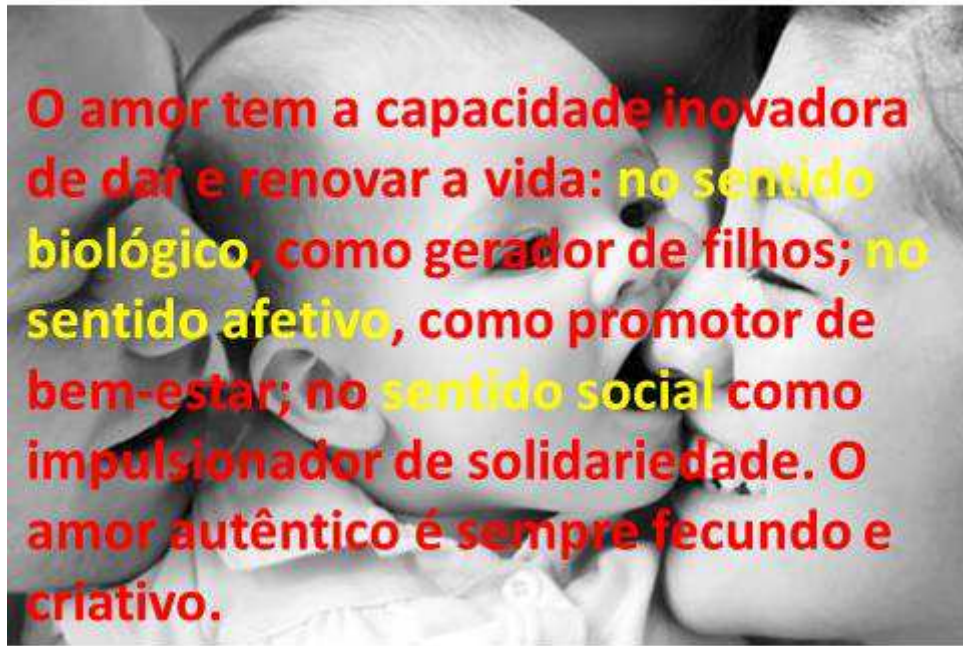
**e promove
a realização
pessoal.**



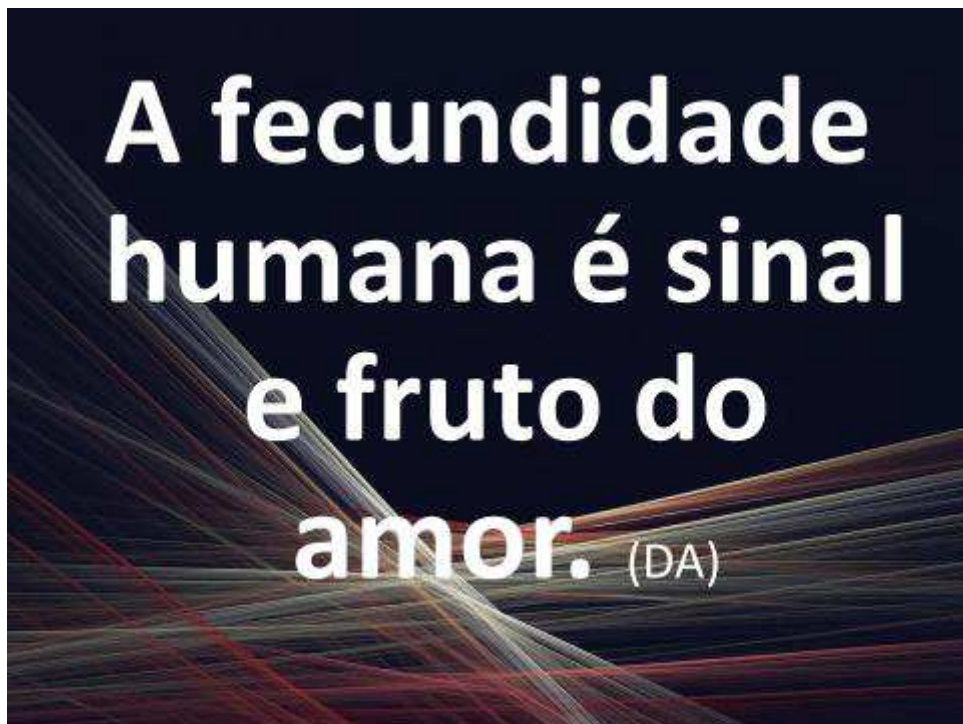
**A fecundidade humana não se esgota na capacidade
de gerar uma vida
ela implica o cultivo da vida.**



**Cuidar, educar, apoiar, servir, escutar, compreender...
sonhos e projetos
em comum alimentam
a vida fecunda e plena do casal.**



O amor tem a capacidade inovadora de dar e renovar a vida: no sentido biológico, como gerador de filhos; no sentido afetivo, como promotor de bem-estar; no sentido social como impulsionador de solidariedade. O amor autêntico é sempre fecundo e criativo.



A fecundidade humana é sinal e fruto do amor. (DA)



O matrimónio e a família no passado 1800+

Matrimónio e Família



- Família patriarcal.
- Autoridade piramidal (o pai no topo, a seguir a mãe, os avós, os tios... na base os filhos).
- Muito dependente da tradição e dos valores morais.
- Extremamente religiosa.
- Baseia muitos comportamentos pelo exterior (o que os outros podem dizer...)
- Mãe: figura do lar, educadora dos filhos, mestra da fé e dos valores. Cuida do marido, trata da casa, da cozinha e da roupa.
- Participam nas acções eclesiais sem as pôr em causa.
- O padre, o bispo e o Papa são Jesus; o que eles dizem é sagrado.
- ...

O matrimônio e a família no passado próximo 1900+



Matrimônio e Família

- * Família liderada pelo pai e pela mãe.
 - * Autoridade partilhada pelo pai e a mãe, mas de uma forma ainda piramidal (estão no topo, a seguir os avós, os tios... na base os filhos).
 - * Menos dependente da tradição e dos valores morais que as famílias tradicionais, mas ainda preservam alguns pilares do passado.
- Relativamente religiosa e mais aberta às propostas da sociedade.
 - Baseia os comportamentos pelo que quer e não tanto pelo que os outros possam dizer.
 - Mãe: continua a cuidar do marido, trata da casa, da cozinha e da roupa, mas acumula isto ao desejo de emancipação do lar.
 - Participam nas ações eclesiais, pondo em causa o que não condiz com a "tradição".
 - O padre, o bispo e o Papa são servidores da Igreja; o que eles dizem nem sempre é sagrado.
 - ...

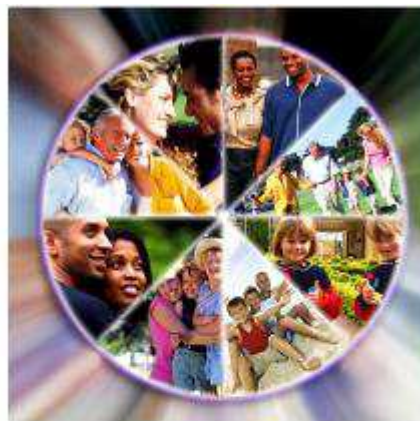
O matrimônio e a família no presente 2000+



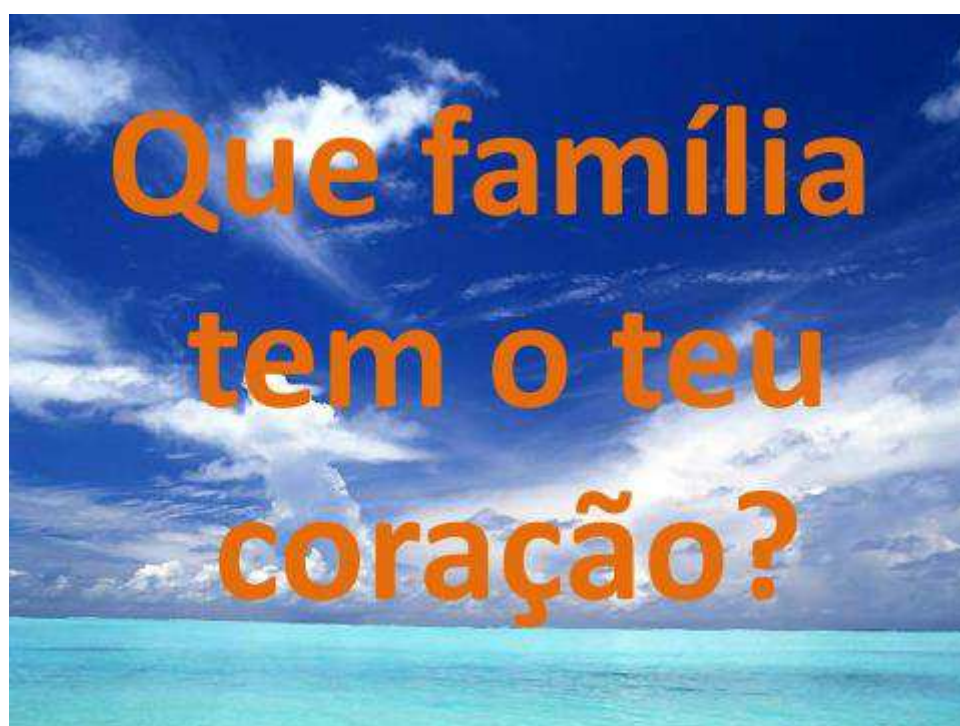
Matrimônio e Família

- * Família liderada pelos filhos.
 - * Autoridade horizontal: pais e filhos (o que dizem os avós quase não conta).
 - * Relativiza a tradição e os valores morais dos pais e dos avós.
 - * Pouco religiosa e muito dependente das propostas da sociedade.
 - * Baseia os comportamentos pelo que apetece fazer.
- Mãe: dá prioridade ao seu trabalho e profissão, propondo uma partilha de tarefas com o marido e os filhos no cuidado da casa, das refeições e da roupa.
 - Quase não participam nas ações eclesiais, embora não se oponham a que os filhos andem na catequese até à 1ª comunhão.
 - O padre, o bispo e o Papa são homens como os outros.
 - ...

A família esta aberta,
de forma natural aos outros
e às suas dificuldades
promovendo o bem comum.



A **adoção** demonstra
que a **família** não se
fecha dentro das
“quatro paredes”.
Querer o bem do outro
ultrapassa o biológico.

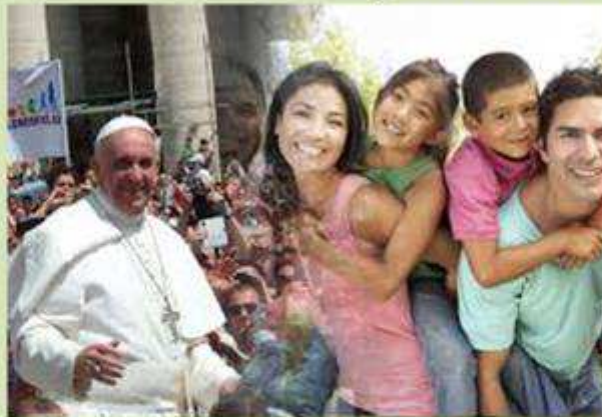




Alguns documentos da Igreja sobre a família.

- Gaudium et spes (Const. Dog.)- CVII - 1961
- Humanae vitae (Enc.) Paulo VI-1968
- Familiaris consortio (EX.Ap) João Paulo II-1981
- Amoris laetitia (EX.Ap) Papa Francisco- 2016

Amoris laetitia – A alegria do amor.



“Nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada dumavez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar (AL 325)”.



«Avancemos, **famílias**; continuemos a caminhar!... Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também **não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida.**» (AL, 325)



Cântico do amor

* Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos,
se não tiver amor, sou como um bronze que soa
ou um címbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda
a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas,
se não tiver amor, nada sou.

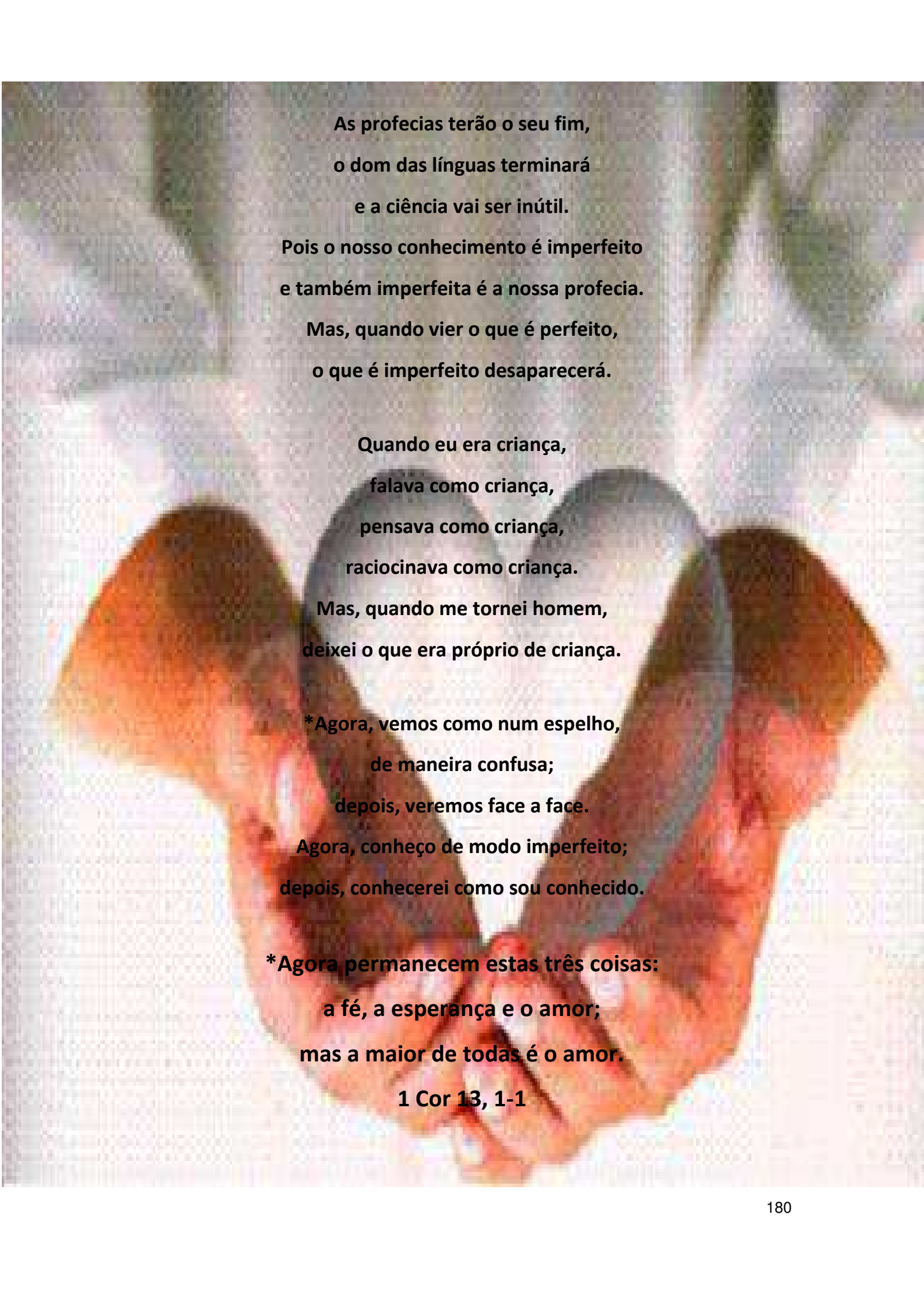
Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para
ser queimado,
se não tiver amor, de nada me aproveita.

**O amor é paciente,
o amor é prestável,
não é invejoso,
não é arrogante nem orgulhoso,
nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse,
não se irrita nem guarda ressentimento.**

**Não se alegra com a injustiça,
mas rejubila com a verdade.**

**Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.**

O amor jamais passará.



As profecias terão o seu fim,
o dom das línguas terminará
e a ciência vai ser inútil.

Pois o nosso conhecimento é imperfeito
e também imperfeita é a nossa profecia.

Mas, quando vier o que é perfeito,
o que é imperfeito desaparecerá.

Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.

Mas, quando me tornei homem,
deixei o que era próprio de criança.

*Agora, vemos como num espelho,
de maneira confusa;
depois, veremos face a face.

Agora, conheço de modo imperfeito;
depois, conhecerei como sou conhecido.

*Agora permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor;
mas a maior de todas é o amor.

1 Cor 13, 1-1



Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro

Ano letivo 2016/2017 / EMRC

FICHA DE AVALIAÇÃO – O AMOR

Nome: _____ N: ____ Ano: ____ Turma: ____

Ao longo desta unidade letiva fomos descobrindo a importância que o amor tem para o ser humano. Tendo em conta as aprendizagens adquiridas vamos fazer uma breve avaliação que te permita rever os conteúdos e refletir sobre algumas afirmações que serviram de pilares orientadores ao longo dos 5 encontros que tivemos.

Lê, com muita atenção, as questões que se seguem e responde com verdadeiro (V) ou falso (F):

Grupo I

1. O amor é uma característica de todos os seres vivos. ____
2. O amor é uma decisão; é uma deliberação pessoal que envolve não só as emoções, mas também a razão e a vontade. ____
3. Não devemos expressar o amor aos outros, pois este é um sentimento individual que não devemos partilhar com ninguém. ____
4. O amor tem três dimensões fundamentais: *eros*, *philia* e *ágape*. ____
5. A dimensão mais importante do amor é o *eros*, pois desperta o desejo físico. ____
6. A amizade, o namoro e a solidariedade são manifestações da ação do amor. ____
7. A sexualidade diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e à aptidão de criar laços de comunhão com outrem. ____

8. A genitalidade é apenas um dos muitos aspetos da sexualidade: a sua dimensão física. ____
9. Sempre que o ser humano é tratado como se fosse um objeto de desejo e prazer fica instrumentalizado criando situações inaceitáveis de sexo sem amor. ____
10. A sexualidade é a relação sexual entre os seres vivos. ____
11. A fecundidade é fruto do amor, além de ser um bem social por garantir a sobrevivência da humanidade, promove também a realização pessoal. ____
12. A família é um local privilegiado onde germina e se desenvolve a vida. ____
13. A igreja não se preocupa com a família, pois este tema não é importante para ela. ____
14. Na vida o amor é um instinto animal, por isso, eu é escolho o que quero e ninguém tem nada a ver com aquilo que faço. ____

Grupo 2

Escreve a definição de amor que foi realizada por ti na primeira aula da unidade letiva “O amor”.

(Duração 15 minutos)

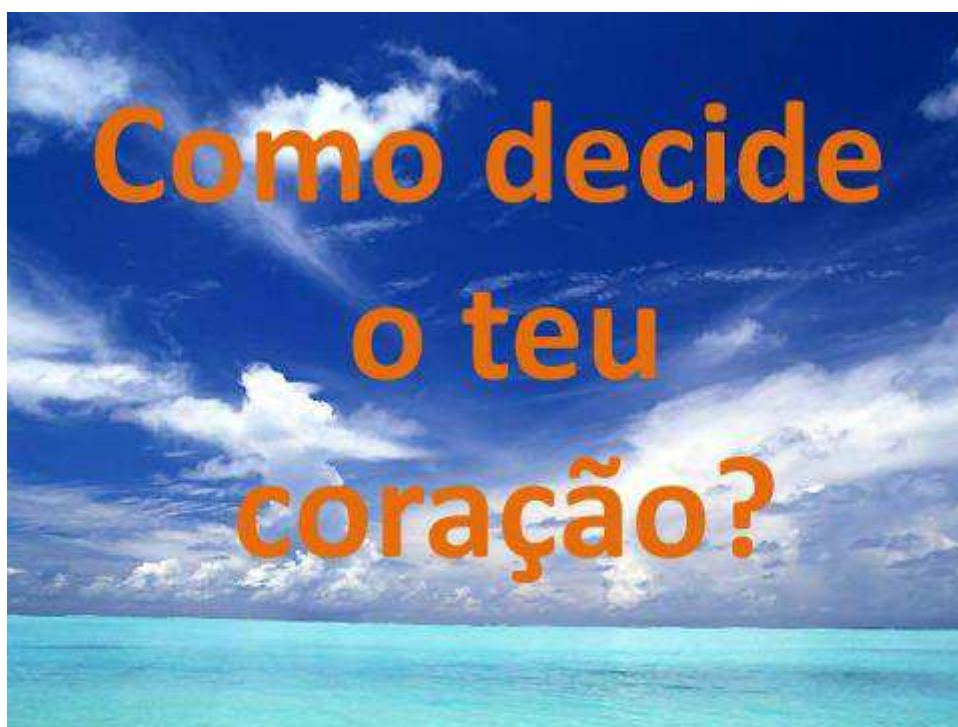
Escola Sede: Escola Secundária de Tondela | Rua Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho | 3640 – 521
Tondela | Contribuinte 600 085 910

Contactos: 232 814 140 | Tel: 232 814 149 | Email: estondela@mail.telepac.pt 182

**A afetividade,
bem orientada
pela inteligência,
torna o ser
humano capaz
de amar e de
ajudar os outros.**



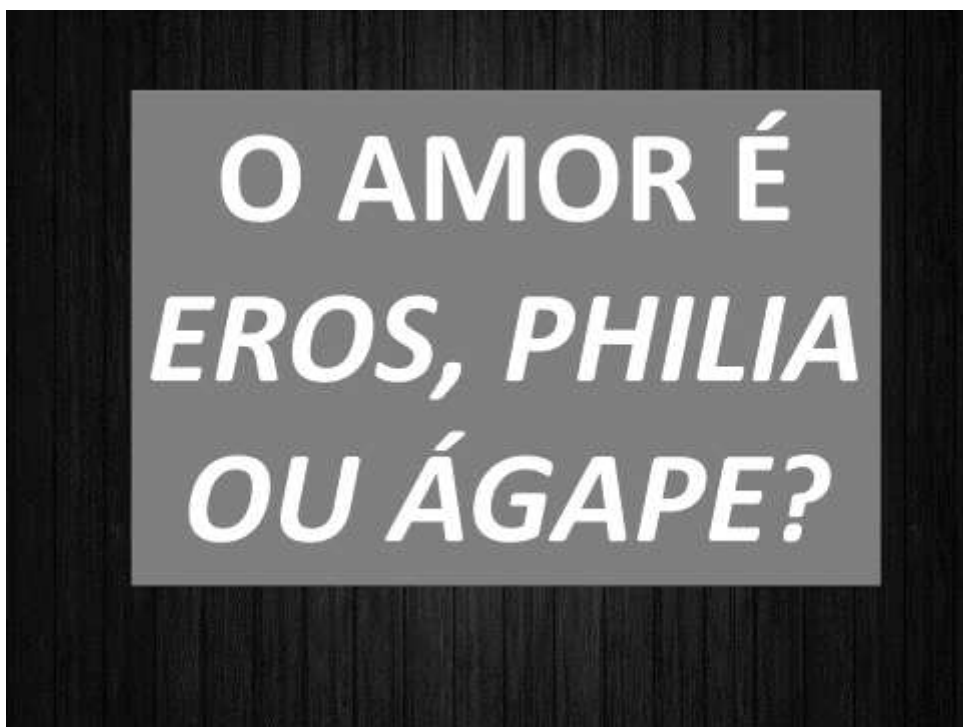
**Como decide
o teu
coração?**



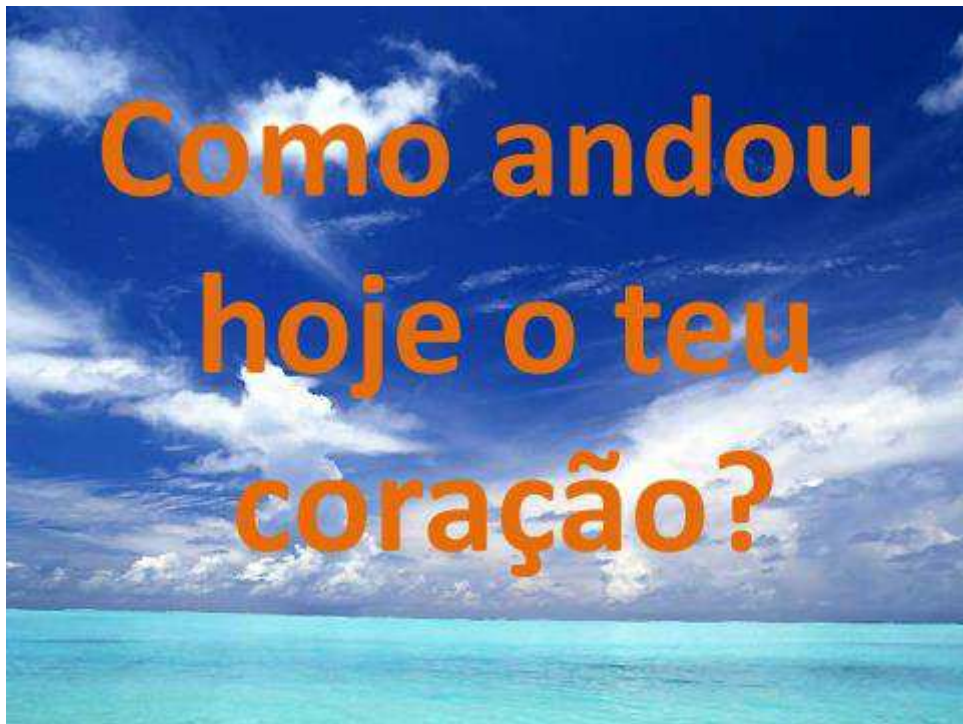
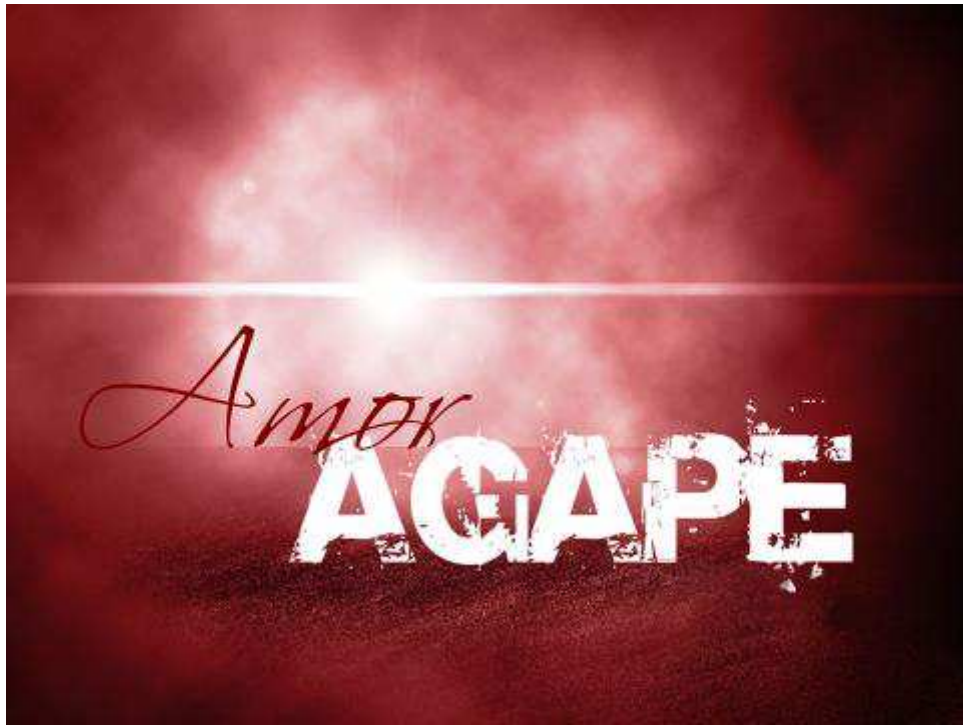


**Muito mais do que um sentimento,
o amor é uma decisão, é um propósito pessoal
que envolve não só as emoções, mas também
a razão e a vontade.**

**Não é fácil
definir o amor.
É mais fácil
expressar
o que é amar.**









**Amizade o Namoro
e a Solidariedade
são manifestações
do amor em ação.**



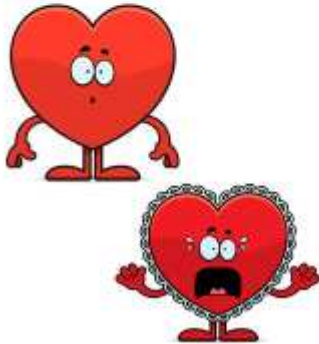
SEXUALIDADE

A sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito, à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e à aptidão de criar laços de comunhão com outrem.

Catecismo da Igreja Católica, 2332

O que andas
a fazer ao
teu coração?

A pedofilia, a violação,
a prostituição,
o abuso sexual,
o assédio sexual,
a pornografia, ...
refletem falta de respeito,
do cuidar do outro.



**Sempre que o ser humano é
tratado como se fosse um
objeto fica
instrumentalizado,
estamos perante situações
inaceitáveis,
de ausência de AMOR.**

**A sexualidade é uma das componentes da
personalidade e possui três dinamismos
distintos:**

Dinamismo Biológico

Controla o nosso desenvolvimento sexual.



Dinamismo Psicológico

**Emoções, pensamentos
e a personalidade, corporizam
o pensar e de agir.**

Dinamismo Espiritual

**A linguagem do amor só tem
sentido como dom de Deus ao outro.**



**O que deixas
crescer no
teu coração?**

A fecundidade humana

**é fruto do amor, é garante da
sobrevivência da humanidade**

**e promove
a realização
pessoal.**



**A fecundidade humana não se esgota na capacidade
de gerar uma vida
ela implica o cultivo da vida.**



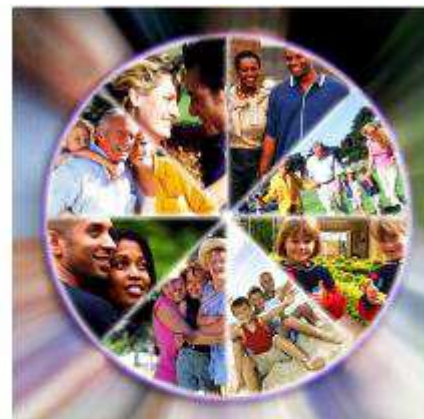
**Cuidar, educar, apoiar, servir, escutar, compreender...
sonhos e projetos
em comum alimentam
a vida fecunda e plena do casal.**



Família local privilegiado onde germina a vida

(A família nas últimas décadas)

A família esta aberta,
de forma natural aos outros
e às suas dificuldades
promovendo o bem comum.



MAE

A **adoção** demonstra
que a **família** não se
fecha dentro das
“quatro paredes”.
Querer o bem do outro
ultrapassa o biológico.

O que
recorda o
teu coração?

Amoris laetitia – A alegria do amor.



“Nenhuma **família** é uma realidade perfeita e confeccionada duma vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento da sua **capacidade de amar** (AL 325)”.



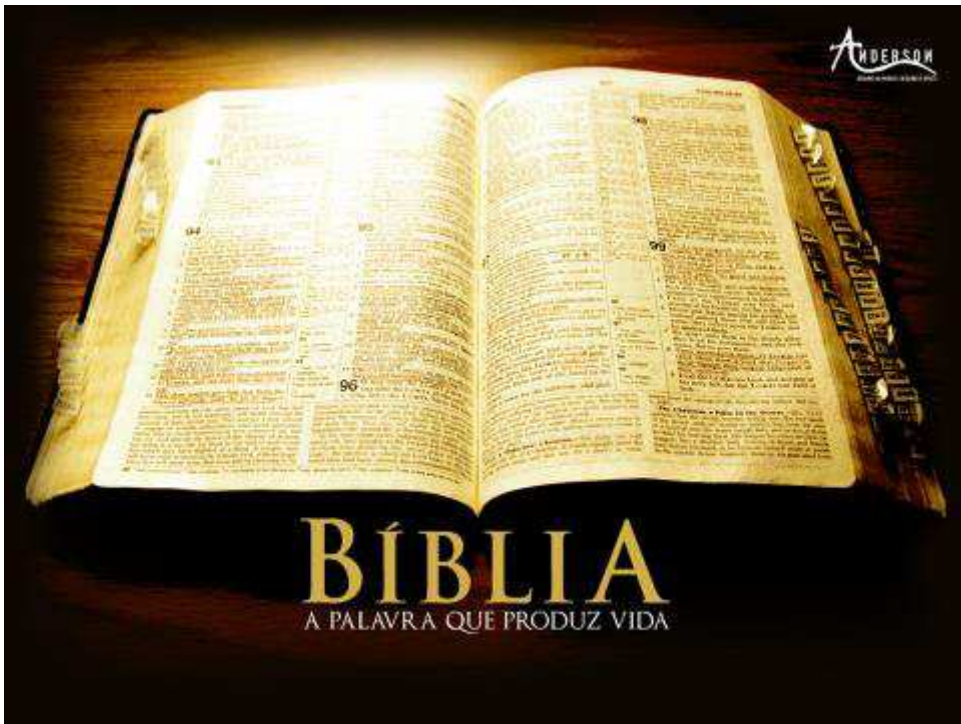
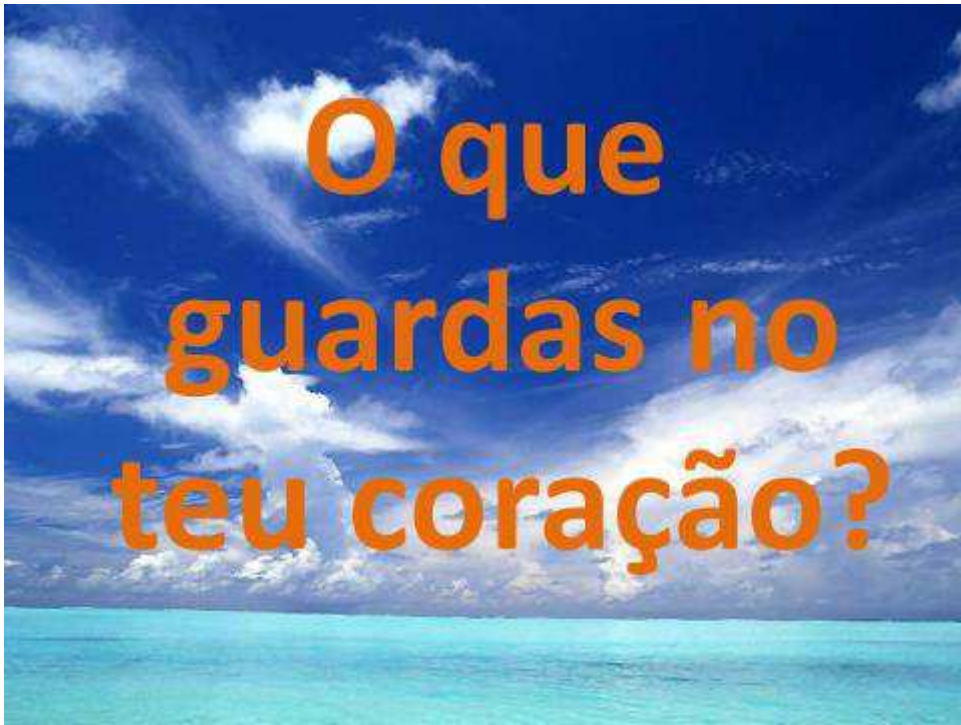
«Avancemos, famílias; continuemos a caminhar!... Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida.» (AL, 325)



Maternidade e paternidade responsável.



**O amor dá e renova a vida com
fécundidade e criatividade
desenvolvem-se na família com
paternidade e maternidade
responsável.**








Responsabilidade

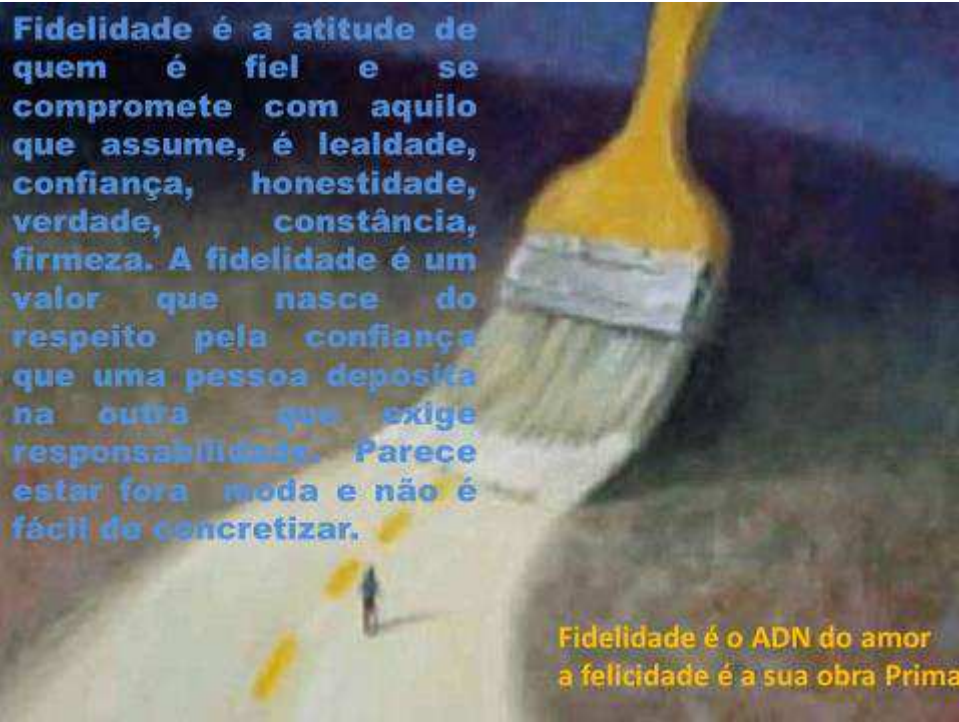
Capacidade de dar resposta às situações; responder por si e pelos seus atos, é assumir os deveres e as obrigações correspondentes.

A responsabilidade torna-nos cuidadosos para connosco e para com os outros. Exige crescimento e maturidade por isso é gradual.

RESPEITO



Significa “olhar outra vez”, apreço, consideração, obediência; respeitar não significa concordar em tudo, mas significa não ofender. Quanto mais respeitarmos o outro mais seremos respeitados.



Fidelidade é a atitude de quem é fiel e se compromete com aquilo que assume, é lealdade, confiança, honestidade, verdade, constância, firmeza. A fidelidade é um valor que nasce do respeito pela confiança que uma pessoa deposita na outra que exige responsabilidade. Parece estar fora moda e não é fácil de concretizar.

**Fidelidade é o ADN do amor
a felicidade é a sua obra Prima**



Sem Amor a



**humanidade
morreria.**





**Obrigado corações lindos
do 8º B**

Mariza - melhor de mim

Hoje, **a semente que dorme na terra**

E se esconde no escuro que encerra

Amanhã nascerá uma flor.

Ainda que a esperança da luz seja escassa

A chuva que molha e passa

Vai trazer numa gota amor.

Também eu estou à espera da luz

Deixou-me aqui onde a sombra seduz.

Também eu estou à espera de mim

Algo me diz que a tormenta passará.

É preciso perder para depois se ganhar

E mesmo sem ver acreditar!

É a vida que segue e não espera pela gente

Cada passo que dermos em frente

Caminhando sem medo de errar.

Creio que a noite sempre se tornará dia

E o brilho que o sol irradia

Há de sempre me iluminar.

Quebro as algemas neste meu lamento,
Se **renasço** a cada momento,
Meu destino na vida é maior.

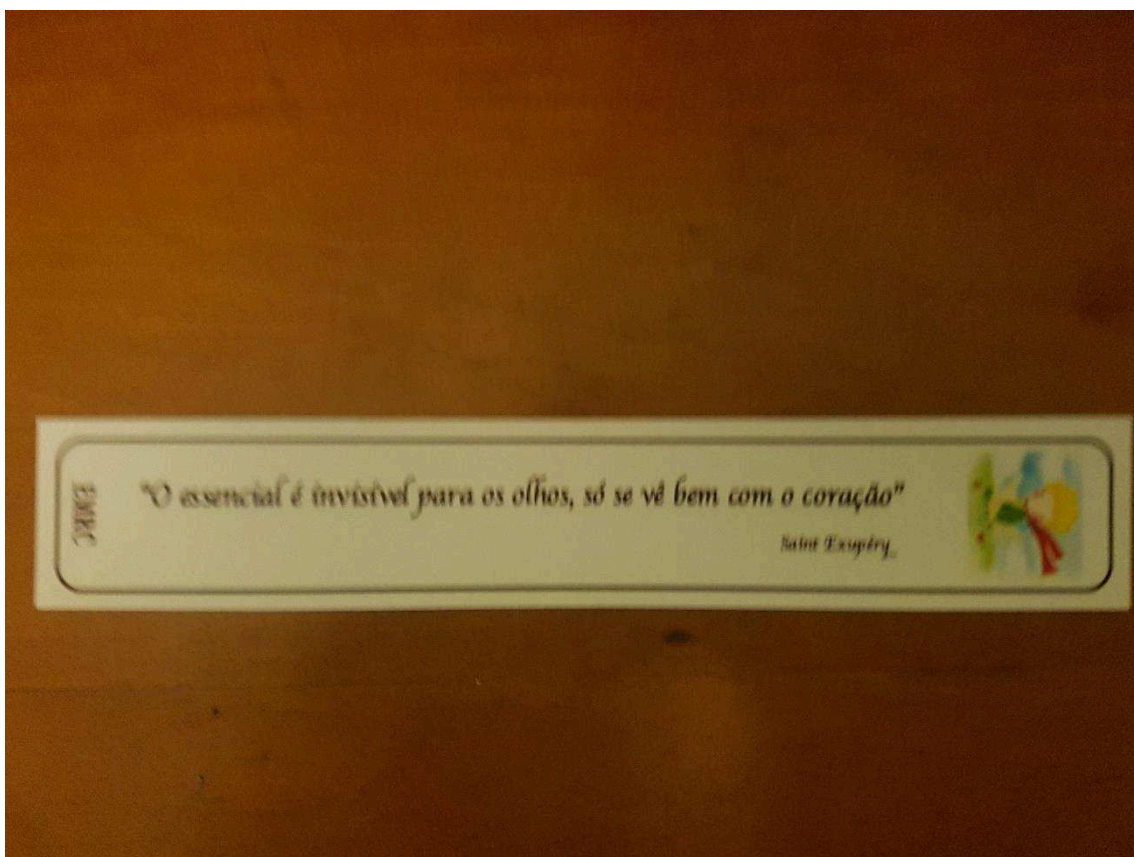
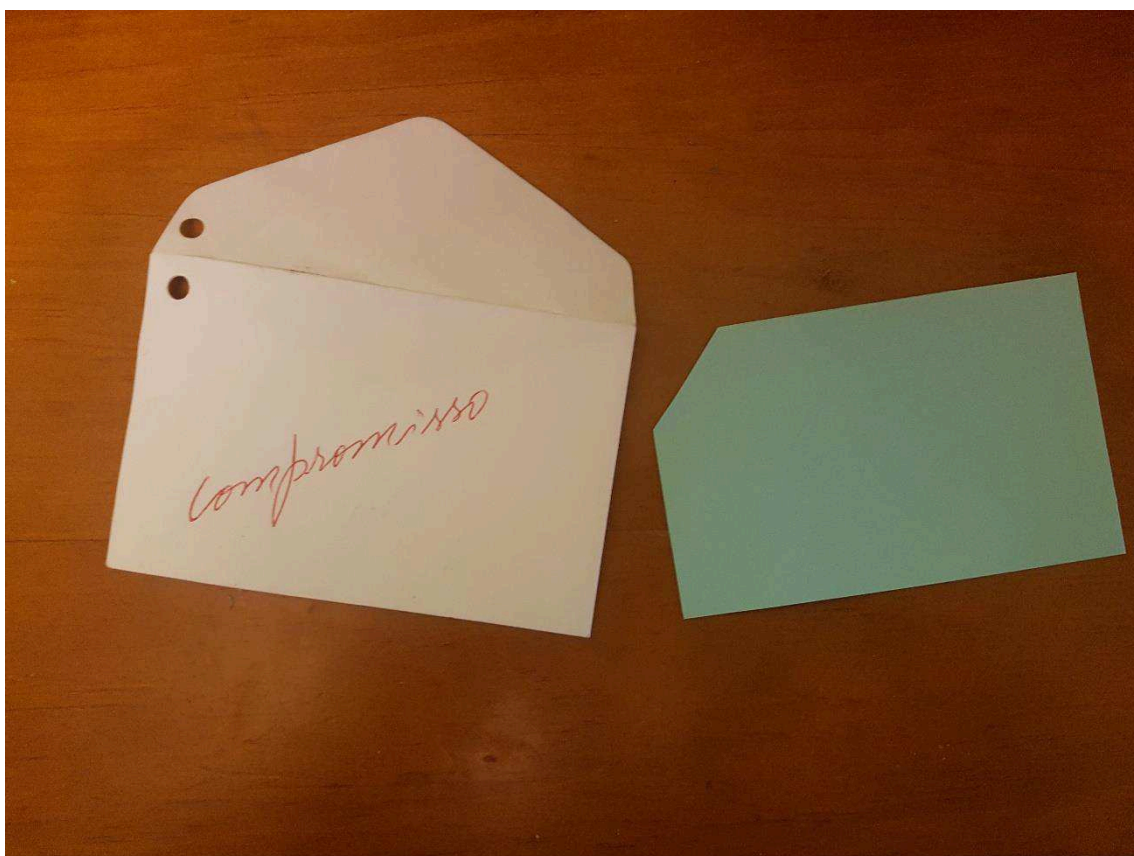
Também eu **vou em busca da luz**
Saio daqui onde a sombra seduz.
Também eu **estou à espera de mim**
Algo me diz que **a tormenta passará.**

É preciso perder para depois se ganhar
E mesmo sem ver acreditar!
É a **vida** que segue e **não espera** pela gente
Cada passo que dermos em frente
Caminhando **sem medo de errar.**
Creio que **a noite** sempre **se tornará dia**
E o brilho que o sol irradia
Há de sempre me iluminar.

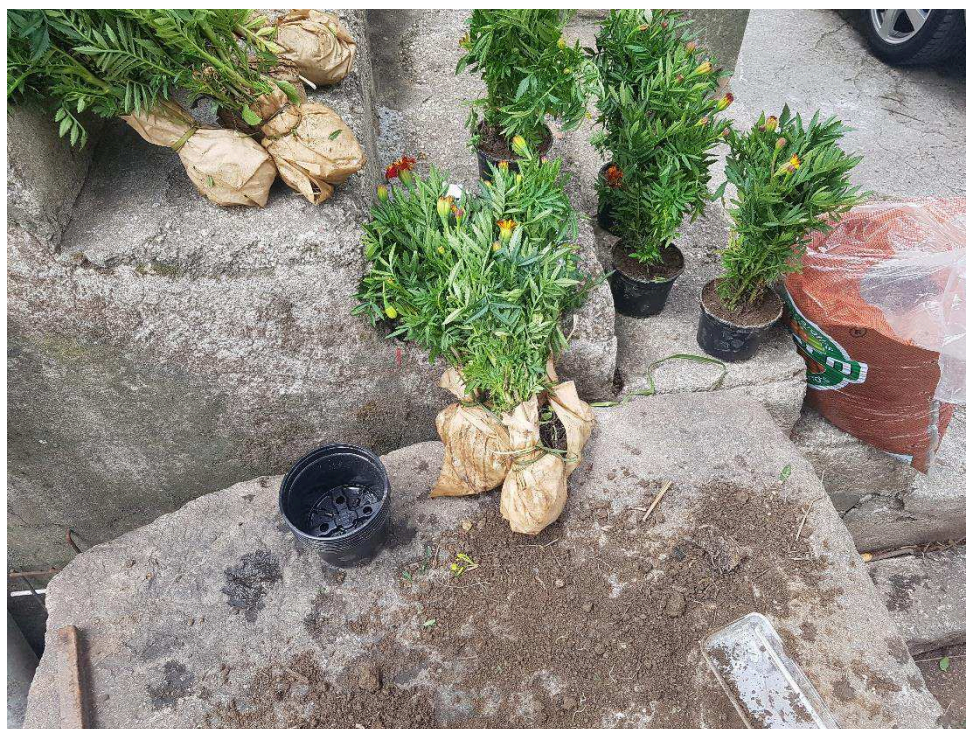
Sei que o melhor de mim está para chegar!
Sei que o melhor de mim **está por chegar.**
Sei que o melhor de mim **está para chegar!**

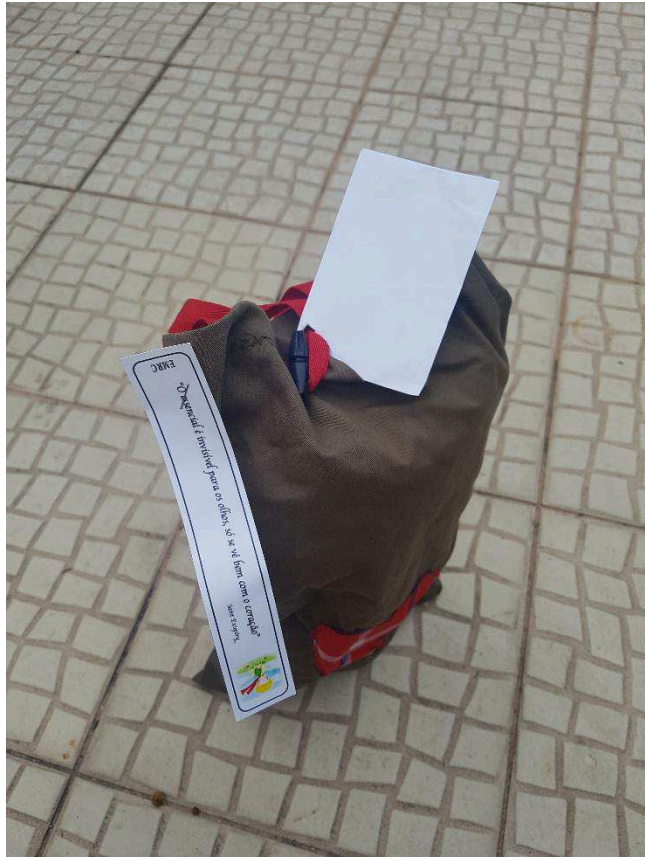
Letra: AC Firmino

ANEXO 6C - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula



ANEXO 6D - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula





ANEXO 6E - Materiais didático-pedagógicos da sexta aula



ANEXO 7 – O compromisso de sucesso da disciplina de EMR na concretização de Plano de Ação Estratégico do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro.

AGRUPAMENTO ESCOLAS DE TONDELA TOMAZ RIBEIRO

PLANO DE AÇÃO ESTRATÉGICO DE EMRC

Ao nível do **1.º Ciclo – Medida 1** - com base na diagnose realizada nos quatro anos de ensino do 1.º Ciclo, verifica-se heterogeneidade da proficiência da leitura e escrita, por falta de: vocabulário, geral e específico; de prática metódica e sistemática de leitura e escrita, em diversos contextos (lúdico e de aprendizagem escolar) e de cultura e literacia edificante, no meio sócio geográfico envolvente.

A disciplina de EMRC para ajudar a colmatar esta fragilidade que se torna num problema com o decorrer dos anos, propõe-se realizar leitura de textos, reconto de histórias e promoção de trabalhos mais lúdicos, em que está presente o vocabulário específico e a integração de morfossintaxe criativa.

Uma das fragilidades detetadas pelos professores de EMRC é a ausência de material audiovisual nas escola e centro educativo, em condições de utilização, o que não permite, muitas vezes, utilizar práticas didático-pedagógicas inovadoras, diferenciadas e indutoras de mudança, propostas pelo programa de EMRC, incluindo os seus materiais.

Ao nível do **2.º Ciclo – Medida 2** – na continuidade das dificuldades do 1.º Ciclo e o aumento da exigência do 2.º ciclo verificamos que os níveis baixos de proficiência da leitura e escrita são um dos obstáculos à compreensão de novos conteúdos que implicam maior autonomia e diligência proativa.

A disciplina de EMRC continuará na linha do 1.º Ciclo, em termos de leitura e escrita. Também propõe uma prática de pares e de grupos de trabalho, com o intuito dos discentes crescerem com autonomia e responsabilidade pelo trabalho individual e coletivo, em ordem a aprendizagens de pares com partilha de competências e conhecimentos adquiridos entre todos, assim como uma cidadania corresponsável.

Ao nível do **3.º Ciclo – Medida 3** – a maior dificuldade diagnosticada tem o cerne no comportamento e atitudes relativas ao saber estar e agir, pessoal e grupal. Estas dificuldades refletem-se no aproveitamento e sucesso, criando nos alunos ansiedade, pois não obtêm os resultados adquiridos no 2.º Ciclo. Paulatinamente, os discentes adaptam-se à nova realidade, isto é, mais atenção/concentração na realização das tarefas escolares e maior exigência na escrita/leitura/vocabulário/comunicação e na abstração/cálculo na diversidade das disciplinas. As respostas devem ser completas e estruturadas, evidenciando interpretação e compreensão de conhecimentos, alicerçados num saber sistemático e com vocabulário específico, o que se torna um obstáculo, por práticas facilitadoras (preenchimento de espaços, por exemplo), no 2.º Ciclo. Perante as mudanças pessoais, escolares e sociais, inerentes ao processo de crescimento, os educadores têm nesta fase da vida a responsabilidade de estar ainda mais atentos, pois a sua formação está em estruturação e necessitam de apoio e responsabilização orientada. Contudo, ao longo do 3.º Ciclo os registos/contactos com os encarregados de educação diminuem consideravelmente, reduzindo-se muitas vezes aos três momentos de avaliação quantitativa,

criando uma sensação de autonomia sem supervisão que não conduz ao autoconceito que está a cimentar-se para um futuro exigente e próximo.

A disciplina de EMRC faz do trabalho colaborativo uma adida no crescimento pessoal, escolar e social dos alunos do 3.º Ciclo, num crescendo de responsabilização que pretende conduzir à autonomia, ao autoconceito e à corresponsabilização. As atividades propostas para o Plano Anual de Atividades apresentam uma gradação de competências e conhecimentos, assim como grau de exigência que lhes permite refletir sobre temáticas essenciais aos adolescentes capazes de metamorfoses permanentes, que de lagartas se transformam em crisálidas, para serem neste processo, extraordinárias borboletas.

A leitura de textos cria, por vezes momentos de alguma exposição, nem sempre agradável para estas crisálidas. Mas ao serem transportados para oficinas de escrita, em grupo e com regras de equipa de trabalho cooperativo e colaborativo, constroem textos criativos que evidenciam diferenciação pedagógica de forma agradável e com abertura à vastidão de conhecimento linguístico e prático. Esta forma de aprender permite ler e estruturar a interpretação e compreensão partindo da crítica/reflexão, que resultam na exposição de trabalhos e elaboração de peças de teatro, com apresentação na sala de aula, na escola ou para a comunidade.

Ao nível do **1.º, 5.º e 7.º Anos – Medida 4** – a prática colaborativa centrada nos docentes tem falhas a começar por tempos comuns dos grupos disciplinares nos horários. As novas tecnologias permitem-nos redes de contacto muito próximas, mas não excluem momentos de reflexão presencias de planificação, partilha e elaboração de materiais, assim como avaliação de determinadas estratégias e atividades, no sentido de uma avaliação sustida em competências adquiridas e experienciadas.

A prática colaborativa na disciplina de EMRC, sempre que solicitada por outra disciplina tem ocorrido ao longo dos anos de forma residual, nomeadamente em História. Contudo, dado o tempo letivo que a disciplina dispõe faz da interdisciplinaridade uma mais valia com disciplinas como Ciências, História, Português, TIC e Artes. Faz parte do trabalho de grupo disciplinar o conhecimento de conteúdos adquiridos pelos alunos, efetuando diagnoses sobre diversos conteúdos inerentes à disciplina e lecionados nas parceiras já mencionadas.

As atividades realizadas no Agrupamento, fomentando a cultura do mesmo, têm sempre presentes conteúdos e objetivos programáticos que conduzem ao crescimento dos alunos como pessoas, integrados numa família, escola, sociedade e religião, com liberdade e corresponsabilidade para com o bem comum, sendo estes despertos, empreendedores e críticos sem receio de dizer a verdade, com argumentação e fundamentação estruturada, no conhecimento reflexivo, expresso na escrita, no diálogo ou nas diversas artes da ética à estética sem pragmatismo ou proselitismo.

A auto/hetero avaliação dos alunos e dos docentes, no sentido de se introduzirem as sugestões e alhear alguma das estratégias propostas, é um contínuo em todas as ações da disciplina de EMRC.

Os alunos com Necessidades Educativas Especiais são um desafio permanente, pois a regra é incluir cem por cento e ajudar a construir pontes de integração, respeitando as especificidades de cada um, valorizando a todos como pessoas únicas e capazes de fazer os outros felizes. Esta é forma mais positiva de pelejar o abandono escolar.